



CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA

Gissele Quirino Herculano Xavier

**A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL:
TRAJETÓRIAS ACADÊMICO-PROFISSIONAIS DE EGRESSAS DO CURSO
TÉCNICO EM EDIFICAÇÕES**

Belo Horizonte

2019



CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA

Gissele Quirino Herculano Xavier

**A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL:
TRAJETÓRIAS ACADÊMICO-PROFISSIONAIS DE EGRESSAS DO CURSO
TÉCNICO EM EDIFICAÇÕES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Educação Tecnológica.

Linha de Pesquisa II: Processos Formativos em Educação Tecnológica.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Adélia da Costa

Belo Horizonte

2019

X3d Xavier, Gissele Quirino Herculano
A divisão sexual do trabalho na educação profissional: trajetórias acadêmico-profissionais de egressas do curso técnico em edificações. / Gissele Quirino Herculano Xavier. – – Belo Horizonte, 2019.
127 f. : il.

Dissertação (mestrado) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica, 2019.
Orientadora: Profa. Dra. Maria Adélia da Costa

Bibliografia

1. Divisão do Trabalho por Sexo. 2. Relações de Gênero. 3. Ensino Profissional – Mulheres. I. Costa, Maria Adélia da. II. Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. III. Título

CDD 362.839



CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA - PPGET
Portaria MEC n°. 1.077, de 31/08/2012, republicada no DOU em 13/09/2012

Gissele Quirino Herculano Xavier

“A Divisão Sexual do Trabalho na Educação Profissional: Trajetórias Acadêmico-Profissionais de Egressas do Curso Técnico em Edificações”

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Educação Tecnológica do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET-MG, em 27 de fevereiro de 2019, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Tecnológica, aprovada pela Comissão Examinadora de Defesa de Dissertação constituída pelos professores:

Prof.ª Dr.ª Maria Adélia da Costa - Orientadora
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Prof.ª Dr.ª Raquel Quirino Gonçalves
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Prof.ª Dr.ª Julice Maria Resende Machado
IFMG- Campus Ouro Preto

Dedico este trabalho:

*Àqueles que desde sempre
se empenharam e se doaram
em nome de minha educação:
Maria Elena, minha mãe,
Marinho, meu saudoso pai...*

*Àqueles que são os maiores
amores e motivação da minha vida:
Amanda, minha filha,
Rafael, meu filho...*

*Àquelas que são a razão
da existência desta pesquisa:
Mulheres de garra,
muitas delas anônimas,
que lutam diariamente,
contra a limitação social,
econômica e cultural;
que tem a resistência como estratégia,
sem ao menos conhecê-la;
que fazem das discriminações de sexo/gênero,
o impulso para transgressão do status quo
rumo a uma sociedade mais
justa e equânime.*

AGRADECIMENTOS

A conclusão deste mestrado significa, antes de tudo, alcançar um sonho! Estive envolvida com a busca desta conquista desde julho de 2014. Neste período recebi apoio de muitas pessoas e assim agradeço:

Primeiramente a Deus e a Virgem Maria, que cuidam e conduzem a minha trajetória nesta vida.

A minha mãe Maria Elena, que não mediu orações e esforços para eu chegar até aqui. Meu maior exemplo de garra e determinação. Te amo!

Aos meus filhos Amanda e Rafael, minhas melhores produções, que em muitos momentos foram privados da minha companhia, mas souberam entender meu desejo de voltar a estudar.

A minha irmã Giovana e meu cunhado Rodrigo, pela acolhida em sua residência por diversas vezes e pelo incentivo.

Ao meu irmão Gileno, minha cunhada Márcia e meus sobrinhos Gileno Filho e Davi pela torcida e carinho, sempre!

Ao Geraldo, por todas as formas de colaboração e cuidado com meus filhos durante as várias ausências minha.

A minha orientadora, Profa. Dra. Maria Adélia da Costa, pelo voto de confiança em mim depositado e pela forma ousada e carinhosa com que me orientou a conduzir este trabalho.

A professora, tia, amiga e referência, Dra. Raquel Quirino, por suas extraordinárias contribuições e intervenções que enriqueceram esta pesquisa.

Ao grupo de Pesquisa FORQUAP – Formação e Qualificação Profissional, que me proporcionou a construção e solidificação do objeto de pesquisa. Foi lá que

tudo começou!

A todos os professores do Programa de Pós Graduação em Educação Tecnológica que participaram deste meu processo de aprendizado.

Ao Instituto Federal de Minas Gerais – IFMG campus Ouro Preto, em especial ao Sr. Wenilson Fonseca, Sr. Décio Marchi, Sra. Fabrícia Zanetti e a Profa. Dra. Julice Resende, por todo apoio e colaboração no estudo documental realizado no Instituto.

As meninas que aceitaram participar desta pesquisa que, a despeito de todas as suas (já muitas) atribuições diárias, encontraram um tempo para me conceder entrevistas e falarem de suas experiências de vida. Sem a participação de vocês esta pesquisa não teria acontecido.

A todas (os) minhas (os) companheiras (os) desta jornada no mestrado aos quais aprendi a amar e admirar. Em especial Bruna, Camila e Kelly. Vou sentir saudades!

Agradeço ao meu esposo e companheiro de vida Francisco, que embora faça parte da sociedade patriarcal e carregue consigo as dificuldades inerentes ao sexo masculino para compreender a trajetória de desafios e vitórias femininas no mundo, se esforçou para entender as minhas ausências físicas e psicológicas, meus momentos de preocupação e stress.

Foi uma fase importante, prazerosa e ao mesmo tempo árdua da minha vida.

A todos vocês, Muito Obrigada!

“Lutar pela igualdade sempre que as diferenças nos discriminem; lutar pela diferença sempre que a igualdade nos descaracterize.”

(Boaventura Sousa Santos)

RESUMO

Inserida na “Linha II: processos formativos em Educação Tecnológica” do Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica do CEFET-MG, que enfoca estudos na área de trabalho-educação, nos contextos econômicos, sociais, políticos e culturais, esse estudo busca desvelar e analisar as trajetórias acadêmicas profissionais das egressas do ano de 1996 do curso Técnico em Edificações da então Escola Técnica Federal de Ouro Preto, a fim de compreender as influências da divisão sexual do trabalho em suas escolhas acadêmicas e profissionais, bem como os desafios, dificuldades e estratégias de resistência para se inserirem e ascenderem profissionalmente nas áreas técnicas e tecnológicas. Para a realização deste trabalho recorreu-se às bases teóricas da Sociologia do Trabalho Francesa, de base materialista que comportam as Relações Sociais de Sexo derivadas da Divisão Sexual do Trabalho. A pesquisa empírica foi realizada com as egressas e o cerne da investigação foi categorizado em três pressupostos: (i) as influências da Divisão Sexual do Trabalho nas trajetórias acadêmica e profissionais dessas egressas, (ii) o trabalho produtivo e o reprodutivo, (iii) os limites, estratégias de resistência, desafios e possibilidades de ascensão profissional. Por meio do diálogo entre esses pressupostos e a teoria proposta, os resultados da análise dos dados apontaram para a compreensão dos limites da divisão sexual do trabalho, enfrentamentos e barreiras dessas mulheres, porém, ao longo revelaram que estas mulheres transgrediram o *status quo* impostos a elas pela sociedade que carrega grandes indícios patriarcais. As egressas, sujeitos da pesquisa, são exemplos de mulheres que com muita garra avançaram na busca do seu espaço no mundo do trabalho.

Palavras-chave: Divisão sexual do trabalho; relações sociais de sexo/gênero; educação profissional e tecnológica; trabalho.

ABSTRACT

In the "Line II: Formative processes in Technological Education" of the Post-Graduation Program in Technological Education of CEFET-MG, which focuses on studies in the area of work and education, in the economic, social, political and cultural contexts, this study seeks to unveil and to analyze the professional academic trajectories of the graduates of the 1996 Technical Course in Buildings of the then Federal Technical School of Ouro Preto, in order to understand the influences of the sexual division of labor in their academic and professional choices, as well as the challenges, difficulties and resistance strategies to enter and ascend professionally in the technical and technological areas. For the accomplishment of this work we resorted to the theoretical bases of the Sociology of the French Work, of materialistic base that comprise the Social Relationships of Sex derived from the Sexual Division of the Work. Empirical research was carried out with the graduates and the core of the research was categorized into three assumptions: (i) the influence of the Sexual Division of Labor on the academic and professional trajectories of these graduates, (ii) productive and reproductive work, (iii) the limits, strategies of resistance, challenges and possibilities of professional ascension. Through the dialogue between these assumptions and the proposed theory, the results of the data analysis pointed to the understanding of the limits of the sexual division of labor, confrontations and barriers of these women, but, in the long run, revealed that these women transgressed the status quo imposed on women. them by the society that carries great patriarchal clues. The graduates, subjects of the research, are examples of women who with much claw have advanced in the search of their space in the world of the work.

Key words: Sexual division of labor; social relations of sex / gender; professional and technological education; job.

LISTA DE QUADROS E GRÁFICO

QUADRO 1 – TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA ETFOP 46

QUADRO 2 - CURSOS/MODALIDADES OFERECIDOS NO IFMG – *campus*
OURO PRETO..... 49

GRÁFICO 1 - NÚMERO DE FORMANDOS POR SEXO/GÊNERO, POR ANO DE
COLAÇÃO DE GRAU.....54

ABREVIATURAS E SIGLAS

CAGED:	Cadastro Geral de Empregados e Desempregados
CEFET-MG:	Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
CEPAL:	Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe
C&T:	Ciência e Tecnologia
COEP:	Comitê de Ética em Pesquisa
D.E:	Departamento de Ensino
DPPG:	Diretoria de Pesquisa e Pós Graduação
EPT:	Educação Profissional e Tecnológica
ETFOP:	Escola Técnica Federal de Ouro Preto
EUA:	Estados Unidos da América
FORQUAP:	Grupo de Pesquisa em Formação e Qualificação Profissional
IBGE:	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEP:	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
MEC:	Ministério da Educação
MTE:	Ministério do Trabalho e Emprego
OIT:	Organização Internacional do Trabalho
Org.:	Organizador
Orgs.:	Organizadores
PDI:	Plano de Desenvolvimento Institucional
PNAD:	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
RAIS:	Relação Anual de Informações Sociais
RASEAM:	Relatório Anual Socioeconômico da Mulher.
RFEPT:	Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica
UFMG:	Universidade Federal de Minas Gerais
UFOP:	Universidade Federal de Ouro Preto
UNED:	Unidade de Ensino Descentralizada

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA E JUSTIFICATIVA	14
1.1 Objeto e sujeitos da pesquisa	17
1.2 Questões de pesquisa	17
1.3 Objetivos	18
1.3.1 Geral	18
1.3.2 Específicos	19
1.4 Categorias de análise	19
2. METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	20
3. REFERENCIAL TEÓRICO	26
3.1 Relações sociais de sexo/gênero: aproximações teórico-conceituais.	26
3.1.2 Divisão sexual do trabalho	28
3.1.3 Trabalho produtivo e trabalho reprodutivo	33
3.1.4 Trajetórias acadêmico-profissionais de mulheres na ciência e tecnologia (C&T): desafios, dificuldades e estratégias de resistência.....	39
4. APROXIMAÇÕES DO OBJETO DE ESTUDO E SEU CONTEXTO	44
4.1 A Educação profissional e tecnológica	44
4.1.2 O Instituto federal de educação, ciência e tecnologia de Minas Gerais – IFMG campus Ouro Preto	45
4.1.2.1 Perspectivas e desafios para o IFMG	47
4.1.2.2 Campus Ouro Preto: a realidade atual	48
4.1.3 O Curso de Edificações	49
4.1.4 A Inserção feminina no espaço acadêmico do IFMG campus Ouro Preto	51

5.	A PESQUISA EMPÍRICA	53
5.1	Trajetórias acadêmico-profissionais das egressas	53
5.1.2	Perfil das egressas	55
5.2	Análise dos dados	74
5.2.1	Influências da divisão sexual do trabalho nas trajetórias das egressas	74
5.2.2	Desafios e barreiras nas trajetórias das egressas para se inserirem e ascenderem profissionalmente	80
5.2.3	Estratégias de resistência das egressas para ocupar e permanecer em seus espaços acadêmico e profissional	91
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
6.1	Temas para futuras pesquisas.....	103
	REFERÊNCIAS	104
	APÊNDICE A	110
	APÊNDICE B	117
	APÊNDICE C	118
	APÊNDICE D	121
	APÊNDICE E	123
	APÊNDICE F	124
	APÊNDICE G	126

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica - Linha II: Processos Formativos em Educação Tecnológica, no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET-MG analisa as trajetórias acadêmico-profissionais de egressas do Curso Técnico em Edificações, no ano de 1996, da então Escola Técnica Federal de Ouro Preto (ETFOP), a fim de compreender as influências da divisão sexual do trabalho em suas escolhas acadêmicas e profissionais, bem como os desafios, dificuldades e estratégias de resistência dessas mulheres para se inserirem e ascenderem profissionalmente nas áreas técnicas e tecnológicas.

O presente trabalho está estruturado em seis capítulos, além da introdução. O capítulo 1, tem por objetivo trazer uma contextualização geral da problemática de pesquisa, explicitar a questão principal, bem como as questões secundárias norteadoras, o objeto de pesquisa, os objetivos, geral e específicos do estudo, também as categorias de análise.

O capítulo 2 descreve a metodologia e os procedimentos metodológicos da pesquisa, justificando a escolha das técnicas para levantamento e coleta de dados, além do método de análise dos achados empíricos.

O capítulo 3 apresenta o referencial teórico pertinente a este estudo. Aborda os principais conceitos das relações sociais de sexo/gênero e da divisão sexual do trabalho, desenvolvidos principalmente por Danièle Kér goat (2003) e Helena Hirata (2007); apresenta também elementos teóricos que evidenciam as possíveis dificuldades de inserção (Lima, 2013) e ascensão profissional (Morrison, 1992) das mulheres em suas trajetórias acadêmicas e profissionais em áreas tecnológicas.

O capítulo 4 resgata um breve histórico da educação profissional e tecnológica e o que ela se propõe para a formação humana, apresenta o *lócus* de pesquisa e o curso técnico em Edificações, situando o leitor no contexto histórico e social da área em estudo.

O capítulo 5 desenvolve a discussão dos achados empíricos, a análise e reflexão da problemática proposta na pesquisa à luz da teoria estudada.

Por fim, encerrando a dissertação, o capítulo 6 traz as considerações finais, nas quais os principais temas discutidos são abordados e algumas reflexões e sugestões de temas para pesquisas futuras são apontadas.

CAPÍTULO 1

APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA E JUSTIFICATIVA

Esta pesquisa problematiza as relações sociais de sexo/gênero, os desafios, dificuldades e estratégias de resistência, evidenciados nas trajetórias acadêmico-profissionais de alunas egressas, concluintes do Curso Técnico em Edificações, do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Minas Gerais, Campus Ouro Preto (IFMG-OP), antiga Escola Técnica Federal de Ouro Preto, no ano de 1996.

Adota-se nessa investigação, a teoria da divisão sexual do trabalho, com seus “dois princípios organizadores: (i) princípio da separação – em que há trabalho de homem e trabalho de mulher e (ii) princípio da hierarquia - em que o trabalho do homem vale mais que o trabalho da mulher”, como base material que determina as relações sociais de sexo/gênero (HIRATA e KÉRGOAT, 2007).

Objetiva-se inserir no debate acadêmico, sujeitos de pesquisa “sexuados”, dotados de subjetividade, cujas relações sociais, históricas e culturais embasadas na divisão do trabalho entre os sexos determinam suas escolhas educacionais e suas trajetórias no mercado de trabalho. Inserindo-se o sujeito do sexo feminino no centro da discussão busca-se romper com os padrões universais, quase sempre presentes nas pesquisas acadêmicas, cujos protagonistas são trabalhadores e estudantes do sexo masculino - o que Hirata (2002, p. 223) denomina pesquisas “*gender-blinded*”. Destarte, visa discutir os desafios da mulher para inserir-se em profissões e carreiras acadêmicas nas áreas técnicas e tecnológicas.

Ao estudar sobre a “Divisão Sexual do Trabalho” e as “Relações Sociais de Sexo/Gênero” no trabalho e na educação em disciplinas do Mestrado em Educação Tecnológica no CEFET-MG, verificou-se que, embora a mulher venha conquistando progressivamente seu espaço na vida profissional e educacional, quando se trata das relações sociais de sexo/gênero no mundo do trabalho, há muitas “barreiras” encontradas por elas para se inserir e ascender profissionalmente.

Os dados do INEP (2016) e do Ministério do Trabalho (BRASIL, 2016) mostram um crescimento expressivo de mulheres nos cursos superiores e no mercado de trabalho, porém, destacam-se como entraves para a inserção e ascensão feminina nesses espaços, as construções históricas e culturais que determinam à mulher papéis e áreas de atuação distintas das dos homens, sendo a

elas, destinadas as carreiras profissionais voltadas para o cuidado, como uma extensão do trabalho doméstico e aos homens, as atividades de maior relevância e prestígio social. Para além dos entraves da inserção feminina no mercado de trabalho destaca-se também, a “segregação horizontal” das mulheres em cursos e profissões tipicamente femininas e a “segregação vertical”, na qual elas não têm as mesmas oportunidades dos homens de ascender a cargos de prestígio e poder (OLINTO, 2011).

Nesse contexto, conforme afirmam Silva e Carvalho (2003, p.65), a “tecnologia pode ser um instrumento de divisão entre os sexos feminino e masculino”. Assim, historicamente vem cabendo à mulher um lugar secundário, tanto no mundo do trabalho quanto no acadêmico, uma vez que o homem tem assumido os cargos e postos de trabalho com mais prestígio e poder, sobretudo, quando se tratam de áreas tecnológicas.

Por outro lado, em que pese a condição feminina das mulheres, cujo “trabalho duplicado” (NOGUEIRA, 2006) é uma realidade na sociedade brasileira, questões relativas ao trabalho doméstico são relevantes para a compreensão das relações de gênero que perpassam as suas trajetórias acadêmico-profissionais.

O interesse por essa temática tem origem na trajetória pessoal, acadêmica e profissional da mestranda pesquisadora. Formada no Curso Técnico em Edificações na turma de 1996, pela então Escola Técnica Federal de Ouro Preto (ETFOP), hoje Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Minas Gerais – *campus* Ouro Preto (IFMG-OP), trabalhou por nove anos na área técnica em Edificações, prestando serviços a pequenas e grandes empresas. Concomitante ao trabalho técnico profissional desempenhado formou-se em Letras pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) no ano de 2001. Devido à sua falta de experiência profissional teve dificuldades de inserir-se no mercado de trabalho na sua nova área de formação e, por isso, permaneceu até 2010, desempenhando atividades de nível técnico. A partir de 2014, após cursar disciplinas isoladas no Mestrado em Educação Tecnológica no CEFET-MG e participar do grupo de pesquisa - Formação e Qualificação Profissional – FORQUAP, Linha 2: “Relações de Gênero na C&T, no trabalho e na educação”, teve a oportunidade de ingressar na carreira docente, como professora de inglês na educação básica em escolas públicas no município de Mariana-MG.

As dificuldades vivenciadas durante sua experiência profissional foram corroboradas pelos estudos teóricos realizados até então, o que lhe possibilitou a

compreensão dos desafios acadêmicos e profissionais enfrentados no mercado de trabalho devido à sua condição feminina. Assim, evidenciou, tanto na prática, quanto na teoria, que embora a mulher venha conquistando progressivamente espaços na vida profissional e educacional, quando se trata das relações sociais de sexo/gênero, há muitas barreiras encontradas por elas para se inserir e ascender profissionalmente em áreas técnicas e tecnológicas.

Tal assertiva é confirmada por Toledo (2008) quando afirma que

o enfrentamento contra as desigualdades e injustiças vem sendo, para a mulher trabalhadora, uma das facetas mais sórdidas do capitalismo. O enfrentamento contra o desemprego, os baixos salários, as más condições de vida vêm ocorrendo com a mulher nessas condições de opressão (TOLEDO, 2008, p. 21).

O senso comum afirma a existência de um avanço na redução das desigualdades de oportunidades para homens e mulheres no mundo do trabalho, devido à introdução das novas tecnologias e uma evolução da gestão empresarial na tentativa de corrigir tradicionais práticas discriminatórias. No entanto, pesquisas, tais como a de Quirino (2011, p.158), evidenciam que “as fronteiras da desigualdade entre o trabalho do homem e da mulher modificaram-se, mas ainda estão longe de deixar de existir”. Também Hirata (2002, p. 198) confirma que “o controle masculino da tecnologia desqualifica as mulheres da mesma maneira que os técnicos e cientistas do capital desqualificam os operários”.

Nesse contexto, entre o público e o privado, o homem e a mulher, o político e o social, as mulheres vêm adquirindo grandes conquistas, como igualdade civil, o direito ao trabalho assalariado, a participação política, o direito à instrução, porém, apesar destas e outras conquistas, elas ainda encontram resistência e continuam vivenciando o dilema da desigualdade, devido à naturalização das relações sociais.

Dessa forma, o problema relativo à invisibilidade das mulheres e do trabalho por elas realizado, conduz o foco das análises para as categorias “relações de sexo/gênero” e “divisão sexual do trabalho” (HIRATA e KÉRGOAT, 2007, 2009), que ressaltam as especificidades dessas relações entre homens e mulheres construídas a partir de práticas concretas da vida cotidiana.

Como todo processo histórico traz consigo o caráter contraditório, bem como avanços e retrocessos, busca-se nesse âmbito de qualificação/desqualificação feminina e de inserção de mulheres no mercado de trabalho em áreas técnicas,

consideradas hegemonicamente masculinas, ressaltar os aspectos das condições da mulher no mundo do trabalho, bem como evidenciar os avanços, as lutas e conquistas rumo a desnaturalização das desigualdades sociais, as quais multiplicam estereótipos e supervalorizam diferenças biológicas e culturais entre homens e mulheres.

Destaca-se nesse contexto que investigar as trajetórias acadêmico-profissionais das egressas de um curso técnico, ao mesmo tempo em que apresenta um desafio é também uma motivação à mestranda pesquisadora, posto que os sujeitos dessa pesquisa foram suas colegas de curso técnico e concluíram o curso juntas.

1.1 Objeto e sujeitos de pesquisa

O objeto desvelado na presente pesquisa são as influências da divisão sexual do trabalho nas escolhas acadêmico-profissionais de egressas concluintes do Curso Técnico em Edificações, da então ETFOP, do ano de 1996, bem como os desafios, dificuldades e estratégias de resistência para se inserirem e ascenderem profissionalmente nas áreas técnicas e tecnológicas. A apreensão do objeto se fez a partir da análise das trajetórias dessas mulheres e das escolhas feitas por elas.

1.2 Questões de pesquisa

Em que pese a individualidade e a subjetividade das egressas do curso técnico em Edificações da então ETFOP, no ano de 1996, a questão principal que norteia esta pesquisa é: em que medida a divisão sexual do trabalho e as relações sociais de sexo/gênero influenciaram as escolhas e trajetórias acadêmico-profissionais dessas mulheres, bem como os desafios enfrentados por elas para se inserirem no mundo do trabalho e em carreiras acadêmicas nas áreas técnicas e tecnológicas.

Por se tratar de um “sujeito sexuado”, tal questão é colocada no intuito de se apreender os impactos da divisão sexual do trabalho, com seus dois princípios organizadores (Hirata e Kérgeat 2007), nas trajetórias dessas mulheres, tanto em termos de formação acadêmica, quanto no mercado de trabalho.

Outras questões que perpassam esta pesquisa e que auxiliam na apreensão do objeto são:

Essas egressas concluintes se inseriram no ensino superior? Em quais cursos e áreas de conhecimento? O curso escolhido foi feito em universidade pública ou privada? Quais as razões para a escolha do curso e da universidade?

Se inseridas no mercado de trabalho, em quais cargos e funções? Em quais áreas?

Se na inatividade, quais os fatores que contribuíram ou ainda contribuem para tal situação?

Quais as dificuldades, desafios e estratégias desenvolvidas por essas mulheres egressas no mundo do trabalho e no ambiente doméstico?

Essas e outras questões (vide roteiro das entrevistas semiestruturadas – apêndice C) nortearam a presente pesquisa, que em seus limites, traz respostas que evidenciam, como e de que forma, as mulheres, sujeitos da pesquisa, estão se sujeitando aos estereótipos históricos - que reservam lugares predeterminados a elas, ou, por outro lado, estão rompendo paradigmas e reduzindo as condições de desigualdades de gêneros no mundo do trabalho.

Espera-se, por meio dessa investigação, contribuir para a reflexão e produção de conhecimentos acerca da educação profissional, do trabalho feminino e da divisão sexual do trabalho nas áreas técnicas que “reservou às mulheres a esfera reprodutiva e aos homens, a esfera produtiva, estabelecendo uma relação assimétrica e antagônica entre os sexos que cria e reproduz concomitantemente as desigualdades de papéis e funções na sociedade” (SOUSA; GUEDES, 2016, P. 125).

1.3 Objetivos

1.3.1 Geral

Analisar trajetórias acadêmico-profissionais de egressas concluintes do Curso Técnico em Edificações, da então ETFOP, no ano de 1996, a fim de se compreender as influências da divisão sexual do trabalho em suas escolhas, bem como os desafios, dificuldades e estratégias de resistência delas para se inserirem e ascenderem profissionalmente nas áreas técnicas e tecnológicas.

1.3.2 Específicos

- Verificar como se deu a continuidade dos estudos e/ou atuação no mercado de trabalho das egressas concluintes do curso técnico em Edificações, da então ETFOP, do ano de 1996 até a presente data; as motivações para a continuidade dos estudos; as escolhas dos cursos e das universidades após a conclusão do ensino técnico; os fatores que contribuíram para uma possível inatividade nesse percurso e/ou mudança de área de atuação, bem como sua inserção e/ou ascensão acadêmica e profissional.
- Identificar as dificuldades e desafios evidenciados por elas no mundo acadêmico e no mercado de trabalho e as estratégias de resistência desenvolvidas para se inserirem, permanecerem e/ou ascenderem nas áreas técnicas e tecnológicas.
- Identificar em que medida as escolhas acadêmicas e profissionais dessas mulheres foram influenciadas por sua condição feminina.

1.4 Categorias de Análise

A partir da questão principal, das questões secundárias de pesquisa e dos objetivos específicos apontados, as categorias escolhidas para a análise dos dados empíricos foram:

- A divisão sexual do trabalho nas trajetórias acadêmicas e profissionais das mulheres egressas do curso técnico em Edificações.
- O trabalho da mulher: produtivo e reprodutivo.
- Limites, estratégias de resistência, desafios e possibilidades de ascensão da mulher no mundo do trabalho.

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo pretende-se abordar os procedimentos metodológicos que possibilitaram realizar a pesquisa. Destaca-se o critério de escolha das participantes, o instrumento utilizado na coleta dos dados e o modo como se deu o processo de análise do material discursivo.

A presente pesquisa foi realizada em uma abordagem qualitativa, que segundo Deslauriers (1991) possui caráter imprevisível e o conhecimento do pesquisador é parcial e limitado. Segundo o autor, o objetivo das amostras coletadas é produzir informações aprofundadas e ilustrativas, pequenas ou grandes. O importante nas amostras é que elas sejam capazes de produzir novas informações.

Segundo Alves-Mazzoti e Gewandsznajder (1999, p. 131), a principal característica da pesquisa qualitativa, é:

o fato de que estas seguem a tradição “compreensiva” ou interpretativa. Isto significa que essas pesquisas partem do pressuposto de que as pessoas agem em função de suas crenças, percepções, sentimentos e valores e que seu comportamento tem sempre um sentido, um significado que não se dá a conhecer de modo imediato, precisando ser desvelado. (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, p. 131)

Nesse contexto, Spindola e Santos (2003) ainda afirmam que:

A pesquisa qualitativa preocupa-se com os indivíduos e seus ambientes em suas complexidades, não havendo limites ou controle impostos pelo pesquisador. Desse modo, baseia-se na premissa de que os conhecimentos sobre os indivíduos só são possíveis com a descrição da experiência humana, tal como ela é vivida e tal como ela é definida por seus próprios atores. (SPINDOLA E SANTOS, 2003, p. 120)

Desta forma, a pesquisa qualitativa, exige uma aproximação entre o pesquisador e os pesquisados, de forma a adquirir uma relação de confiança e interação entre eles.

Foi realizada ainda uma análise documental “contextualização histórica e sociocultural” (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, J. F., 2009, p. 02) e empírica,

apreendendo os principais conceitos, teorias, dados e informações que possibilitassem a compreensão do fenômeno em estudo.

Quanto aos objetivos, a pesquisa foi realizada numa abordagem exploratória, descritiva, explicativa e crítica-analítica. Conforme Gil (2002, p. 89), pesquisas exploratórias objetivam proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito, envolvendo: “(a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e, (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão”.

Classifica-se como descritiva, segundo Triviños (1987) por descrever fatos e fenômenos, como estudo de caso, desenvolvido neste trabalho. Também é explicativa por identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos, como uma continuação da descritiva (GIL, 2002). A análise crítica foi empregada no intuito de ir além da aparência descritiva e explicativa do fenômeno e buscou atingir sua essência.

A partir das teorias da divisão sexual do trabalho e as relações sociais de sexo, que implicam em introduzir a contradição e o antagonismo entre grupos sociais no centro da análise (QUIRINO, 2011), os achados empíricos foram analisados em uma perspectiva dialética, buscando construir a síntese a partir da relação de tensão e das contradições, da contextualização e da historicidade, conforme proposto por Wachowicz (2001).

Dessa forma, a investigação aqui proposta situa-se no plano histórico, econômico e social sob o aspecto das relações contraditórias e conflitantes, que desenvolvem e transformam o real. O desafio posto foi trazer para o plano do conhecimento essa dialética do real, conforme alerta Frigotto (2010, p.82) e romper com o modo de pensar dominante ou com a ideologia dominante. E ainda, conforme sugere Gramsci (1978), apresentar uma atitude polêmica e crítica, como superação da maneira de pensar precedente e do pensamento concreto existente.

Primeiro momento: Levantamento teórico-documental

Para a compreensão teórica do objeto de estudo, foi realizado um levantamento bibliográfico em livros, artigos científicos, dissertações, teses, indicadores e dados sociais permeando os eixos temáticos que se entrecruzam na discussão teórico-documental da pesquisa abordando:

- (i) Relações de sexo/gênero e divisão sexual do trabalho;
- (ii) Desafios, barreiras e estratégias de resistência;
- (iii) Educação Profissional e Tecnológica.

Ainda nesse contexto, destaca-se um levantamento documental no lócus da pesquisa, o IFMG, *campus* Ouro Preto. A pesquisadora se deslocou à Instituição e buscou informações sobre a trajetória da Escola desde a sua criação e sobre o curso de Edificações, tais como os desafios da inserção da mulher na instituição enquanto discente e docente, como se deu a criação do curso de Edificações e a trajetória feminina neste curso. Por último, foi realizado um levantamento específico da turma de alunos de 1996, como o número de mulheres e homens que concluíram e colaram grau de técnico, a fim de verificar as possíveis disparidades ou até mesmo igualdade entre homens e mulheres que buscavam a formação técnica para além da formação propedêutica.

Na oportunidade, ressalta-se que devido às mudanças históricas e políticas na trajetória da Instituição, a pesquisadora se deparou com alguns desafios na obtenção dos dados, visto que muitos deles estão alocados em livros, pastas e papéis e não foram compilados em arquivos digitais que possivelmente seriam mais tangíveis à pesquisadora.

Segundo momento: Coleta de dados em campo

Após aprovação do projeto de pesquisa junto ao Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica do CEFET-MG e junto ao Comitê de Ética em Pesquisa registrado junto ao CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa), a coleta inicial de dados iniciou-se a partir do envio um questionário online (vide apêndice B) às egressas para mapeamento das mesmas, de acordo com a acessibilidade virtual, a fim de promover uma melhor análise do perfil delas, bem como verificar a possibilidade de acesso pessoalmente para a realização das entrevistas semiestruturadas, visto que algumas egressas não residem nas proximidades.

O contato inicial, anterior ao envio do questionário, foi a partir de um grupo de whatsapp composto por todos os egressos (homens e mulheres) do curso de Edificações integrado, do ano de 1996. Foram solicitados os emails das mulheres pertencentes a esse grupo, para envio do questionário preliminar, que a priori

buscava a localização dessas egressas, a identificação das trajetórias acadêmica e profissional percorridas e a disponibilidade de acesso para a futura entrevista. Do total de 20 mulheres pertencentes ao grupo, 17 retornaram com seus emails.

Após o envio do questionário via email às 17 egressas, 13 retornaram devidamente preenchidos ao email da pesquisadora. As outras quatro egressas não retornaram e não justificaram o porquê do não retorno do questionário preenchido. Todas as participantes responderam a um mesmo roteiro de perguntas, individualmente. A elaboração do questionário obedeceu aos tópicos que se desdobravam numa ordem cronológica dos fatos, iniciando por questões desde a inserção na ETFOP, no curso técnico em Edificações, passando pela trajetória acadêmica de nível superior, inserção e ascensão profissional, até os dias atuais perpassando aspectos da vida pessoal, como casamento e filhos.

A partir da análise preliminar do questionário, como instrumento de coleta de dados, optou-se pela entrevista semiestruturada com quatro egressas, que segundo Alencar (1999) esse formato de entrevista permite o maior aprofundamento de algumas questões. Apesar de haver um roteiro prévio, ele possibilita reformulação e acréscimo de itens ou questões no decorrer da entrevista.

Embora as 17 egressas que responderam o questionário, tenham vivenciado trajetórias semelhantes, buscou-se a seleção por meio do critério de acessibilidade e trajetórias díspares entre elas. A entrevista, apesar de obedecer a um roteiro, possibilitava questões flexíveis, que permitiram às mulheres discorrer sobre suas trajetórias de vida, desde a inserção no curso técnico em Edificações em 1996 até os dias atuais.

Os tópicos do roteiro da entrevista semiestruturada (vide apêndice C) foram desenvolvidos a fim de estimular a entrevistada a discorrer de forma abrangente sobre as escolhas das trajetórias acadêmicas, sobre seu percurso profissional, desafios e barreiras ao longo das suas trajetórias e os impactos em sua vida pessoal.

Neste sentido, o roteiro de entrevista criado serviu como base de apoio, sendo a temática que se desejava discutir alcançada através de uma conversa e interação entre a participante e a pesquisadora. Os assuntos abordados estavam relacionados aos objetivos específicos da pesquisa: escolhas das trajetórias acadêmico-profissionais dessas egressas; motivações, desafios e dificuldades

nessas trajetórias; influências da condição feminina nas escolhas das trajetórias acadêmicas e profissionais.

As alunas selecionadas se dispuseram a participar espontaneamente da entrevista. Antes, porém, considerando as diretrizes para pesquisa com seres humanos, que buscam a proteção dos direitos envolvidos na pesquisa, conforme os aspectos éticos indicados pela Resolução N^o 466/12, do Conselho Nacional de Saúde, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (vide apêndice D) e seus nomes, foram mantidos sob sigilo em todo o processo da pesquisa, sendo substituídos na análise dos dados por algarismos alfanuméricos.

As entrevistas foram realizadas individualmente, em datas, horários e locais marcados com cada participante de acordo com a sua disponibilidade, com duração média de uma hora e trinta minutos.

Com a autorização das participantes (vide apêndice E), as entrevistas foram gravadas em áudio pela própria pesquisadora e transcritas na íntegra também por ela, nas quais procurou preservar as pausas, expressões e a linguagem utilizada no cotidiano, podendo ser encontradas nas transcrições das entrevistas, o uso de linguagem que eventualmente fere a norma culta.

Terceiro momento: Análise dos dados e síntese da investigação

As análises dos relatos das entrevistas foram realizadas por meio da análise do discurso, como um processo de diálogo, “um encontro conversacional” (NOGUEIRA, 2001), de forma que as intervenções do pesquisador também são consideradas no processo de análise. Tais elementos são considerados ativos e construtivos e tão importantes quanto as respostas cedidas pelos entrevistados.

Nessa perspectiva, verifica-se que o importante não é identificar se os discursos são verdadeiros ou não, mas a compreensão possível do que pode implicar a utilização desses discursos por esse conjunto de mulheres entrevistadas.

Assim, uma análise que inter-relacionasse a trajetória das egressas e a divisão sexual do trabalho, bem como as experiências, desafios, barreiras e estratégias de resistências vivenciadas neste período foi o grande desafio deste trabalho.

Buscou-se ainda estabelecer a análise do diálogo entre a teoria da divisão sexual do trabalho e as relações sociais de sexo e suas interfaces com a dinâmica

da prática vivenciada por cada entrevistada através do seu discurso. Objetivou-se ir além das impressões, da descrição dos fatos, passando do plano abstrato para o concreto, estabelecendo um diálogo entre a teoria e empirismo e assim elaborar a síntese da investigação, através da manifestação coerente e clara da complexidade do objeto investigado.

O processo de análise iniciou a partir das transcrições das entrevistas. Duarte (2004) afirma que uma transcrição de boa qualidade deve passar por uma conferência de fidedignidade e conter os detalhes, pois eles permitem compreender os sentidos das falas inseridas em um determinado contexto interativo para evitar respostas induzidas. Todas as entrevistas foram transcritas buscando preservar a forma como as participantes falaram, respeitando seus erros de pronúncia, concordância, pausas e etc.

Após a transcrição, foi realizada uma leitura detalhada do material das entrevistas. É importante ressaltar mais uma vez que o tipo de análise do discurso desenvolvido aqui compreende a entrevista como um processo dialógico, por isso a importância de transcrever na íntegra a entrevista, considerando tanto as respostas realizadas pelos entrevistados quanto as perguntas realizadas pelo entrevistador (POTTER; WETHERELL, 1987, apud NOGUEIRA, 2001).

Além disso, essa fase organiza o processo de análise, possibilitando a familiarização com o texto e uma pré-análise do material, ou seja, a marcação do texto a fim de identificar os enunciados discursivos sobre o fenômeno pesquisado.

Toda a leitura e análise do material das entrevistas foram baseadas na teoria que serviu de suporte para essa pesquisa.

Assim, na análise dos dados, os depoimentos das participantes estabelecem um diálogo com os pressupostos teóricos que não se apresentam com caráter apenas ilustrativo. Teoria e relatos se entrelaçam com a pretensão de enriquecer o estudo da temática e contribuir para a discussão de um tema tão importante e atual.

CAPÍTULO 3

REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Relações sociais de sexo/gênero: aproximações teórico-conceituais

O termo “gênero”, idealizado por feministas, que emergiu na década de 1970, remete a um conceito que desnaturaliza as diferenças biológicas entre o sexo feminino e o masculino, consideradas inatas. Conforme afirma Piscitelli (2009, p. 119), autoras feministas utilizam “gênero” para referir-se ao caráter cultural das distinções entre homens e mulheres. Desta forma, sexo está vinculado à biologia e o gênero à construção social.

Baseado nesta concepção de gênero, feministas afirmavam que embora seja comum haver divisão entre o trabalho do homem e da mulher, estes não são fixos e resultam no papel social (relações sociais) da sociedade a que pertencem.

Para Simone Beauvoir (PISCITELLI, 2009, p. 132), “ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto”. Dessa forma, as diferenças entre homens e mulheres são buscadas no meio social a que pertencem e não nas diferenças e características biológicas dos sexos.

Nesse contexto, Kér goat (2002) também, afirma que “homens e mulheres não são produtos de um destino biológico, são antes de tudo, construções sociais”, e vai além quando diz que homem e mulher estão engajados em uma relação social específica: “as relações sociais do sexo”, que tem base material no “trabalho” e se exprimem através da divisão social do trabalho entre os sexos, chamada de maneira concisa de “divisão sexual do trabalho.”

A divisão sexual do trabalho é uma importante categoria para compreensão do processo de constituição das práticas sociais permeadas pelas construções dos gêneros a partir de uma base material. O termo “práticas sociais” aqui é usado como uma noção indispensável que permite a passagem do abstrato ao concreto: poder pensar simultaneamente o material e o simbólico, restituir aos atores sociais o sentido de suas práticas para que o sentido não seja dado de fora por puro determinismo. (KÉRGOAT, 1996, apud QUIRINO 2015, p. 233)

Para autoras como Louro (1997) Piscitelli (2009) que abordam a categoria gênero numa perspectiva cultural e pós-estruturalista, a subordinação feminina, varia entre as diversas sociedades e ao longo dos períodos históricos, e a opressão é universal em todos os cantos do planeta. Para Kérigoat (1996), as relações sociais baseiam-se na ideia de “relações antagônicas” entre dois grupos sociais – homens e mulheres, cuja dimensão “opressão”, baseada nas relações sociais abstratas, está contida na dimensão “exploração”, baseada em práticas sociais concretas. “A divisão do trabalho é assim, indissociável das relações sociais entre homens e mulheres, que são relações de exploração, de opressão entre duas categorias de sexo socialmente construídas (HIRATA, 2002, p.281)”. Dessa forma, na sociedade capitalista, a mulher padece da dupla carga de “opressão”, que é a marginalização pelo seu sexo feminino e da “exploração” pelo capital, como operária e dona de casa.

O termo “relações de gênero” surgiu a partir do conceito de “gênero” enquanto construção histórica e social entre as sociedades e do conceito de relações sociais do sexo, enquanto relações antagônicas, de embate e hierarquia entre homens e mulheres que se prende às práticas sociais.

Para Quirino,

A possibilidade de pensar as práticas materiais e ao mesmo tempo as construções simbólicas (evitando o essencialismo biológico ou a sustentação exclusiva na dimensão econômica), fez com que esse conceito fosse assumido também pelo feminismo de base marxista, preocupado em responder à permanência de relações de opressão entre homens e mulheres, mesmo em contextos econômicos e políticos diferenciados (QUIRINO, 2015, p.232).

Diante disto, pretende-se nessa pesquisa, pensar as dimensões simbólicas e materiais simultaneamente, o que envolve as relações antagônicas entre os grupos sociais de homens e mulheres por meio da “divisão sexual do trabalho”, que aqui será apresentada e reafirmada pelo caráter de dominação e de relação de poder que coloca a mulher em desvantagem ao homem.

Destarte, torna-se essencial a ruptura radical com as explicações biológicas e naturais sobre as diferenças entre as práticas sociais masculinas e femininas, colocando as relações de gênero ou relações sociais de sexo na perspectiva materialista histórica, tratada como relações antagônicas e de embate entre os sexos na sociedade.

Kérgeat (1996) enfatiza que as diferenças entre os sexos são construídas socialmente e que as relações sociais são tensões entre dois grupos sociais (homens e mulheres) que giram em torno de uma questão: o trabalho e suas divisões. Portanto, as relações sociais de sexo e a divisão sexual do trabalho são indissociáveis e formam epistemologicamente um sistema em que a divisão sexual do trabalho assume um status de *enjeu*¹ das relações sociais de sexo e possui uma visão sexuada da organização da sociedade em classes.

Nessa pesquisa será adotado o termo relações sociais de sexo e/ou o termo relações de gênero, com o intuito de enfatizar a reciprocidade do termo gênero, que embora priorize a análise sobre as mulheres, um só existe em relação ao outro, bem como as “relações sociais” que conforme afirma Kérgeat (1996) enfatiza a relação de tensão e embate entre homens e mulheres que atravessa o campo social.

Outrossim, Quirino (2015) corrobora a escolha da categoria relações sociais de sexo/gênero, quando afirma que

a adoção da categoria “relações sociais de sexo”, ao invés de “gênero” ou “relações de gênero”, leva a uma visão sexuada dos fundamentos e da organização de sociedade ancorados materialmente na divisão sexual do trabalho. Esta perspectiva permite a visão global do social em termos dinâmicos, pois ela repousa em antagonismos e contradições, bem como em termos materialistas, “pois toda relação social tem um fundamento material”. E como o conceito de relações sociais de sexo se prende à noção de prática social, essa abordagem permite a passagem do abstrato ao concreto e possibilita pensar simultaneamente as dimensões materiais e simbólicas que envolvem as relações sociais entre homens e mulheres (QUIRINO, 2015, p.6).

Dessa forma, a adoção das categorias “relações sociais de sexo” e “relações de gênero”, neste trabalho, adota uma visão sexuada da sociedade, ancorados na base material da divisão sexual do trabalho.

3.1.2 Divisão sexual do trabalho

A divisão sexual do trabalho foi a primeira forma de divisão social entre os sexos, antes mesmo do surgimento da produção excedente (MURARO, 1992), o que diferenciava as atividades masculinas e femininas, já que neste período competia aos homens a caça, enquanto às mulheres cabiam a coleta e preparação dos alimentos e a criação dos filhos. Nesta época, as atividades se equalizavam, não

¹ Enjeu, em francês, significa o que está em jogo (Kérgeat, 2009).

havendo, portanto, privilégio garantido a nenhum sexo. Ocorre que com a produção excedente e o desenvolvimento do modo de produção capitalista, a divisão sexual do trabalho tomou nova forma, redefinindo o trabalho entre produtivo e reprodutivo, alterando a estrutura familiar.

Segundo Muraro (1992, p. 62), para Marx e Engels a divisão sexual do trabalho dá origem a uma divisão social do trabalho - uma classe dominante e outra dominada e ao aperfeiçoamento de tecnologias. Neste contexto, o sexo feminino, reduziu-se ao âmbito privado, a fim de fornecer o maior número possível de filhos para auxiliar nas tarefas de arar a terra.

Kér goat (2003), afirma que homens e mulheres apesar de serem indivíduos biologicamente diferentes, são as construções sociais que formam dois grupos sociais envolvidos numa relação específica: as relações sociais de sexo e que estas, como todas as relações sociais possuem uma base material, no caso o trabalho, que se exprime por meio da divisão social do trabalho entre os sexos, a que denominamos divisão sexual do trabalho.

Hirata e Kér goat (2007) apontam que o termo “divisão sexual do trabalho” vai muito além da distribuição distinta entre homem e mulher no mercado de trabalho, ofícios e profissões e da desigual divisão sexual do trabalho. Para as autoras, a divisão sexual do trabalho mostra que as desigualdades são sistemáticas e a descrição do real se apresenta como reflexão hierarquiza das atividades e cria um sistema de gênero, por isso seria necessário repensar o “trabalho” e mais além, o trabalho doméstico.

Até meados do século XIX, todo o trabalho da esfera produtiva realizado no espaço público era destinado ao homem - principal provedor da família, e o trabalho reprodutivo, realizado no ambiente privado do lar, reservado à mulher, cujas características biológicas determinavam as suas práticas sociais, que conforme já citado, permite a passagem do abstrato ao concreto, pensando-se simultaneamente o simbólico e o material, para que não se atribua sentido ao determinismo biológico (KÉRGOAT, 1996).

Nessa organização de divisão social do trabalho entre os sexos, na qual à mulher é destinado o trabalho reprodutivo das condições de existência cujo valor é de uso; e, ao homem o trabalho produtivo que gera valor de troca, reside a base material da opressão e da desigualdade entre os sexos, pois, “a opressão, atitude de se aproveitar das diferenças que existem entre os seres humanos para colocar uns

em desvantagem em relação aos outros, gera uma situação de desigualdade de direitos, de discriminação social, cultural e econômica” (QUIRINO, 2015, p. 234).

Toledo (2008) explica que a opressão é uma categoria diferente da exploração, a primeira é cultural e a segunda social e neste sentido, sobre a mulher, é preciso distinguir opressão de exploração.

A existência de setores oprimidos e marginalizados não é fruto do acaso. É o resultado de um sistema que se assenta na desigualdade e na divisão: numa sociedade dividida em classes e num sistema econômico assentado sobre a exploração, a pilhagem e a submissão de milhões e milhões de seres humanos (TOLEDO, 2008, p.16).

Desta forma a opressão atinge mulheres de todas as classes sociais e pode ter efeitos econômicos de maior ou menor peso, já a exploração é um fato econômico e dá origem à divisão da sociedade em classes.

Hirata e Kérgoat (2007) afirmam que essa forma de divisão social do trabalho tem dois princípios organizadores: o princípio de separação - existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres e o princípio de hierarquização- um trabalho de homem “vale” mais do que um trabalho de mulher.

Ainda segundo Hirata e Kérgoat (2007), esses princípios podem ser aplicados graças a um processo específico de legitimação, a ideologia naturalista, que empurra o gênero para o sexo biológico, reduz as práticas sociais a “papéis sociais” sexuais, os quais remetem ao destino natural da espécie.

A supremacia masculina e consequentemente a inferioridade feminina passou a residir na sociedade patriarcal de classes, cuja propriedade privada dos meios de produção instituiu ao trabalho do homem o valor de troca e reservou à mulher a submissão, exploração e ao seu trabalho o valor de uso. A origem da opressão da mulher, segundo Toledo (2008), está ligada às transformações nas relações humanas, pois “o homem não nasce homem, da mesma maneira que a mulher não nasce mulher (...) vão sendo construídos dentro de certas coordenadas históricas “.

Neste contexto, é nítido que a opressão e a exploração da mulher no mundo do trabalho social e doméstico, é um problema de classe e do capitalismo e Hirata (2002) ainda esclarece que:

a divisão sexual do trabalho é sempre indissociável das relações entre homens e mulheres, que são relações desiguais, hierarquizadas,

assimétricas e antagônicas [...] de exploração e de opressão entre duas categorias de sexo construídas socialmente (HIRATA, 2002, p. 281).

Nessa relação antagônica de opressão e exploração entre os sexos, evidencia-se a invisibilidade do trabalho feminino no âmbito doméstico e sua desvalorização no trabalho assalariado, cujos salários são inferiores aos dos homens em todos os países do planeta. E, ao ocuparem postos de trabalho assalariado com características associadas às atividades exercidas no lar, sobretudo nas áreas de prestação de serviços (saúde, cuidados, educação etc.), exercem atividades cuja minúcia, delicadeza e atenção são indispensáveis.

Assim, as oportunidades e condições de trabalho das mulheres na esfera produtiva preservam o modelo patriarcal e perpetuam a divisão sexual do trabalho que “naturalizam as diferenças biológicas entre os sexos e determinam o papel a ser ocupado pelos homens e mulheres nos postos de trabalho” (NASCIMENTO, 2014, p.2).

Com o advento da industrialização e do capitalismo, as transformações nas esferas econômica, cultural e social também ocorreram na tradicional divisão sexual do trabalho. O capital retirou a mulher do lar e não deu condições econômicas necessárias para suprir este vazio que se instaurou. Os afazeres domésticos como lavar, passar, cozinhar, foram acumulados ao trabalho produtivo dando origem à dupla jornada de trabalho.

A determinação da mulher ao espaço reprodutivo, invisível e sem valor econômico e social agregado, contribuiu para “a entrada em massa de mulheres casadas no mercado de trabalho”, cujo trabalho remunerado se evidencia pela questão de estar ligado ao cuidado à família. Ainda neste contexto, o capitalismo marginalizou o trabalho feminino, cujos salários baixos, grandes jornadas e o trabalho precarizado eram atrativos do mercado de trabalho.

A divisão sexual do trabalho assume formas conjunturais e históricas, constrói-se como prática social, ora conservando tradições que ordenam tarefas masculinas e tarefas femininas na indústria, ora criando modalidades da divisão sexual das tarefas. A subordinação de gênero, a assimetria nas relações de trabalho masculinas e femininas se manifesta não apenas na divisão de tarefas, mas nos critérios que definem a qualificação das tarefas, nos salários, na disciplina do trabalho.

Igualmente, Brito e Oliveira (1997, p. 252) salientam que:

que a divisão sexual do trabalho não cria a subordinação e a desigualdade das mulheres no mercado de trabalho, mas recria uma subordinação que existe também nas outras esferas do social. Portanto a divisão sexual do trabalho está inserida na divisão sexual da sociedade com uma evidente articulação entre trabalho de produção e reprodução. E a explicação pelo biológico legitima esta articulação. O mundo da casa, o mundo privado é seu lugar por excelência na sociedade e a entrada na esfera pública, seja através do trabalho ou de outro tipo de prática social e política, será marcada por este conjunto de representações do feminino.

Kérgeat (2003) ressalta que a divisão sexual do trabalho não é um dado rígido e imutável. Se seus princípios organizadores permanecem os mesmos, suas modalidades (concepção de trabalho reprodutivo, lugar das mulheres no trabalho mercantil etc.) variam fortemente no tempo e no espaço. Os aportes da história e da antropologia o demonstraram amplamente: uma mesma tarefa, especificamente feminina em uma sociedade ou em um ramo industrial, pode ser considerada tipicamente masculina em outras sociedades e/ou ramos de atividade.

Problematizar em termos de divisão sexual do trabalho não remete, portanto, a um pensamento determinista; ao contrário, trata-se de pensar a dialética entre invariantes e variações, pois, se supõe trazer à tona os fenômenos da reprodução social e esse raciocínio implica estudar simultaneamente seus deslocamentos e rupturas, bem como a emergência de novas configurações que tendem a questionar a existência mesma dessa divisão.

Neste contexto, a construção social da mulher e do homem, passou por várias fases nas distintas sociedades primordiais e os papéis desempenhados por eles variavam de acordo com o modo de produção vigente, baseado nos fundamentos econômicos da sociedade, cujo trabalho, era e ainda permanece a base da produção e reprodução da vida.

A divisão sexual do trabalho é sinônimo de desigualdade e discrepância na divisão de tarefas entre homens e mulheres. Para além da designação do homem ao trabalho público e assalariado e a mulher ao trabalho doméstico e sem remuneração, configura-se uma relação de poder e uma valorização diferenciada do trabalho masculino e feminino.

Diante do exposto, visando ampliar a discussão acerca da divisão sexual do trabalho, enfatizando a discussão das diferenças existentes entre homens e mulheres no mundo do trabalho, sobretudo identificando e analisando a opressão e exploração sofrida pelas mulheres, faz-se necessário, segundo Hirata e Kérgeat

(2007, p. 607) o entendimento de como o trabalho doméstico reservado às mulheres, continua sendo um dos problemas mais importantes na análise das relações sociais de sexo/ gênero.

3.1.3 Trabalho produtivo e trabalho reprodutivo

Até meados do século XIX, todo o trabalho da esfera produtiva realizado no espaço público era destinado ao homem - principal provedor da família -, e o trabalho reprodutivo, realizado no ambiente privado do lar (trabalho doméstico), reservado à mulher, cujas características biológicas determinavam as suas práticas sociais.

A partir de um “simbólico determinismo biológico implícito” (SCOTT, 1995), cujos estereótipos associam a mulher à fragilidade, à maternidade e à execução de atividades leves, em locais limpos e seguros, desde os primórdios elas foram condicionadas a desenvolver atividades relacionadas ao lar, ao cuidado e ao trabalho doméstico.

Desta forma, o gênero retratado como imagens e representações que os homens fazem de si e dos outros, determinam as relações sociais e evidencia a construção histórica e social da opressão da mulher, como mostra Toledo (2008):

A mulher nasce e é educada para ser oprimida, para saber “o seu lugar” no mundo, que é sempre, em qualquer âmbito, um lugar subalterno. É configurada para aceitar essa condição como se fosse algo natural e, ainda por cima, com um sorriso nos lábios; contido, claro (TOLEDO, 2008, p. 23).

A “expansão da educação superior deu origem ao movimento da feminização do mundo do trabalho (NOGUEIRA, 2004, p. 26)” abrindo novas oportunidades de trabalho para as mulheres e tal assertiva é confirmada pelo caderno de indicadores do IBGE (2016, s/p) cujas estatísticas mais recentes sobre as mulheres brasileiras mostram que, “[...] cada vez mais, elas estão presentes no mercado de trabalho e com níveis de escolaridade mais elevados do que os homens”.

Porém, a inserção da mulher no mercado de trabalho, embora tenha sido uma grande conquista, sempre esteve condicionada às áreas e profissões tipicamente femininas que remetem à extensão do trabalho doméstico e a explicação biológica legitima esta articulação.

O mundo da casa, o mundo privado é seu lugar por excelência na sociedade e a entrada na esfera pública, seja através do trabalho ou de outro tipo de prática social e política, será marcada por este conjunto de representações do feminino (BRITO; OLIVEIRA, 1997, p.252).

Aqui nota-se que a maternidade constituiu-se e ainda perdura um grande entrave para a inserção da mulher no mercado de trabalho, pois continua sendo responsabilidade feminina o cuidado e a educação das crianças.

Tendo como pressuposto a idéia de que a mulher pertence ao mercado secundário, e que o trabalho doméstico desvaloriza o trabalho da mulher, Hirata (2002, p.176) sustenta que o trabalho feminino está marcado “[...] por uma instabilidade, uma rotatividade elevada e taxas de desemprego proporcionalmente maiores” e conclui que no Brasil a mulher conserva seu emprego, porém com marcas de precarização e deterioração das condições de trabalho. Em 2003, Hirata afirma ainda que é preciso considerar a relação entre os homens e as mulheres no universo doméstico, uma vez que o trabalho doméstico segue assumido integralmente pelas mulheres.

Segundo dados da PNAD (2016) o indicador “proporção de ocupados em trabalho parcial” (30horas) por sexo, mostra um percentual de 28,2% das mulheres contra 14,1% de homens e mostrou ainda que durante o ano de 2016, as mulheres se dedicaram aos afazeres domésticos cerca de 73% de horas a mais que os homens, numa proporção de 18,1 horas semanais para as mulheres contra apenas 10,5 horas dos homens.

Nesse contexto, conforme explicita Muraro (1992, p.127), “as mulheres sempre tiveram e têm até hoje uma dupla jornada, em casa e no trabalho. Sempre trabalharam no setor reprodutivo (privado) e produtivo (público), mas seu trabalho nunca foi considerado produtivo, só o do homem”.

Neste contexto conforme proposto por Toledo (2008, p.39) ao mesmo tempo em que a inserção da mulher no mundo do trabalho produtivo possibilitou o início de sua libertação também impôs a esta mulher trabalhadora uma duplicação de sua jornada de trabalho, uma vez que ela não foi liberada do trabalho doméstico.

Kérgeat (1996) vai além quando afirma que essas relações sociais são permeadas por “opressão masculina, hierarquização do trabalho (cujo trabalho masculino possui maior valor social agregado), além da divisão sexual do trabalho doméstico”.

A divisão sexual do trabalho está no centro (no coração) do poder que os homens exercem sobre as mulheres. Portanto, argumentar em termos de divisão sexual do trabalho é, para mim, indissociável de uma sociologia das relações sociais. (KÉRGOAT, 1996, apud SANTOS, 2013. p.111).

Para Nogueira (2004, p.18), o mundo capitalista legitimou a subordinação das mulheres e acentuou a divisão sexual do trabalho, reservando a elas espaços específicos que, em sua maioria, se caracterizavam pela inferioridade hierárquica, pelos salários menores e por atividades adaptadas a suas capacidades inatas. Sendo assim, afirma-se que a informalidade, a precariedade e o desemprego têm sexo e raça definidos e tais mecanismos atendem de forma direta aos interesses do capital.

O ingresso das mulheres no mundo econômico não equilibra as funções atribuídas aos sexos, ao contrário, reforça as desvantagens vividas pelas mulheres que atualmente compartilham com os homens, de forma equânime ou não, a provisão financeira da família juntamente com a responsabilidade da esfera reprodutiva (SOUSA; GUEDES, 2016, p. 125).

Ainda nesse contexto, Saffioti (2000, p. 73) afirma que o “capitalismo abriu as portas do emprego para as mulheres e não as portas do mundo do trabalho”, pois as mulheres sempre trabalharam e em maior proporção que os homens.

A partir de tais constatações, Antunes (1999) analisa a dupla jornada de trabalho imposta as mulheres,

[...] a mulher trabalhadora, em geral, realiza sua atividade de trabalho duplamente, dentro e fora de casa [...]. E, ao fazê-lo, além da duplicidade do ato de trabalho, ela é duplamente explorada pelo capital [...] Mas, no universo da vida privada, ela consome horas decisivas no trabalho doméstico, com o que possibilita (ao mesmo capital) a sua reprodução, nessa esfera do trabalho não diretamente mercantil, em que se criam as condições indispensáveis para a reprodução da força de trabalho de seus maridos, filhos/as e de si própria. Sem essa esfera da reprodução não diretamente mercantil, as condições de reprodução de sistema de metabolismo social do capital estariam bastante comprometidas, se não inviabilizada (ANTUNES, 1999, p.108).

Nesse sentido, a divisão sexual do trabalho sustenta e estrutura materialmente as relações desiguais de gênero na sociedade, as quais são incorporadas pelo capital como mecanismo de elevação dos lucros e domínio

ideológico e social, uma vez que “se apropria dessa ou daquela força de trabalho disponível, conforme sua necessidade e interesse” (QUIRINO, 2011, p. 46).

Tal assertiva é corroborada pelo Índice Global de Desigualdade de Gênero de 2015, divulgado pelo Fórum Econômico Mundial, no qual o Brasil está no 85º lugar em igualdade de gêneros. Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2016) evidenciam que “de 2005 até 2015 há uma trajetória de crescimento na formalização das mulheres no mercado de trabalho, porém, de acordo com o resultado encontrado no Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) a partir do início do ano de 2014, registra queda nas admissões, que se acentua no ano de 2015”.

Dessa forma, também para Nascimento,

a construção social da divisão sexual do trabalho, onde as formas de inserção e qualificação para o trabalho são distintas para o feminino e masculino, possibilitam o capital apropriar-se dessa desigualdade existente nas relações de gênero, por isso que a precarização das condições de trabalho tem sido mais marcante para as mulheres (NASCIMENTO, 2014, p.8).

Assim, Olinto (2011) reitera que a valorização desigual das características e habilidades entre os dois sexos exclui a mulher de algumas atividades e ocupações, o que dificulta a ascensão a posições de destaques no mercado de trabalho. Ocupando postos com baixa capacidade técnica e de menor prestígio na hierarquia profissional, desnivelamento salarial e falta de acesso à qualificação, com desigualdades de oportunidades no mundo do trabalho, as mulheres estão expostas à informalidade, ao desemprego e às piores remunerações.

Essa dicotomia, na qual homens e mulheres ocupam lugares diferentes nas atividades profissionais, Hirata e Kérgeat (2007, p. 599) denominam “princípio da separação”. Constituindo um dos princípios organizadores da divisão sexual do trabalho, na qual “existem trabalhos de homem e trabalhos de mulher”. Ancorado nas características biológicas e na pseudo fragilidade feminina, em qualquer sociedade, tempo e cultura as mulheres são levadas a escolher áreas mais leves e limpas, sobretudo em atividades voltadas para a organização, a minúcia e o cuidado, como uma extensão do trabalho doméstico.

No Brasil os dados do IBGE evidenciam que as mulheres se concentram em áreas de remuneração inferior, tais como serviços domésticos, educação, saúde, serviços sociais e alimentação (LOPES, 2016, p. 48). E ainda quando optam por

áreas técnicas, os cursos escolhidos são de áreas menos duras e mais feminilizadas, pois,

[...] ao se inserirem em áreas "masculinas" ou "femininas" permanecem sendo vistos através das suas características sociais de gênero, o que acarreta a divisão sexual do trabalho também no interior das áreas, pois homens e mulheres acabam sendo levados, por opção, condicionamento ou mesmo falta de opção a desempenharem atividades "próprias" de seu sexo (STANCKI, 2003 p.10).

Também Lombardi (2011) afirma que em áreas técnicas, as mulheres são levadas a realizarem tarefas de menor valorização econômica.

Muitas profissionais acabam sendo alocadas em funções que exigem habilidades relacionais – em escritórios, no ambiente administrativo, ou atividades de consultoria ou mediação – afastando-se dos trabalhos de cunho técnico mais denso, que, na engenharia, possuem maior prestígio. (LOMBARDI. 2011, p.3)

Estudos realizados por Nogueira (2006) e Olinto (2011), dentre outros, possibilitam a compreensão dos desafios acadêmicos e profissionais enfrentados pelas mulheres diante de sua condição feminina no mercado de trabalho, pois “embora a mulher venha conquistando progressivamente seu espaço na vida profissional e educacional, quando se trata das relações sociais de sexo/gênero no mundo do trabalho, há muitas barreiras encontradas por elas para se inserir e ascender profissionalmente” (ABRAMO, 2007).

Tal assertiva é confirmada por Toledo (2008) quando afirma que

o enfrentamento contra as desigualdades e injustiças vem sendo, para a mulher trabalhadora, uma das facetas mais sórdidas do capitalismo. O enfrentamento contra o desemprego, os baixos salários, as más condições de vida, vêm ocorrendo com a mulher nessas condições de opressão (TOLEDO, 2008, p. 21).

Não obstante, as mulheres em suas trajetórias acadêmico-profissionais, vêm alcançando um nível educacional mais elevado do que dos homens, continuam ganhando menos e exercendo uma dupla jornada de trabalho. Os dados do IBGE (2016) confirmam tal afirmação quando mostram que a desigualdade de rendimentos entre homens e mulheres, em 2015, no grupo dos menos escolarizados era de quase 90%; e, no grupo dos mais escolarizados, a desigualdade do rendimento-hora entre mulheres e homens é de 68,5%.

No que se refere à ocupação de cargos de gerência ou direção, pode-se afirmar que, em 2015, do total de ocupados com 25 anos ou mais de idade havia uma proporção de 6,2% de homens ocupando esses cargos, ao passo que no caso das mulheres essa proporção era de 4,7%. Além de haver um menor número de mulheres ocupando cargos de gerência ou direção, a desigualdade salarial é mais elevada, visto que as mulheres nesta posição recebiam, em média, 68,0% do rendimento médio dos homens em 2015. Na Região Sul, essa desigualdade de rendimentos era um pouco mais elevada, visto que as mulheres recebiam 63,4% dos rendimentos masculinos.

Os dados denotam que, embora as mulheres venham conquistando cada vez mais espaço no mercado de trabalho e hoje estão presentes em inúmeras atividades, inclusive nas áreas de Ciência e Tecnologia (C&T) é importante ressaltar que esta conquista representou para elas um acúmulo de trabalho que os homens nunca enfrentaram.

Uma relevante questão acerca da divisão sexual do trabalho se dá no âmbito das atividades do cuidado e trabalhos domésticos para as mulheres e o estabelecimento de que os homens, como provedores da família, devem se dedicar às atividades remuneradas no mercado de trabalho.

a compreensão das resistências masculinas em assumir o trabalho doméstico e a aceitação por grande parte das mulheres da responsabilidade sobre as atividades no âmbito doméstico está associada a relações de poder assimétricas estabelecidas entre homens e mulheres e a existência de uma hierarquização entre atividades masculinas e femininas (MARTINS; LUZ; CARVALHO, 2010, p.3).

Ainda acerca da divisão sexual do trabalho doméstico, Sousa e Guedes, (2016) afirmam que

o relaxamento das fronteiras entre o mundo produtivo (homens) e reprodutivo (mulheres) tem contribuído com a possibilidade de as mulheres participarem do mundo produtivo, mas não reveste o afastamento dos homens do mundo doméstico. Acontece que, através desse fenômeno, o adensamento das mulheres nas fronteiras públicas não é acompanhado de uma revisão dos limites das responsabilidades privadas femininas. Isso significa que a esfera de reprodução da família como educação e demais cuidados continua, em grande medida, a cargo das mulheres. (SOUSA; GUEDES, 2016, p. 123)

Dessa forma, as atividades relacionadas com os afazeres domésticos e cuidados têm impacto na inserção da mulher no mercado de trabalho. Essa articulação entre as duas esferas de trabalho, remunerado e não remunerado, tem

impactado também no bem-estar social das mulheres. Verifica-se na Síntese de Indicadores Sociais – IBGE (2016, p. 80), que a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe - CEPAL (2009), afirma que na medida em que não há novas alternativas privadas ou sociais de redistribuição do cuidado dentro do domicílio, nem uma maior participação dos homens em tais atividades, associado ao fato das jornadas de trabalho pouco flexíveis, as tensões relativas aos ajustes de “tempos” se intensificam, reduzindo o bem-estar e a qualidade de vida das mulheres.

Os indicadores sociais mostram que em relação às jornadas no mercado de trabalho e o cuidado com afazeres domésticos os padrões de gênero na sociedade brasileira permaneceram praticamente inalterados na última década. Em 2015, a jornada masculina com afazeres domésticos permanece em 10 horas semanais, mesmo valor encontrado em 2005. A jornada feminina em tais atividades é o dobro da masculina e somada à jornada delas no mercado de trabalho, a jornada total feminina excede a masculina em média em 5 horas semanais (IBGE, 2016).

O senso comum afirma a existência de um avanço na redução das desigualdades de oportunidades para homens e mulheres no mundo do trabalho, devido à introdução de novas tecnologias e uma evolução das empresas na tentativa de corrigir tradicionais práticas discriminatórias, no entanto, é importante destacar, que pesquisas recentes, tais como a de Quirino (2011, p. 158) evidencia que “as fronteiras da desigualdade entre trabalho do homem e da mulher modificaram-se, mas ainda estão longe de deixar de existir”.

3.1.4 Trajetórias acadêmico-profissionais de mulheres na Ciência & Tecnologia (C&T): desafios, dificuldades e estratégias de resistência.

Geralmente as meninas são educadas de modo diferente dos meninos, sobretudo quando envolve a Educação Profissional e a escolha de carreiras. As profissões escolhidas pelas mulheres, de forma geral são associadas a estereótipos femininos e às características e “competências” inatas, tais como sensibilidade, paciência, destreza e delicadeza. Olinto (2011, p. 69) afirma que as mulheres são levadas a escolher caminhos diferentes dos homens, sobretudo pela atuação da família e da escola, as meninas tendem a se avaliar como mais aptas para o exercício de determinadas atividades e a estabelecer para si mesmas estratégias de

vida mais compatíveis com o que consideram ou são levadas a considerar como mais adequadas para elas.

Para Hirata e Kér goat (2007, p.607) os espaços educativos estão constantemente agindo para a perpetuação de tais padrões, pois “a socialização familiar, a educação escolar, a formação na empresa, esse conjunto de modalidades diferenciadas de socialização se combinam para a reprodução sempre renovada das relações sociais”.

Assim, a divisão sexual do trabalho se perpetua também na escola e nas escolhas acadêmicas, com uma visão equivocada de que existem atributos opostos entre homens e mulheres e reforça a definição de lugares para cada um deles, de forma que haja uma complementaridade de papéis ou uma possível divisão social do trabalho entre os sexos. No entanto,

a abordagem em termos de “complementaridade” é coerente com a ideia de uma divisão entre mulheres e homens do trabalho profissional e doméstico e, dentro do trabalho profissional, a divisão entre tipos e modalidades de empregos que possibilitam a reprodução dos papéis sexuais (HIRATA e KÉRGOAT, 2007, p.603).

Em se tratando da Educação Profissional e Tecnológica que tem uma interface direta com o mundo do trabalho, é possível perceber como este interfere e lança seus padrões sobre a formação profissional (LOPES, 2016, p.83). Esse aspecto pode ser comprovado pela análise da realidade feminina na EPT e na forma como as alunas dos cursos técnicos se percebem e são percebidas nas instituições de ensino técnico de nível médio. Mesmo quando optam por um curso técnico as mulheres buscam cursos mais feminilizados, voltados para aqueles que evidenciam suas características femininas inatas. Corroborando tal afirmativa, dados do INEP/MEC (2015) evidenciam um número maior de homens em determinados cursos mais “tecnologizados” e um “grande número de mulheres em cursos mais voltados para o cuidado” (LOPES, 2016, p. 44).

Para Hirata (2002, p. 223), a tecnologia, as mudanças e as inovações tecnológicas não têm as mesmas consequências sobre as diferentes categorias de mão-de-obra, que se distinguem por meio do lugar que ocupam na divisão técnica e social do trabalho, de acordo com seu nível de qualificação.

Hirata e Kér goat (2007) também constataam que a precarização e a flexibilização do emprego amoldam as formas de trabalho e emprego, reforçando os

estereótipos masculinos e femininos nas relações sociais. Para as autoras, tais moldes geram o “nomadismo no tempo para as mulheres”, reservando a elas o trabalho parcial e disperso no dia e na semana. (HIRATA e KÉRGOAT, 2007, p.600).

Olinto (2011) evidencia que o estereótipo de habilidades masculinas distintas das femininas é uma construção social baseada em crenças, valores e atitudes socialmente construída e que se delinea entre os jovens influenciando na escolha da carreira.

Por meio da segregação horizontal as mulheres são levadas a fazer escolhas e seguir caminhos marcadamente diferentes daqueles escolhidos ou seguidos pelos homens. [...] a segregação horizontal inclui mecanismos que fazem com que as escolhas de carreiras sejam marcadamente segmentadas por gênero (OLINTO, 2011, p. 69).

Destaca-se ainda, segundo Olinto (2011), a chamada segregação vertical, que é “um mecanismo social talvez ainda mais sutil, mais invisível, que tende a fazer com que as mulheres se mantenham em posições mais subordinadas ou, em outras palavras, que não progridam nas suas escolhas profissionais” (OLINTO, 2011, p. 69).

Assim, evidencia-se também que a baixa qualificação e suposta inaptidão feminina para lidar com as tecnologias e atividades que dependem de racionalidade não ocorre exclusivamente pela escolha das mulheres por um curso profissionalizante em detrimento de outros, mas também por diversas outras razões, conforme citado por Bruschini (1998, p.30):

o importante a reter é que o trabalho das mulheres não depende apenas da demanda do mercado e das suas necessidades e qualificações para atendê-la, mas decorre também de uma articulação complexa, e em permanente transformação, dos fatores mencionados (o estado conjugal e a presença de filhos, associados à idade e à escolaridade da trabalhadora, as características do grupo familiar, como o ciclo de vida e a estrutura familiar), os quais, é preciso enfatizar, não afetam os movimentos da mão-de-obra masculina. (BRUSCHINI, 1998, p. 30)

Após décadas de mudanças sociais e de conquistas dos movimentos feministas, muitos obstáculos que impedem e dificultam a maior participação das mulheres no mundo do trabalho, são identificados em suas trajetórias acadêmicas e profissionais.

Além dos princípios norteadores da divisão sexual do trabalho, enfatiza-se também barreiras enfrentadas pelas mulheres em sua inserção e ascensão

acadêmica e profissional. A **exclusão (ou segregação) vertical** se refere à sub-representação das mulheres em postos de prestígio e poder, mesmo nas carreiras consideradas femininas, o que Morrison (1992) associa à metáfora do “teto de vidro”. Esta metáfora representa um obstáculo invisível, porém concreto, que impede a ascensão das mulheres às determinadas posições de prestígio nas profissões, exclusivamente por sua condição feminina e não pelo mérito ou competência (MORRISON, 1992). Olinto (2011, p. 69) afirma que estudos que abordam a “segregação vertical têm se valido de termos como ‘teto de vidro’, para indicar processos no mundo do trabalho que favorecem a ascensão masculina”.

A **exclusão (ou segregação) horizontal** se refere ao número reduzido de mulheres em determinadas áreas do conhecimento, em geral, de maior reconhecimento para a economia capitalista, as consideradas ciências “duras” – exatas e engenharias (OLINTO, 2011).

Também o **labirinto de cristal**², segundo Lima (2013), evidencia juntamente com a exclusão horizontal, as dificuldades encontradas pelas mulheres em suas trajetórias acadêmico-profissionais que são possíveis de serem verificadas ao longo de toda a carreira e não apenas no “topo”.

Desta forma, o estudo de tais teorias, favorece o entendimento de que os obstáculos enfrentados pelas mulheres na construção de suas carreiras estão presentes ao longo de toda a sua trajetória acadêmico-profissional e não somente em um determinado patamar. Também, evidencia uma inclusão subalterna e a sub-representação feminina em determinadas profissões e nas posições de prestígio.

Essas duas exclusões ou segregações – vertical e horizontal – apresentam dois momentos cruciais e distintos para as mulheres que se dão em relação à escolha da área e do curso a realizar e em relação à permanência e à ascensão na profissão escolhida.

Porém, não obstante as dificuldades encontradas em suas trajetórias acadêmico-profissionais, Carvalho e Casagrande, (2011, p. 28) avaliam que as mudanças na direção de uma divisão mais igualitária do trabalho na família estão ocorrendo. “Apesar de todas estas dificuldades e desafios encontrados pelas mulheres em suas carreiras científicas, é importante ressaltar que elas venceram

² Labirinto de Cristal indica que os obstáculos encontrados pelas mulheres, simplesmente por pertencer a categoria “mulher”, estão dispostos ao longo de sua trajetória acadêmica e até mesmo antes, na escolha da área de atuação. (Lima, 2013, p. 886).

muitas barreiras, resistiram e não se deixaram dominar por preconceitos e discriminações” (CARVALHO; CASAGRANDE, 2011, p. 28).

Ao transgredirem as regras da sociedade patriarcal e androcêntrica as mulheres vêm pouco a pouco, em um movimento de avanço e resistência, ocupando mais espaços, galgando degraus e abrindo caminhos para as futuras gerações. Por consequência do seu papel na esfera privada, que implica nos afazeres domésticos, cuidado com os filhos, dentre outras atividades, a dedicação aos estudos e produção científica, o mundo acadêmico-profissional não apresenta às mulheres as mesmas condições que os homens. Ainda assim é importante destacar que hoje, já observam-se algumas mudanças no que se refere à inserção da mulher no mundo acadêmico-profissional, que aos poucos vão ocupando espaços que até então não eram seus e construindo suas próprias histórias.

CAPÍTULO 4

APROXIMAÇÕES DO OBJETO DE ESTUDO E SEU CONTEXTO

4.1 A Educação profissional e tecnológica

A Educação profissional e tecnológica estabelece uma relação entre o ensino médio e a formação profissional para uma formação ampla do estudante, enquanto profissional e ser humano.

A perspectiva adotada mais recentemente é convergente com a visão de Ramos (2002, p.03), no qual,

uma educação unitária pressupõe que todos tenham acesso aos conhecimentos, à cultura e às mediações necessárias para trabalhar e para produzir a existência e a riqueza social, precisa ser politécnica; isto é, uma educação que, ao propiciar aos sujeitos o acesso aos conhecimentos e à cultura construídos pela humanidade, propicie a realização de escolhas e a construção de caminhos para a produção da vida. Esse caminho é o trabalho. O trabalho no seu sentido mais amplo, como realização e produção humana, mas também o trabalho como práxis econômica.

Uma formação que alia os conhecimentos científicos, culturais e do trabalho é vista pela autora como caminho para superação de uma perspectiva dualista da educação, em que determinados conhecimentos são destinados aos indivíduos que futuramente comporão a força de trabalho e outros àqueles a quem se destina o comando da sociedade (RAMOS, 2002). Essa visão é compartilhada por Simões quando afirma que

o ensino técnico articulado com o ensino médio, preferencialmente integrado, representa para a juventude uma possibilidade que não só colabora na sua questão da sobrevivência econômica e inserção social, como também uma proposta educacional, que na integração de campos do saber, torna-se fundamental para os jovens na perspectiva de seu desenvolvimento pessoal e na transformação da realidade social em que estão inseridos (SIMÕES, 2007, P. 84).

Neste aspecto, evidencia-se que as egressas, sujeitos dessa pesquisa, cursaram o ensino técnico e propedêutico de forma integrada, na busca de uma formação omnilateral que implica a integração das dimensões fundamentais e estruturantes da vida, que são o trabalho, a cultura e a ciência.

4.1.2 O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais - IFMG *campus* Ouro Preto.

Inserida no contexto da trajetória da educação profissional, o Instituto Federal de Minas Gerais, *campus* Ouro Preto (IFMG – OP), unidade escolhida para a pesquisa empírica, foi criado em 1944, anexo à Escola de Minas durante 20 anos. O primeiro curso ofertado era o técnico em Mineração e Metalurgia. Não obstante invocava a área de mineração, a certificação oficial era de “Técnico em Metalurgia” até 1963, e posteriormente iniciou a formação específica em Mineração, onde seus alunos obtinham imediata colocação no mercado de trabalho e/ou seu ingresso em cursos superiores da própria escola de Minas.

Em 1959, a Escola Técnica Federal de Ouro Preto (ETFOP) através da Lei nº 3.352, ganhou autonomia didática, administrativa e financeira sendo elevada a autarquia federal (MACHADO, 2015, p. 19).

Entre as décadas de 1964 e 1994, a ETFOP desenvolveu-se amplamente, foi transferida para as instalações do 10º Batalhão de Caçadores do Exército Brasileiro, nas encostas do Morro do Cruzeiro em Ouro Preto e favorecida pelo crescimento acelerado da economia amparado no capital estrangeiro, assim tornou-se o ambiente favorável à introdução de novos cursos e conseqüentemente o surgimento de mais vagas estudantis.

A partir de 1980 houve ampliação da oferta de novos cursos, assim como o funcionamento do turno noturno dos cursos técnicos profissionais de Edificações (1981), Magistério de Educação Física (1983), Informática Industrial (1987), Segurança do Trabalho, Metalografia e Gemologia (1989). Foram idealizados e edificadas novos pavilhões e alojamentos para os mais carentes, tornando a escola uma referência na região.

Entre 1994 e 2003, com a ideologia neoliberal pautada no “estado mínimo”, em que os investimentos na área social eram dever da sociedade privada com participação do Estado, a ETFOP, assim chamada na época, bem como toda a rede federal sofreu grandes momentos de dificuldade com orçamentos baixos, redução de contratação de professores dentre outros, dificuldade esta que culminou com o Decreto 2.208/1997, eliminando o ensino técnico integrado na educação profissional.

Há que se destacar nesta fase que a ETFOP entre outras Escolas Federais, foram transformadas em CEFETs (2002) prerrogativa de implantação de cursos

superiores em Tecnologia. Em 2003, o CEFET – OP inaugura seu primeiro curso superior em Tecnologia em Gestão da Qualidade.

Com a revogação do decreto 2.208/97, por meio do decreto 5254/2004, o ensino integrado é restaurado, retomando novamente os investimentos nas escolas, ampliando orçamentos de melhorias, contratação de professores e implantação de Unidades de Ensino Descentralizada – UNEDs. No ano de 2007, é fundada a primeira Unidade de Ensino Descentralizada – UNED Congonhas.

Em 2008, com a Lei nº 11.892/2008, o CEFET – Ouro Preto participou de uma chamada pública do MEC, com vistas a transformar-se em Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. Neste patamar de ensino profissional, o CEFET-OP amplia sua área de influência e suas responsabilidades institucionais com a possibilidade de ofertas de novos cursos incluindo licenciaturas e engenharias, bem como cursos de mestrado e doutorado.

No quadro abaixo, denominado QUADRO 1, apresentamos uma síntese da trajetória histórica da ETFOP, perpassando pelo CEFET-OP até os dias atuais, assim denominado IFMG – campus Ouro Preto.

O IFMG - campus Ouro Preto conta hoje com os seguintes campi: Ouro Preto, Bambuí, São João Evangelista, Congonhas, Formiga, Governador Valadares, Ribeirão das Neves, Betim, Sabará e Ouro Branco.

Quadro 1 – Trajetória Histórica da ETFOP

ANO	ACONTECIMENTO
1942	Criada a Escola Industrial e Técnica de Ouro Preto – Decreto Lei de 25 de fevereiro.
1944	Criação efetiva do Instituto e instalação do Curso Técnico em Metalurgia
1959	Escola Técnica Federal – Transformada em Autarquia Federal
1964	Criação do Curso Técnico em Mineração. A ETFOP se instala no atual campus.
1971	Criação do Curso Técnico em Edificações turno diurno.
1980	Criação dos Cursos Técnicos do turno noturno
1981	Criação do curso Técnico em Edificações turno noturno
1983	Criação dos Cursos Técnicos em Magistério e Educação Física
1987	Criação do Curso de Informática Industrial.
1989	Criação dos Cursos de pós-técnico em Segurança do Trabalho, Gemologia e Metalografia
1998	Início da oferta do Ensino Médio separado do Ensino Profissional. Criação do Curso Técnico em Meio Ambiente. Gemologia e Lapidação passam a Curso Técnico de Qualificação em Lapidação.
2002	A ETFOP passa a Centro Federal de Educação Tecnológica de Ouro Preto - CEFET-Ouro Preto.
2003	Criação do Curso Superior em Tecnologia em Gestão da Qualidade na área de Saúde
2005	Passa a Instituição Federal de Ensino Superior
2006	Criação do Curso Superior em Conservação e Restauro de Bens Imóveis
2008	Criação do Curso Superior de Licenciatura em Geografia
2009	Criação do Instituto Federal.

Fonte: Estudo de Impactos de Vizinhança do Campus Ouro Preto – 2009 (apud Alves, 2012, p.51).

4.1.2.1 Perspectivas e desafios do IFMG

De acordo com Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI (2009-2013), o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais IFMG, é uma Instituição da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, criada pela Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, mediante a integração dos Centros Federais de Educação Tecnológica de Ouro Preto, Bambuí, Escola Agrotécnica Federal de São João Evangelista e duas Unidades de Educação Descentralizadas, de Formiga e Congonhas, que, por força da Lei, passaram de forma automática, independentemente de qualquer formalidade, à condição de *campi* da nova instituição (CEFET, 2008b).

O IFMG constitui-se atualmente pelos campi das cidades de Ouro Preto, Bambuí, São João Evangelista, Congonhas do Campo, Formiga, Governador Valadares, Ouro Branco, Ribeirão das Neves, Betim, Núcleo Avançado Sabará e Unidades Conveniadas: João Monlevade, Pompéu, Piumhi e Oliveira. A sede da Reitoria do IFMG está localizada na cidade de Belo Horizonte.

Ainda conforme o PDI (2009-2013), o IFMG é uma instituição especializada em oferta de formação inicial e continuada ou de qualificação profissional; educação profissional técnica de nível médio; educação profissional tecnológica de graduação e pós-graduação, tendo como base a conjugação de conhecimentos técnicos e tecnológicos com as suas práticas pedagógicas, devendo atuar no ensino, na pesquisa e na extensão. A criação desses Institutos constitui a culminância do processo de expansão da Rede Federal de Educação Profissional Tecnológica - RFEPT (CEFET, 2008b).

Os cursos ministrados pelo IFMG têm como objetivo formar um profissional competente e atuante na área a que se destina, com base sólida de conhecimentos tecnológicos, capaz de gerenciar seu próprio negócio, adaptando-se a novas situações para o seu real sucesso profissional.

Do profissional formado no IFMG, espera-se um desempenho compatível às exigências de um mercado de trabalho cada vez mais competitivo, como competência na sua ação laboral, na aplicação dos conhecimentos adquiridos, estabelecendo relação direta com as habilidades desenvolvidas durante a sua formação profissional, uma atitude que revele, entre outros aspectos, postura ética,

iniciativa, tomada de decisão, espírito cooperativo, senso de autonomia e responsabilidade e criatividade.

Diante do exposto, entende-se que o IFMG - Campus Ouro Preto vem cumprindo sua missão no que se refere ao princípio da empregabilidade, formando indivíduos reconhecidamente empregáveis, qualificados e com competências exigidas pelo mercado de trabalho.

4.1.2.2 Campus Ouro Preto: a realidade atual

Com a criação do Instituto Federal Minas Gerais, o Campus Ouro Preto, o então CEFET Ouro Preto, busca adequar-se a esta nova realidade. Segundo o PDI (2009-2013), o Campus Ouro Preto localiza-se na cidade de Ouro Preto, Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade, situada a 100 km a sul/sudeste da capital, Belo Horizonte, e exerce influência em municípios situados, na maioria, dentro de um círculo imaginário, com raio de 200 km, cujo centro é a cidade de Ouro Preto (CEFET, 2008b). Esse círculo engloba a Microrregião Metropolitana de Belo Horizonte, onde se concentra o maior Parque Industrial do Estado, cujas atividades de indústria, comércio e serviços centralizam a principal atividade econômica do Estado de Minas Gerais.

Segundo o decreto N° 2.406, de 27 de novembro de 1997, a finalidade dos centros de Educação Tecnológica é “formar e qualificar profissionais nos vários níveis e modalidades de ensino, para os diversos setores da economia; realizar pesquisas e desenvolvimento de novos processos, produtos e serviços, em articulação estreita com os setores produtivos e a sociedade, oferecendo mecanismos de educação continuada.” Assim, O IFMG - Campus Ouro Preto visa, prioritariamente, à qualidade do processo de ensino-aprendizagem, contemplando a ampliação e o aprofundamento dos conhecimentos teórico-práticos de sua área de formação.

O IFMG Campus Ouro Preto oferece diversos cursos com vagas anuais e semestrais, conforme QUADRO 2.

Quadro 2 – Cursos/Modalidades oferecidos no IFMG – *campus* OURO PRETO

MODALIDADE	CURSO
Técnico de Nível Médio Integrado	Mineração
	Metalurgia
	Edificações
	Automação Industrial
	Administração
Técnico Subsequente (Pós Médio)	Mineração
	Metalurgia
	Edificações
	Segurança do Trabalho
	Meio Ambiente
Programa Nacional de Integração da Educação Básica com a Educação Profissional na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA)	Manutenção e Suporte em Informática
	Joalheria
Graduação	Licenciatura em Geografia
	Licenciatura em Física
	Tecnólogo em Gestão da Qualidade
	Tecnólogo em Conservação e Restauro
	Tecnólogo em Gastronomia
Centro de Educação à Distância (CEAD)	Automação Industrial
	Controle Ambiental
	Hospedagem
	Eletroeletrônica
	Serviços Públicos
	Edificações
	Metalurgia

Fonte: Elaborado pela autora, com base em dados do site do IFMG – OP 22/03/17.

O IFMG - Campus Ouro Preto dispõe ainda de infraestrutura com diversos laboratórios (física, química) biblioteca, restaurante, quadras, ginásio poliesportivo, piscina, centro de vivência para os alunos, lanchonete, setor de saúde e agência bancária.

A instituição oferece, aos seus alunos, atividades de projeto de monitoria, bolsas de iniciação científica, extensão, alimentação, habitação e trabalho, assistência social, orientação profissional, curso e oficinas.

4.1.3 O Curso de Edificações do IFMG – *campus* Ouro Preto

Segundo publicado no site do Instituto Federal de Minas Gerais – *campus* Ouro Preto, o objetivo do curso Técnico em Edificações é possibilitar uma formação integral e cidadã que viabilize ao aluno a capacidade de ação e reflexão sobre o mundo em que vive, criando condições para o ingresso no mundo do trabalho e/ou a continuidade dos estudos. Pretende, ainda, oportunizar ao aluno o desenvolvimento

de conhecimentos, habilidades e atitudes que o tornem capaz de atuar proficientemente na área de construção civil, dentro da qual estará apto a desempenhar as funções de: planejamento e projeto, execução, manutenção e restauração.

O profissional formado pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Minas Gerais *campus* Ouro Preto no curso Técnico em Edificações desenvolve a visão crítica da sociedade, além de se tornar criativo, empreendedor, capaz de desenvolver atividades inerentes a sua área de formação tais como: Planejamento e Projeto, Execução e Manutenção e Restauração.

Suas atribuições principais são:

- elaborar e executar projetos de Edificações, contemplando mecanismos de proteção ao meio ambiente;
- elaborar orçamento e cronograma físico e financeiro de obras;
- coordenar a execução de obras;
- executar de levantamento topográfico;
- medir os serviços executados nas obras;
- executar ensaios tecnológicos;
- controlar a qualidade dos materiais e serviços;
- fiscalizar obras;
- controlar o uso dos equipamentos de proteção individual e coletiva.
- dominar as técnicas de elaboração de projeto de construção civil;
- definir e implantar procedimentos técnicos e administrativos voltados para a gestão de riscos;
- dominar os sistemas modulares de construção;
- utilizar as ferramentas de informática e internet no desenvolvimento de projetos de construção civil;
- dominar e especificar adequadamente os vários tipos de estruturas;
- realizar planejamento estratégico de obras.
- demonstrar proficiência na leitura e interpretação de projeto de construção civil;
- dominar a tecnologia das construções em geral;
- dominar a tecnologia de produção de Edificações;
- administrar proficientemente obras de construção civil;
- dominar e aplicar normas de segurança e saúde ocupacional no desenvolvimento de obras de construção civil;
- dominar e utilizar proficientemente os princípios e técnicas de manutenção de Edificações;

- aplicar os princípios da estabilidade das construções;
- especificar e utilizar adequadamente os materiais de construção;
- representar, em linguagem gráfica e computadorizada, elementos e projetos arquitetônicos;
- locar e executar instalações elétricas e hidrossanitárias;
- dominar as técnicas de estudo de solos e fundações.

Diante do exposto, considera-se a relação entre teoria e prática, aplicada durante a formação profissional do indivíduo, um agente fundamental para propiciar o processo de ajustamento das competências dos trabalhadores às exigências atuais do mercado de trabalho. Portanto, um docente, consciente da sua práxis educativa, que planeja um maior número de atividades práticas e reflexivas durante o curso técnico, estará investindo na formação de um profissional ainda mais qualificado e preparado para exercer suas funções relacionando a teoria e a prática.

Todos os dados desse item foram coletados no site (Vide bibliografia) do IFMG-OP em março de 2017.

4.1.4 A inserção feminina no espaço acadêmico do IFMG-OP³

A trajetória do IFMG sempre esteve atrelada às diretrizes do governo federal e ao comprometimento de uma formação tecnológica que atendesse ao mercado capitalista.

Os primeiros cursos ofertados, metalurgia e mineração, refletidos pelas representações sociais, apresentavam natureza masculina, e o predomínio dos homens como alunos e professores eram unânime em sua composição acadêmica.

Atualmente, a presença feminina no espaço público é indiscutível e atestada por indicadores estatísticos como IBGE, RAIS e MTE, entretanto, somente a partir da segunda metade da década de 60, as mulheres iniciaram lentamente o ingresso nas duas categorias (professor e aluno), pois a inserção feminina num mundo técnico masculino no contexto da época não era algo natural.

A presença feminina mostrou-se tímida nos primeiros dez anos e somente a partir da segunda metade da década de 70, percebeu-se avanço nos indicadores, devido aos obstáculos e difícil acesso às mulheres no mercado de trabalho.

³ Este texto é parte de um capítulo produzido pela Prof. Dra. Julice Resende (2015), cuja referência está na bibliografia deste trabalho.

A partir de 1980, a inserção feminina atingiu vários campos. Cursos profissionalizantes tidos como guetos masculinos passaram a contar com a presença feminina e mesmo que ainda tímida, nos bancos escolares da instituição, o número de discentes femininas foi crescente.

Em 1981, foi criado o curso de magistério em Educação Física na então ETFOP, e que neste a presença de discente feminina era quase majoritária, o que reflete a concentração de mulheres em guetos femininos.

Na década de 90, a presença feminina na ETFOP nos cursos técnicos de mineração e metalurgia ainda era irregular e acanhada, porém nos cursos técnicos de Edificações e na época informática, indicavam indicadores consistentes relacionados ao gênero. De forma geral era inegável os avanços discentes femininos.

Entre 2006 e 2013, as mulheres alcançaram igualdade quantitativa entre os discentes formados nos cursos integrados, o que não ocorreu nos cursos subsequentes oferecidos no turno noturno.

No campo docente, a primeira mulher a ingressar na instituição foi em 1966, e em 1967, outra mulher passou a compor o quadro da categoria. Nesta década, portanto, contabilizaram-se no quadro docente dois professoras e aproximadamente 40 professores.

A partir dos anos 80 e 90 percebe-se um avanço gradativo no quadro docente da instituição, uma vez que novos cursos foram instalados e novas vagas foram surgindo nos concursos públicos, amparados à nova constituição de 1988.

Um dado importante é que o avanço quantitativo na instituição é inegável, porém observa-se uma presença setorizada de mulheres em áreas do núcleo básico de disciplinas. A área de metalurgia nunca teve uma professora efetiva em seu quadro e a de Edificações conta com uma professora quem ingressou em 2011. A área de mineração tem 16,6% do quadro docente composto por professoras e a área de automação 7,7%.

No núcleo básico, como português e biologia, as mulheres representam 83,3% e 100% respectivamente do total de docentes. No núcleo técnico entre os cursos conta-se com 83% de homens e 17% de mulheres.

CAPÍTULO 5

A PESQUISA EMPÍRICA

5.1 Trajetórias acadêmico-profissionais das egressas.

O objetivo deste trabalho foi verificar por meio da análise das trajetórias das egressas concluintes do curso de Edificações no ano de 1996, em que medida a divisão sexual do trabalho condicionou as suas escolhas acadêmicas e profissionais. Foram identificados também os desafios, barreiras e estratégias de resistência dessas mulheres ao longo dos percursos acadêmicos e profissionais para se inserirem e ascenderem profissionalmente em suas carreiras.

A pesquisa empírica foi realizada com as alunas egressas que concluíram o curso técnico em Edificações em 1996, no turno diurno. Nesta data, o curso técnico era ofertado na forma concomitante ou integrado ao ensino médio.

Neste trabalho, adotou-se o termo “egressas concluintes” para as mulheres que finalizaram o ensino médio e técnico no ano de 1996, mas que não necessariamente colaram grau no segmento técnico.

No ano de 1996, o ensino técnico era ofertado de forma concomitante ao ensino médio, cujas disciplinas técnicas e propedêuticas se intercalavam no currículo. Ao final de três anos do curso, que neste caso era ofertado no turno diurno e de forma integrada, os alunos que se submetiam ao estágio curricular supervisionado e elaborava o relatório do estágio, poderia retornar à Instituição para a colação de grau e obtenção do certificado e título de técnico. Caso o aluno optasse por não realizar o estágio, se tornava apenas concluinte do ensino médio, apto ao ingresso na graduação, não se tornando profissional de nível técnico.

Para a coleta dos dados dessa turma, a pesquisadora se deslocou até o IFMG-OP, portando uma carta de apresentação (vide apêndice G), assinada por sua orientadora Prof.^a Dr.^a Maria Adélia da Costa. Ao se apresentar ao Diretor de Ensino, Prof. Wenilson Fonseca e lhe apresentar a sua pesquisa, o mesmo lhe solicitou uma carta especificando quais dados lhe eram necessário, para que se verificasse junto ao Departamento de Ensino (DE) a disponibilidade dos documentos e informações, uma vez que se tratava de uma turma que concluiu o curso há mais de 20 anos e

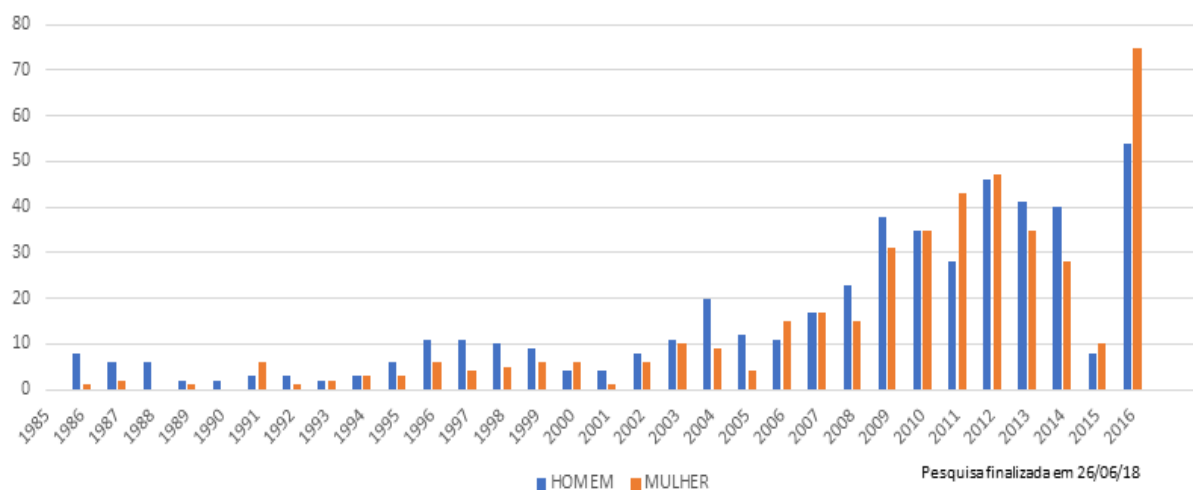
ainda pelo fato do Instituto ter passado por várias transformações físicas, tecnológicas e políticas após o ano de 1996, conforme consta na trajetória da instituição.

De posse do ofício contendo os dados documentais necessários à pesquisa, a mestrande se deslocou ao IFMG-OP novamente, no departamento de ensino – D.E. para a coleta dos dados e pesquisa documental. A pesquisadora se dirigiu à Instituição entre os dias 10/06 e 30/06 e dentro do D.E., foi devidamente amparada pelo Décio Marchi, gerente de ensino técnico e pela Fabrícia, coordenadora do registro escolar, que lhes deram total apoio e acesso às informações necessárias.

Foi realizado um levantamento do número de concluintes que colaram grau no curso técnico em Edificações, a partir de 1981, conforme consta nos registros da instituição até a data atual. O IFMG – OP possui 14 livros de registro de diplomas dos cursos de todos os cursos da Instituição, inclusive os extintos e a pesquisadora fez o levantamento manual em cada livro individualmente, uma vez que a instituição não possui esses dados compilados.

Apesar da probabilidade de uma margem de erro, devido ao levantamento manual realizado pela pesquisadora, é nítido que no curso de Edificações houve uma progressão no número de mulheres que colaram grau no Curso Técnico em Edificações ao longo dos anos, chegando a superar o número de homens que colaram grau nos anos de 2011 e 2016, apresentando um grande avanço acadêmico das mulheres em áreas técnicas, conforme GRÁFICO 1:

GRÁFICO 1 – Número de formandos por sexo/gênero, por ano de colação de grau.



FONTE: Elaborado pela autora, utilizando a contagem manual dos dados disponibilizados pela Instituição.

Embora a turma de formandos concluintes do curso técnico em Edificações do ano de 1996, turno diurno fosse composta por 17 homens e 27 mulheres, totalizando 44 formandos, apenas 10 alunos colaram grau nos anos seguintes e se tornaram profissional técnico em Edificações, sendo destes, 5 homens e 5 mulheres, o que já demonstra o início de uma paridade entre os sexos no setor acadêmico na área técnica.

A partir desses dados e por acessibilidade conforme descrito no capítulo 2 - “procedimentos metodológicos”, foram selecionadas quatro egressas para as entrevistas semiestruturadas. Optou-se por egressas com trajetórias díspares, as quais permitiram uma melhor compreensão do objeto estudado, cujos perfis serão apresentados a seguir. Conforme já mencionado, seus nomes foram substituídos por códigos alfanuméricos para que as identidades fossem preservadas.

5.1.2 Perfil das egressas

Do ponto de vista do número de egressas, a qualidade das informações coletadas se sobrepôs à quantidade, conforme preconizam as pesquisas qualitativas. O interesse na escolha das participantes residiu no critério de natureza estratégica, isto é, procuraram-se mulheres com trajetórias profissionais e pessoais díspares e heterogêneas, na medida do possível, com distintos estados civis e diferentes formações e ocupações.

Das quatro egressas entrevistadas, algumas formações acadêmicas se assemelham em nível de graduação, porém, com trajetórias profissionais e pessoais distintas. Todas exercem atividades remuneradas, três são casadas e possuem filhos e uma é solteira, sem filhos. São mulheres com idades entre 40 e 41 anos, de camada social média e média baixa, residem no estado de Minas Gerais e foram egressas do curso técnico em Edificações integrado, no ano de 1996, na ETFOP em Ouro Preto e, portanto colegas de classe da pesquisadora.

Embora a trajetória da pesquisadora não faça parte da análise dos dados dessa pesquisa, ela faz parte do contexto a partir do momento que a pesquisadora iniciou os estudos desta temática. A sua trajetória foi uma importante motivação ao interesse pelo caminho percorrido pelas suas colegas. A partir da compreensão dos seus próprios desafios e barreiras que tanto dialogam com teoria que embasa esse

estudo, a pesquisadora buscou verificar se as mesmas vicissitudes que lhe ocorreram, fizeram parte das trajetórias das demais egressas.

Sendo assim, a título de enriquecimento deste trabalho, optou-se por iniciar a descrição do perfil das egressas pela trajetória da pesquisadora.

Trajetória da Pesquisadora

A pesquisadora é formada em Letras, com habilitação em licenciatura em língua inglesa. Tem 39 anos, é casada e tem um casal de filhos (16 e 12 anos). Reside com seu esposo e filhos e atualmente é aluna bolsista no mestrado em Educação Tecnológica no CEFET-MG.

Formou-se em Edificações no ano de 1996, na então ETFOP. Quando optou pelo ingresso na instituição, desejava fazer o curso de Informática Industrial, porém, por receio da não aprovação no vestibular, que na época era muito concorrido, ela optou pelo curso de Edificações, que também lhe despertava interesse e era o segundo lugar na concorrência de vagas. A pesquisadora sempre foi empenhada em seus estudos e ingressar naquela Instituição renomada, cujo ensino era destaque na região, era seu maior desejo.

No ano de conclusão do curso técnico, a pesquisadora prestou vestibular na área de Engenharia Civil e embora tenha sido aprovada, não se classificou dentro do número de vagas ofertadas. Assim, no ano seguinte, ela optou por fazer o estágio em um escritório de engenharia durante o dia, exercendo as atividades apreendidas durante o curso técnico em Edificações e à noite, frequentar um cursinho pré-vestibular. Após o término do estágio, a pesquisadora colocou grau de técnico e continuou a trabalhar no escritório de projetos arquitetônicos, com o registro de “auxiliar técnico”.

No segundo semestre do ano seguinte, após o término de 6 meses de cursinho pré-vestibular, a pesquisadora prestou um novo vestibular e por medo de não ser aprovada novamente no curso de engenharia e ter que ficar mais tempo sem iniciar uma graduação, optou por um curso menos concorrido e que também lhe despertava interesse - o curso de Letras. A pesquisadora além de gostar de ler e escrever enxergava nesse curso um diferencial da engenharia, a oferta do mesmo no turno noturno, o que não lhe impediria de trabalhar durante o dia, como já vinha lhe ocorrendo.

Durante o curso de graduação em Letras, a pesquisadora optou por mudar de emprego, pois executava projetos no auto cad (programa específico para projetos arquitetônicos) e este estava lhe causando dores intensas nos braços, assim, passou a trabalhar como recepcionista numa clínica médica onde permaneceu até a conclusão da graduação.

Em dezembro de 2000, seis meses antes da formatura na graduação em Letras, que seria em meados de 2001, a pesquisadora, então com 21 anos optou por se casar, pois seu namorado havia sido transferido para uma cidade distante, o que tornou difícil o encontro entre eles.

Durante os seis meses após o casamento e anterior à formatura, a pesquisadora dividia a moradia entre a casa dos seus pais e sua nova residência com seu esposo. Após a formatura, em julho/2001, a pesquisadora se mudou definitivamente de cidade e na cidade de nova moradia conseguiu trabalho na área técnica de Edificações, visto que já tinha experiência na área.

Em dezembro de 2002, tornou-se mãe pela primeira vez. A partir daí, a pesquisadora se deparou com grandes desafios, pois não tinha auxílio dos pais na criação da sua filha, não podia se desligar do emprego, pois dependia dele para colaborar com as despesas da casa. Foi então que sentiu o peso e a responsabilidade do trabalho reprodutivo triplicar, lhe causando grande impacto físico e mental.

Sem grandes possibilidades de escolha, após o término da licença maternidade, deixou a filha em turno integral numa “creche particular”, o que lhe trazia mais conforto psicológico quanto aos cuidados da bebê.

A pesquisadora desde que se formou no curso técnico, sempre exerceu atividade remunerada e sempre colaborou nas despesas da casa, visto que seu esposo, na época que se casaram, exercia o cargo de técnico em segurança do trabalho numa empresa privada de grande porte e cursava engenharia civil, numa instituição particular, pois na época não havia no ensino público a oferta da engenharia no turno noturno. Assim, sua contribuição nas despesas do lar era fundamental.

Após três anos da primeira gestação, a pesquisadora que ainda trabalhava na mesma empresa como auxiliar técnico em edificações dede que mudara para esta cidade, engravidou novamente e após o término de quatro meses de licença maternidade, optou por se desligar da empresa e cuidar dos dois filhos por um ano

(a contar da data do parto). Nesta época, seu esposo já tinha encerrado o curso de engenharia civil e embora ainda não tivesse sido promovido, o término do pagamento da sua faculdade já lhes reservava um pouco de estabilidade financeira.

Após o segundo filho completar um ano, a pesquisadora conseguiu um novo trabalho, também na área de edificações e assim, ela optou por matricular os dois filhos, numa nova escola, também particular em turno integral.

É importante salientar que a pesquisadora sempre buscou a área da educação, porém, devido à sua falta de experiência e por morar numa cidade que não conhecia ninguém, os contatos lhe eram restritos.

Outro fator importante é que a pesquisadora sempre trabalhou e dividiu as despesas do lar e dos filhos com seu esposo, porém, sua trajetória acadêmica e profissional depois do casamento sempre esteve em segundo plano. Seu esposo, no intuito de crescer profissionalmente e promover um bem estar à família, se formou e fez pós-graduação, ambas em universidades particulares, cujos custos dos estudos influenciavam diretamente no orçamento da casa. Com a trajetória acadêmica estagnada, a pesquisadora exercia atividade remunerada de nível técnico, não tinha condições financeiras, físicas e psicológicas para aperfeiçoar seus estudos e ainda acumulava as atividades do trabalho reprodutivo do lar, numa “dupla jornada de trabalho”.

Após seu esposo concluir a graduação e pós, ele obteve promoções na empresa que trabalhava e a cada promoção, uma mudança de endereço. Se por um lado, essas mudanças de cidades tenham melhorado e elevado o padrão de vida da família, por outro lado, demonstrou mais um entrave na trajetória acadêmica e profissional da pesquisadora, pois a cada deslocamento em função do seu esposo, a pesquisadora abandonava seus projetos profissionais e iniciava do zero num outro lugar. Ela não cresceu profissionalmente e não conseguiu se qualificar neste período.

Em 2010, veio a maior mudança na vida da família! O esposo da pesquisadora foi convidado para um desafio de trabalho em Moçambique. A família encarou a oportunidade e se mudou mais uma vez! Lá, devido às muitas dificuldades na logística dos cuidados dos filhos, a pesquisadora mais uma vez recuou e optou por não trabalhar. Por estar em um país desconhecido e diferente, pelo bem estar da família e adaptação dos filhos na escola e no país, ele optou por acompanhar por um tempo a infância deles, ficando encarregada apenas do trabalho

de cuidados do lar. Foi um tempo importante para bem estar da família, mas novamente uma barreira na trajetória profissional da pesquisadora.

Em 2014, após retornarem ao Brasil, o seu esposo com uma experiência profissional excelente e recolocado no mercado de trabalho, a pesquisadora sentiu dificuldade na sua inserção no mercado de trabalho. Tinha uma formação acadêmica antiga, sem reciclagem ou aperfeiçoamento e uma experiência profissional que por ser remota, não era atrativo ao mercado de trabalho.

Diante da situação apresentada, a pesquisadora decidiu voltar a estudar e cursar o mestrado. Com os filhos já mais crescidos e com uma estabilidade financeira garantida pelo trabalho do seu esposo, ela entendeu que era a sua vez de se qualificar e não partir de imediato para a procura de um trabalho.

Ainda indecisa por qual caminho seguir no mestrado, viu suas portas se abrirem quando, a partir do ingresso num grupo de pesquisa, cuja temática dos estudos na época lhe causou brilho no olhar, conseguiu elaborar um projeto que lhe permitia uma possibilidade de ingresso no mestrado. Após duas tentativas no vestibular, eis que consegue adentrar nesse mundo acadêmico tão desejado.

Outro destaque na trajetória da pesquisadora é que seus estudos sempre foram pautados em escolas públicas. Devido às suas dificuldades de ascensão, ela nunca teve condições de financiar seus estudos e suas conquistas acadêmicas sempre foram de esforço concorrência.

Atualmente, com o mestrado em fase de encerramento e depois de dois anos de grande aprendizado acadêmico e pessoal, a pesquisadora busca adentrar em áreas específicas do mercado de trabalho e também tem expectativas num doutorado.

Ao longo dessa trajetória descrita, a pesquisadora só percebeu as barreiras e dificuldades vivenciadas por ela durante os estudos no mestrado. Hoje, ela tem a percepção do sexismo que sempre lhe rodeou no seio familiar e profissional e a consciência do quanto o casamento, filhos, trabalho doméstico e responsabilidades do lar influenciaram em suas escolhas e trajetórias.

Apesar de todos os desafios e dificuldades vivenciados por ela, a pesquisadora se sente feliz pela família que construiu, porém tem plena consciência de que se tivesse toda essa percepção e conhecimento teórico conquistado no mestrado desde o início da sua carreira, com certeza teria buscado outro caminho.

Ainda assim, destaca-se que nesses dois anos, muitas mudanças ocorreram a fim de alterar o rumo da sua trajetória!

Trajetória da Entrevistada 1 – E1

A primeira entrevistada, código alfanumérico **E1**, é formada em Letras com habilitação em licenciatura em língua portuguesa e língua inglesa. Tem 41 anos, casada, reside com o esposo e duas filhas. Concursada no cargo público de nível técnico há 11 anos, atualmente atua como gerente de uma instituição pública, com uma carga horária de trabalho de 40 horas semanais de segunda a sexta feiras.

E1 formou-se em Edificações no ano de 1996 na então ETFOP. Na época optou por este curso e escola respectivamente pelo número de vagas ofertadas no curso e pela qualidade de ensino da instituição.

Após a conclusão do curso fez estágio e trabalhou por três anos num escritório de engenharia civil com a função de desenhista projetista. Depois deste período, voltou a ETFOP para a devida colação de grau e recebimento do seu diploma.

Posteriormente ingressou no curso superior em Letras no ano de 1998, enquanto trabalhava no escritório de engenharia. A opção pelo curso de Letras foi devido ao mesmo ser ofertado na cidade de sua residência, também devido à concorrência ao curso ser inferior à engenharia e ainda porque, segundo a entrevistada, não “gostava” de matemática e “ser professora” era algo que desde criança era posto pela sociedade para as mulheres e na sua família não era diferente.

E1 tinha consciência da necessidade de estudar para conseguir se estabilizar na vida e assim que encerrou o curso de Letras com a habilitação em licenciatura em língua inglesa, optou por continuar na instituição e após algum tempo concluiu a licenciatura em língua portuguesa também.

Depois de certo período cursando letras, no turno noturno, E1 optou por encerrar suas atividades no escritório de engenharia e buscou oportunidades para lecionar, conseguindo vaga nas escolas públicas dos distritos da sua cidade, onde lecionou por cinco anos.

O casamento de E1 aconteceu quando a mesma já tinha concluído a graduação, em 2005, porém, os desafios de uma futura gravidez a fez buscar novos

rumos em sua vida profissional, uma vez que trabalhar em locais distantes da sua residência evidenciava um entrave para a conciliação do trabalho produtivo e o papel de mãe.

Desse modo, em 2005, no ano em que se casou e já pensando numa futura gestação, E1 prestou um concurso público para nível técnico, na qual foi aprovada, porém só tomou posse dois anos depois, em 2007.

E1 enfatizou que sua atração por este concurso foi a exigência de apenas 6 horas diárias de trabalho, o que daria para conciliar “casa e trabalho”. Na lacuna entre 2005 e 2007, a entrevistada já casada, continuou exercendo a função de professora, mas acreditava que se eventualmente engravidasse, naquelas condições de trabalho, teria que abrir mão do trabalho assalariado.

Ao tomar posse na função de técnico em 2007 no serviço público, tornou-se necessário a mudança de cidade, uma vez que a vaga disponível no concurso naquele momento não era na cidade em que residia. Por ser casada e ainda não ter filhos, optou por aceitar a vaga e mudou-se de cidade, passando um ano distante do esposo que não podia acompanhá-la devido ao seu trabalho. Eles se viam nos finais de semana.

Em 2008, um ano após a posse, E1 conseguiu, através de um concurso interno de remoção, a transferência para a sua cidade, juntamente com uma promoção de cargo, porém a jornada de seis horas que ela exercia foi extinta através de uma portaria do governo federal e E1 passou a trabalhar 8 horas diárias.

Já convivendo novamente com seu esposo, E1 programou a sua primeira gestação e em 2009, nasceu sua primeira filha e quatro anos depois nasceu a segunda.

Após nove anos desempenhando a mesma função, conciliando a vida profissional e a vida no espaço reprodutivo e ainda trabalhando 8 horas diárias, em 2017, através de uma indicação de um funcionário de um cargo diretivo da instituição, assumiu o posto de gerente da unidade da empresa na cidade onde mora. Segundo E1, é uma unidade pequena e que “coincidentemente” possui apenas quatro servidoras mulheres sob seu comando.

E1 relatou ainda que não vivenciou grandes dificuldades no desempenho do seu trabalho durante as gestações, uma vez que o “sistema público de trabalho” garante ao funcionário os direitos previstos em lei e a estabilidade do cargo

independente de intervenções econômicas e políticas. E1 sempre trabalhou no setor administrativo da empresa, sem maiores riscos iminentes.

Apesar de E1 descrever sua trajetória como tranquila, identificou-se nela uma preocupação com as dificuldades femininas em conciliar os desafios do gerenciamento do lar, o trabalho produtivo e o “papel de mãe”. Evidencia-se na fala da entrevistada que toda a sua trajetória foi programada para que ela não estagnasse sua carreira profissional em função da vida pessoal.

Ela relatou também que os cuidados da casa são de sua responsabilidade, embora tenha uma ajudante que trabalha de segunda a sexta, seis horas diárias e que quando deixa o trabalho, ao chegar em casa, prepara o lanche ou o jantar da família, também refaz algum trabalho que não foi bem realizado pela ajudante e lava toda roupa, que por opção dela mesma, não é tarefa da ajudante. O dever escolar das filhas também fica sob seu comando.

E1 afirma que seu esposo a “auxilia” nas compras de supermercado e feira e que depois que ele ficou um ano desempregado em 2016, passou a se interessar mais pelas questões relacionadas ao lar, pois passou a conhecer de perto os desafios diários dela com a família.

Durante a entrevista, apesar do apoio no roteiro semiestruturado, buscou-se uma concepção de conversa informal, deixando a entrevistada livre para narrar toda a sua trajetória, incluindo sucessos, conquistas, desafios e barreiras ao longo do percurso, e uma curiosidade identificada, é que E1 tem consciência do salto que a mulher alcançou na vida profissional. Ela apontou que a mulher de hoje é bem mais evoluída e independente da mulher de antigamente.

Em contrapartida, apesar dos salários na sua empresa serem definidos por cargos e não por sexo, ela percebe que os homens estão em atividades mais técnicas e por isso muitas vezes compreendem melhor o trabalho operacional, mas insistiu em afirmar que no setor público onde ela construiu a sua trajetória a desigualdade não é muito grande e nem aparente.

Trajetória da Entrevistada 2 – E2

A entrevistada de número dois, na qual será utilizado o código alfanumérico **E2** para denominá-la, possui 40 anos, ensino superior completo em Letras, com habilitação em licenciatura em Língua Inglesa. E2 é casada, possui um casal de

filhos (12 e 8 anos), menina e menino respectivamente, e desempenha a função de mais alto nível na diretoria geral de ensino público municipal da cidade na qual reside há um ano. E2 possui uma carga horária de trabalho de 8 horas de segunda a sexta e trabalha quase todos os sábados, a depender da demanda.

A trajetória de E2 iniciou-se por meio da escolha em frequentar a ETFOP após a conclusão do ensino fundamental. A entrevistada evidenciou que por ser de origem humilde, frequentar uma escola pública federal de qualidade elevada era um desejo de muitos jovens daquela época e afirmou ainda que a escolha do curso técnico em Edificações foi apenas uma estratégia para ingressar na instituição. Era um curso bom e como não era o mais concorrido, dava-lhe a chance de ingresso na instituição.

E2 afirmou que no decorrer do curso técnico, despertou o interesse pela língua inglesa. Por haver na instituição um pavilhão de línguas, professores qualificados e livros didáticos de excelente qualidade, além de um laboratório audiovisual, coisa que ela nunca havia tido contato anteriormente na escola pública em que estudou anteriormente, foram motivos suficientes para que se apaixonasse pela língua inglesa. Deste encanto, veio o pedido para que seus pais se esforçassem e a matriculassem num cursinho particular de inglês, concomitante ao ensino técnico.

Embora fosse um desejo do seu pai para que E2 desse segmento à carreira técnica e cursasse engenharia civil, ao concluir o curso técnico em Edificações, ela optou por não colar grau e seguir atrás do seu sonho de aprimorar seus conhecimentos na língua inglesa. Fez vestibular para Letras, numa universidade federal e seguiu adiante, cada vez mais motivada. Enquanto cursava letras, no turno noturno, E2 trabalhava como secretária num cursinho particular de língua inglesa.

Durante o curso técnico, E2 conheceu e namorou seu esposo e se casou com ele no ano em que formou a faculdade. A vontade dela, mesmo casada há pouco tempo, era fazer um intercâmbio nos Estados Unidos, através de um incentivo da universidade, com um patrocínio direto dos seus pais. No entanto, devido à queda das torres gêmeas no complexo World Trade Center, em 2011, em Nova York, seus pais optaram, por precaução, que a viagem não ocorresse, deixando naquele momento, E2 desapontada, porém com o passar do tempo E2 se conformou.

Após a conclusão do curso de letras, e depois de seus planos de intercâmbio nos Estados Unidos da América (EUA) falharem, E2 ingressou numa pós-graduação

na área e concomitante, fez estágio numa empresa de mineração renomada. Embora não fosse um ambiente escolar atrelado à sua formação, a língua inglesa estava presente nas suas atividades laborais. Finalizado o estágio, E2 fez um concurso para professora de língua inglesa, numa escola particular onde trabalhou de 2004 a 2015.

Durante o percurso universitário de E2, seu namorado e posteriormente esposo conseguiu se estabilizar numa grande mineradora e quando E2, já casada, finalizou o estágio e conseguiu o trabalho na escola particular. A estabilidade financeira do casal permitiu-lhes correr atrás de um novo sonho, comprar uma casa.

Após a aquisição do imóvel, e ambos bem empregados, em 2005 optaram pela primeira gestação e cinco anos depois, a outra gestação.

Quando sua primeira filha estava com quatro anos e seu segundo filho ainda bebê e amamentando, E2 se inscreveu num concurso nacional, cujo prêmio seria a oportunidade de um curso de Inglês numa universidade renomada em Londres, na Inglaterra. Mesmo cheia de motivação, caso fosse contemplada, a entrevistada tinha algumas barreiras a enfrentar, como filhos, esposo e a amamentação. Antes mesmo que o resultado fosse revelado, E2 optou pelo desmame do bebê.

Após o resultado positivo sobre a viagem, todos da família ficaram muito felizes e orgulhosos com a notícia e E2 em momento algum pensou em desistir, segundo ela era a oportunidade que ela havia perdido em 2001 quando não pôde ir ao intercâmbio nos EUA.

Assim, E2 se deslocou para Londres, onde permaneceu por 17 dias, no período das férias escolares, para não comprometer sua ausência no trabalho. E2 deixou os filhos sob-responsabilidade do seu esposo e aos cuidados de sua mãe que se deslocou para a casa de egressa, preenchendo o espaço vazio que ela estava deixando no período. Como o esposo de E2 trabalhava, era necessária uma ajudante para afazeres domésticos e cuidados com as crianças e neste caso a mãe de E2 assumiu estas tarefas.

E2 afirmou na entrevista que mesmo com a logística familiar organizada, sofreu muita pressão psicológica dos seus pais e esposo antes de embarcar. Eles alegavam que as crianças eram muito pequenas ainda e que ela nunca havia se ausentado do lar por tanto tempo. Mesmo assim, E2 não desistiu!

Durante a sua permanência em Londres, a entrevistada se comunicava diariamente com sua família via skype, onde tirava as dúvidas e matava a saudade,

que segundo ela era grande e muitas vezes escorria aos olhos, porém sem arrependimento, afinal era a realização de um grande sonho!

E2 conta ainda que seu filho menor foi o que mais sentiu a sua ausência e que chegou a ter febre de cunho emocional durante a sua ausência, o que lhe trouxe tristeza e lágrimas e afirma ainda que até hoje ele tem alguns traumas emocionais que faz com que ela, apesar de não se arrepender de ter viajado e feito o curso, carregue consigo grande sentimento de culpa pelos problemas nele apresentado.

No ano de 2014, depois da experiência em Londres, a escola que E2 trabalhava patrocinou a ela uma nova viagem. Desta vez aos Estados Unidos, para um novo curso de inglês. Nesta segunda viagem, E2 permaneceu 20 dias viajando e como seus filhos já eram maiores, a logística da organização familiar ficou mais tranquila, embora novamente E2 contou com a ajuda da sua mãe que se deslocou para a sua casa mais uma vez e assumiu os afazeres do lar e os cuidados com as crianças.

No decorrer da entrevista, verificou-se uma ênfase no discurso de E2 ao afirmar que em hipótese alguma, durante todos os anos de casamento, dependeu financeiramente de seu esposo e que as suas viagens foram custeadas por terceiros não afetando o equilíbrio financeiro do lar. Esta exaltação, segundo E2, vem do exemplo de subordinação da sua mãe ao seu pai por toda a vida de casados. Seu pai sempre no papel de provedor e a sua mãe responsável pelo trabalho reprodutivo, traziam recordações de uma condição de submissão da sua mãe, e era algo que lhe incomodava desde à sua infância.

Atualmente, devido à carga horária elevada de trabalho, E2 tem uma ajudante do lar na qual desempenha todo o trabalho doméstico e seu esposo fica responsável pelas compras de supermercado.

E2 é uma pessoa consciente de seu potencial e de sua responsabilidade no gerenciamento de toda uma área educacional. Para ela é uma área extremamente feminina e que os poucos homens que trabalham sob seu comando, ficam a cargo da logística, almoxarifado e área de suprimento. E2 afirmou que um dos motivos dessa cisão seria porque a área da educação requer amor e sensibilidade e que estas qualidades desvalorizam economicamente a classe, e portanto o homem não aprecia. Neste contexto, E2 afirma ainda que os homens que exercem profissões tipicamente femininas sofrem preconceitos sexistas da sociedade.

Dentro do escalão superior na rede municipal, E2 afirma que ela é a única mulher e que para ser respeitada nesse campo gerencial onde o sexo masculino é predominante, é necessário, firmeza na sua fala, uma forma de “olhar” e um semblante mais impositivo nos seus argumentos durante as reuniões, além do seu currículo internacional.

Outrossim, E2 afirmou ainda que apesar da forma clássica que se veste, sofre assédio masculino direta e indiretamente, pelo seu carisma e simpatia e que uma forma de contornar essa situação é se afastar do opressor. Ela enfatizou ainda que pelo fato de gostar de se vestir bem, usar salto alto, maquiagem e roupas elegantes, desperta um sentimento de recalque feminina, aguçando nas próprias mulheres o lado machista que possuem.

No que se refere ao lar, E2 afirmou que tem a contribuição de uma ajudante para os serviços gerais e que atualmente, devido à sua demanda apertadíssima de trabalho, seu esposo auxilia na gestão de compras de supermercado, dever de casa e que apoia muito o seu trabalho. Ele compreende suas dificuldades e lida bem com a sua ausência, embora silencie suas inquietudes e desconfortos, quanto à sua exposição e ausências.

E2 enfatizou ainda que o seu empoderamento e a sua maturidade a deixou mais autoconfiante e segura e com isso aprendeu a contornar o grande ciúme que possuía do seu esposo quando eram mais jovens e que para ela, a felicidade está em buscar trabalhar naquilo que gosta e se sente bem. E que a busca por oportunidade, conhecimento, realização deve ser constante para avançar enquanto profissional e ser humano. Coragem acima de tudo!

Trajetória da Entrevistada 3 – E3

A terceira entrevistada, na qual denominaremos **E3** neste trabalho, é engenheira civil, mestre em estruturas, possui 40 anos, solteira e mora com seus pais. Há 10 anos desempenha seu trabalho como engenheira civil plena numa empresa privada. Seu regime de trabalho são 40 horas semanais, de segunda a sexta.

A trajetória de E3 iniciou com o seu ingresso na ETFOP em 1996, no curso técnico em Edificações. A opção pela instituição ocorreu por se tratar de uma escola pública com ensino de qualidade. Já o interesse pelo curso, foi algo inato. E3 conta

que fez na época do vestibular para a ETFOP um teste de aptidão que indicava uma trajetória voltada para a arquitetura e que a opção pelo curso em Edificações iria contribuir.

Após a conclusão do curso técnico em Edificações, E3 fez estágio na área técnica e nesta época também tentou vestibular para engenharia. Como não foi aprovada, encerrou o estágio e no ano seguinte prestou vestibular para o curso técnico em Meio Ambiente também na ETFOP, onde estudou entre 1997 e 1998. Neste período, E3 não trabalhou e se dedicou aos estudos do curso técnico em meio ambiente na ETFOP, e concomitante se dedicou aos estudos para o vestibular em engenharia, o que seria seu próximo passo.

Em 1999, E3 passou no tão sonhado curso de Engenharia Civil na UFMG. cursou de 1999 a 2004 no turno diurno. Durante o curso, participou de bolsa de iniciação científica remunerada, que ajudava arcar com os custos de alimentação e transporte durante o curso, que era distante da sua residência. No 10º período E3 encerrou o trabalho como bolsista e se dedicou ao estágio supervisionado numa empresa de projeto residencial de pequeno porte. Ao finalizar o estágio, E3 colou grau e concluiu a graduação em Engenharia Civil.

Nesse contexto, E3 evidenciou que o proprietário da empresa que ela estagiou, despertou interesse para que ela continuasse na empresa, mas enfatizou que não poderia aumentar sua remuneração que na época era de um salário mínimo. Porém, tal remuneração não custeava as despesas de transporte e alimentação no trabalho, visto que ela residia em outra cidade e E3 não achava justo que seu Pai continuasse a subsidiar as suas despesas depois da conclusão do curso superior.

Diante da instabilidade econômica que o país se encontrava e a dificuldade em conseguir se inserir no mercado, E3 optou por participar da seleção do mestrado. Segundo E3 a bolsa ofertada pelo mestrado era superior à remuneração oferecida pelo mercado de trabalho na época.

Ao verificar as ofertas de cursos de mestrado na área da engenharia, E3 encontrou opções entre o mestrado em estruturas e o mestrado em hidráulica. E3 preferiu a área de estruturas, pela possibilidade futura de exercer a profissão por conta própria. Quando E3 estava no último semestre do mestrado, iniciou uma pós-graduação numa outra instituição à noite, na área de petróleo.

Ao encerrar o mestrado, E3 tinha consciência da necessidade de se inserir no mercado e seu primeiro passo seria adquirir experiência. O seu trabalho inicial nada tinha a ver com a sua formação no mestrado, mas diante das dificuldades do mercado de trabalho, aceitar a vaga era a única opção.

Após um ano na empresa, e depois de uma gama de currículos distribuídos, uma nova oportunidade de trabalho fez com que E3 mudasse de emprego. Uma vaga na área de sua formação específica de mestrado a atraiu, e nesta empresa E3 permanece trabalhando até o momento.

E3 evidencia que nestes 10 anos de trabalho nessa empresa, muitos foram os momentos de aprendizado e desafios. Apesar de ter sido contratada para a área de estruturas da empresa, passou ao longo desses anos por vários setores da engenharia civil, fazendo com que ela adquirisse mais experiência e ampliasse a convivência com diferentes profissionais.

Embora E3 tenha percepção do tamanho do seu aprendizado na empresa, muitos foram e ainda são os desafios enfrentados por ela. Preferência dos gerentes por determinados profissionais, ainda que sejam mulheres, dificuldade de ascensão, pois há 10 anos desempenha a mesma função, sexismo entre os colegas, dificuldade estrutural ao liderar um grupo masculino mesmo que este esteja em posição inferior à sua, além de falta de reconhecimento do seu trabalho e aumento salarial.

E3 atualmente mora com seus pais em uma cidade há 50 km do seu trabalho. Devido à logística da moradia e do transporte, optou pelo suporte dos pais nos afazeres domésticos e em contrapartida, oferece todo o suporte necessário aos seus pais, nos finais de semana, uma vez que sua mãe nunca dirigiu e seu pai, devido à idade já não dirige mais. Para E3 é economicamente mais viável residir na casa dos seus pais e ao mesmo tempo gratificante estar com eles todas as noites e nos finais de semana.

Uma questão importante que E3 mencionou é que ela associa seu estado civil atual à necessidade de se doar muito aos estudos e carreira durante a sua trajetória. Ela se envolveu tanto com a vida escolar e profissional que deixou a vida pessoal de lado. Ela tinha necessidade de se estabelecer profissionalmente, tanto para realização pessoal quanto econômica. Seus pais haviam apostados as “fichas nela” durante a trajetória acadêmica e ela precisava agarrar a oportunidade e posteriormente, retribuir profissionalmente tamanho esforço.

Apesar de ainda estar nova, ela acredita que ter uma carreira consolidada, carregando o status de engenheira civil, mestre em estruturas com mais de 10 anos de experiência, afasta alguns homens que encontram dificuldades em aceitar uma mulher profissionalmente estável e empoderada num relacionamento.

Apesar de todas as barreiras e dificuldades, E3 gosta da sua profissão e se sente realizada, mas afirmou com ênfase que a partir de agora pretende se dedicar mais à vida pessoal, a começar por encerrar as atividades laborais no horário previsto pela empresa para conseguir chegar mais cedo em casa e que tem muita vontade de se casar.

Ela acredita que a mulher já evolui muito e que está presente a cada dia em maior quantidade nas escolas e no mercado de trabalho. Para ela as engenharias estão mais acessíveis e as mulheres estão se impondo e ocupando seus espaços nos postos de trabalho. Por outro lado, afirma que mesmo com a mulher se deslocando para o mercado, atualmente o trabalho reprodutivo conta com um auxílio masculino maior que em outras épocas, mas ainda é responsabilidade feminina.

Ao finalizar a entrevista, E3 afirmou que a vida dela hoje são as escolhas do seu passado e que foram corretas. Muitas vezes não no tempo que ela gostaria, mas com certeza no momento certo para acontecer.

Trajetória da Entrevistada 4 – E4

A quarta entrevistada, na qual nomearemos E4 neste trabalho, é engenheira civil com especialização em engenharia sanitária e ambiental, 40 anos, casada, reside com esposo e dois filhos (7 e 9 anos). Há 12 anos desempenha seu trabalho numa empresa pública como engenheira civil. O cargo que exerce foi conquistado através de concurso público e seu regime de trabalho são 40 horas semanais, de segunda a sexta feira.

E4, quando tinha 15 anos e iria iniciar o ensino médio, escolheu ingressar na ETFOP devido à escola pública federal ser bem conceituada e o ensino de boa qualidade. Na época E4 fez outros vestibulares em escolas públicas federais, como passou no vestibular da ETFOP em Ouro Preto, se deslocou para morar na cidade durante os três anos do curso integrado, com aulas durante todo o dia.

Sua maior influência na escolha do curso foi seu pai. Encarregado de obras de um clube da sua cidade fazia com que ela tivesse convivência real com pequenas

obras e se interessasse pelo seu trabalho. Dentre as opções ofertadas pela instituição, o curso técnico em Edificações tornou-se o mais compatível com ela naquele momento.

Durante o curso técnico, E4 morava numa república em Ouro Preto com outras três moças, nas quais dividiam os custos e os serviços domésticos. Todas eram estudantes sustentadas pelos pais ou responsáveis.

Após o término do curso, E4 fez estágio em Edificações e logo depois do término do estágio, foi dispensada devido à instabilidade econômica na época. Matriculou-se então num cursinho pré-vestibular durante um ano. Ao final deste ano, E4 tentou vários vestibulares em instituições federais diferentes e passou em alguns cursos. Optou por Engenharia Civil na UFMG para dar segmento à sua trajetória técnica e por BH estar mais próximo à sua cidade natal, onde residiam seus pais.

O curso de Engenharia foi todo realizado no turno diurno e E4 se deslocava diariamente. Como opção para reduzir os custos, E4 optou por participar de bolsas de monitoria, o que lhe rendia um abono que a auxiliava em seus custos diretos como, por exemplo, alimentação e transporte. Após um ano exercendo suas atividades como bolsista, E4 conseguiu um estágio já na área da engenharia e optou por trocar a bolsa pelo estágio.

E4 estudava pela manhã e fazia o estágio à tarde numa empresa de construção de estrada, na área de licitação. O proprietário dessa empresa era cliente de sua mãe no restaurante de sua propriedade e por intermédio dela, E4 foi admitida para a realização do estágio remunerado.

Logo após a conclusão do curso de engenharia civil, o estágio de E4 finalizou e ela não foi contratada. Segundo ela, neste período a empresa estava com poucas licitações e que por isso ela não poderia ser aproveitada. Já no setor de obras, no mercado de estradas, o proprietário afirmou a ela que seria difícil inserir uma mulher. Com a justificativa de que uma obra em estradas requer um profissional que se desloque para residir longe, seria inviável a contratação de uma mulher. E4 afirmou que na ocasião se dispôs ir pra obra e residir nas condições apresentadas, pois agregar experiência de trabalho e de vida era seu objetivo naquele momento.

Diante da negação da empresa, E4 ficou desapontada e chegou a pensar que deveria ter feito o estágio numa área de projetos ou construção de prédios, pois a possibilidade de ser aproveitada na empresa seria maior.

Desempregada, E4 começou a distribuir currículo à procura de emprego e ao mesmo tempo se inscreveu em alguns concursos em sua área, cujas vagas eram preenchidas de acordo com a demanda e necessidade do estabelecimento. E4 disse que foi aprovada em dois deles e que as chamadas para a ocupação das vagas obedeciam a uma ordem de classificação e que a sua convocação levaria algum tempo.

Perpassando o lado pessoal, E4 afirmou que conheceu esposo ainda durante o curso de Engenharia e que se casaram após ela se formar engenheira, em 2005. Desempregada e sem previsão de convocação para os concursos, E4 seguiu com seu esposo para residir em outra cidade após o casamento, pois ele havia conquistado uma oportunidade de trabalho melhor. Nesta nova cidade, já que E4 estava desempregada, optou por fazer duas disciplinas isoladas de mestrado e geologia.

Após finalizar as disciplinas, um ano depois de estar morando nessa nova cidade, E4 é chamada como eventual contratada para um serviço na empresa pública que ela havia prestado concurso, sem possibilidade de efetivação naquele momento, porém seria necessário que ela se deslocasse para trabalhar numa outra cidade, bem distante daquela em que vivia com seu esposo.

Na época, E4 ficou dividida entre o mestrado e a vaga temporária de trabalho, mas por razões financeiras e a necessidade de experiência técnica, optou pelo trabalho. Deixou seu esposo nessa cidade e se mudou para trabalhar como Engenheira Civil contratada nesta instituição pública, sob um regime de contrato com prazo determinado.

E4 afirmou que sofreu muita pressão da sua família por optar pela carreira ao invés de seguir junto ao seu esposo naquele momento, mas resolveu ouvir a voz do seu coração e partiu para longe. Segundo E4, seu esposo a encorajou a correr atrás do seu objetivo, pois ela havia se dedicado muito aos estudos.

Depois de oito meses trabalhando longe e encontrando seu esposo esporadicamente, E4 foi convocada em um dos concursos que ela havia sido aprovada e então se mudou de cidade novamente. Desta vez para uma cidade mais próxima à do seu esposo. Pouco tempo depois, seu esposo conseguiu transferência para a mesma cidade em que ela trabalhava e assim voltaram a viver juntos.

Após E4 se juntar ao seu esposo novamente, ela optou por fazer a especialização em Engenharia Sanitária e Ambiental. Trabalhava durante o dia e estudava a noite. Sua intenção com a pós era o crescimento dentro da empresa.

Ao final da pós-graduação, E4 engravidou do seu primeiro filho. Segundo ela, uma gravidez tranquila, que lhe permitiu trabalhar até os últimos dias. Após a licença maternidade e de volta ao trabalho, sua mãe ficava responsável pelos cuidados do bebê. Um ano e meio depois do nascimento do primeiro filho, E4 engravidou do segundo filho. Desta vez não trabalhou até os últimos dias, optando pela licença maternidade um pouco antes do nascimento do bebê, pois estava muito grande e cansada.

Ao término da licença maternidade, E4 naquele momento com dois filhos e sua mãe já mais velha e cansada devido a uma enfermidade do seu pai, ficou inviável que sua mãe a ajudasse e, portanto, E4 optou por contratar uma nova pessoa para cuidar das crianças. Desta vez a sua cunhada, irmã do seu esposo, por ser de confiança e estar necessitando de emprego naquele momento, começou a cuidar das crianças.

E4 estava se sentindo confortável por designar o cuidado das crianças a uma pessoa de confiança. Isto lhe trazia tranquilidade, pois sempre trabalhou numa outra cidade e em caso de qualquer eventualidade, devido à demora no deslocamento, sua cunhada seria a pessoa ideal para lhe dar o devido suporte inicial numa emergência.

Até os dias de hoje, a cunhada de E4 cuida das crianças. Ela também é casada e tem os filhos adultos e independentes. Os cuidados com as crianças são realizados na residência de E4 a partir do horário que as crianças deixam a escola, no horário de almoço, até o momento em que E4 ou seu esposo chega a casa. Sua função é cuidar exclusivamente das crianças e conservar o serviço da casa, como lavar as vasilhas do almoço, depositar o lixo e etc. O serviço doméstico de limpeza da casa e lavagem de roupa é feito por E4 nos finais de semana. Eventualmente uma faxineira faz o serviço pesado e mais bruto da casa.

O serviço de compras de supermercado, feira e açougue é realizado por E4. Ela tem o esposo como um ajudante que, quando ela está muito sobrecarregada, vai à padaria, faz comida e cuida das crianças.

E4 acredita que por ser concursada, gozou de mais tranquilidade quando trabalhava e seus filhos amamentavam. Devido às horas de amamentação que ela

dispunha, sua carga horária de trabalho era menor, o que reduzia a distância entre eles naquele período.

Apesar desse atenuante, E4 carrega consigo muita culpa por passar tanto tempo distante dos filhos e tenta compensar sua ausência com excesso de atenção e carinho quando está junto das crianças, o que provoca em seu esposo um incômodo pelo exagero de mimos, já que ele, enquanto pai passa também todo o dia fora, mas tem uma atitude mais de “durão”.

Atualmente E4 trabalha no escritório gerenciando uma empresa contratada e esporadicamente vai ao campo. Ela trabalha no setor técnico em que a presença de homens é maior que a de mulheres, mas evidencia que na sua área de trabalho, o setor administrativo é predominantemente feminino.

E4 exerce a mesma função desde a sua convocação no concurso e a maioria dos aumentos salariais dela foi comum a todos, exceto um que ocorreu quando ela pensou em fazer um novo concurso e mudar de área, para um cargo melhor, e pra que ela continuasse ali, seu chefe lhe fez uma proposta de aumento salarial. Ela aceitou e se aquietou na função.

Durante a entrevista, E4 afirmou que se tivesse anteriormente o entendimento que possui hoje sobre as profissões, teria optado pelo curso de Direito, pois num concurso público, lhe traria melhores benefícios salariais e melhor aceitação pela sua condição feminina. Segundo ela, um curso de Engenharia traz muitas dificuldades de ascensão para mulheres numa empresa privada e que as chances de atingir um patamar gerencial são bem difíceis.

E4 evidencia que a mulher engenheira que trabalha numa empresa privada, teria que abrir mão de muita coisa na vida privada e que a qualidade de vida em família pesa muito, por isso a sua opção pelo concurso. Ela afirmou também que depois de ter tomado posse para este cargo que exerce atualmente, um tempo depois, foi convocada para assumir seu posto no segundo concurso na qual também tinha passado e que na ocasião o salário era maior. Porém, como já tinha os dois filhos e uma vida estabilizada perto do esposo, preferiu abrir mão e ficar onde está. Ela destacou que se não tivesse os filhos na época da segunda convocação, teria ido como foi à primeira vez, porém naquela ocasião, o bem estar da família já era condição de ponderação.

E4 é bem consciente das dificuldades femininas no mercado de trabalho. Ela afirma que as mulheres estão abrindo mão de muita coisa como casamento, filhos,

residência fixa, para se inserir no mercado de trabalho, principalmente em áreas masculinizadas, mas que seus direitos ainda não são iguais aos dos homens. Ela acha que as mulheres são mais competentes, mas que a exemplo dela mesma, precisa sempre provar a sua competência para estar naquela função, “se adiantando” nas tarefas pra não dar motivos pra falarem do seu trabalho, estudando mais e resistindo às condições impostas pelos homens no trabalho.

5.2 Análise dos Dados

Neste tópico são analisados os excertos dos relatos das trajetórias acadêmica e profissional das mulheres participantes da pesquisa, relacionando-os a determinadas características pessoais e buscando o diálogo com as teorias que embasam esse trabalho - “Relações sociais de sexo e divisão sexual do trabalho”.

Os relatos estão divididos em três categorias de análise cujos assuntos estão ligados aos objetivos específicos deste trabalho: 1) influências da divisão sexual do trabalho nas trajetórias acadêmica e profissional; 2) Desafios e barreiras ao longo das trajetórias das egressas para se inserirem e ascenderem profissionalmente; 3) Estratégias de resistência das egressas para ocupar e permanecer em seus espaços ao longo da trajetória acadêmica e profissional.

5.2.1 Influências da divisão sexual do trabalho nas trajetórias das egressas.

A Divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social, decorrente das relações sociais entre homens e mulheres. (Hirata e Kérigoat, 2007). Ainda segundo Kérigoat (2003), o termo divisão sexual do trabalho, tem uma conotação de relação de poder dos homens sobre as mulheres.

As relações sociais entre os sexos têm sido construídas historicamente nos diversos espaços de sociabilidade. Essas relações são baseadas em práticas sociais, representações, símbolos e normas vivenciadas culturalmente por homens e mulheres, tendo ainda, uma base material que ratifica tais relações que é a divisão sexual do trabalho conforme preconizam Hirata e Kérigoat (2007).

A partir de reflexões sobre esta articulação entre o trabalho feminino e masculino, o trabalho doméstico realizado pelas mulheres gratuitamente em nome

da habilidade inata ou do dever feminino e que é tratado como invisível, passou a ser incorporado como objeto de análise nos estudos.

Hirata e Kérgoat (2008) afirmam que é necessário pensar o trabalho a partir da associação entre trabalho produtivo e reprodutivo simultaneamente e através da totalidade das práticas sociais em que a mulher ao exercer atividade remunerada é ao mesmo tempo oprimida no espaço reprodutivo e explorada no âmbito produtivo.

Diante dessas considerações é essencial verificar qualitativamente de que forma no espaço reprodutivo as relações de opressão acontecem, uma vez que a responsabilidade da realização das tarefas domésticas pelas mulheres que desempenham um trabalho assalariado no mundo da produção caracteriza-se como **“dupla jornada de trabalho”** (NOGUEIRA, 2010).

A entrevistada E1 é formada em Letras e atualmente exerce um cargo gerencial administrativo numa empresa do setor público e a egressa E4 exerce o cargo de sua formação acadêmica - a engenheira civil, também numa instituição pública. Embora tenham seguido trajetórias acadêmicas e profissionais distintas, ao descreverem suas rotinas de trabalho, evidencia-se em seus discursos a existência do trabalho reprodutivo, como uma extensão da atividade laboral.

Eu tenho uma moça que me ajuda, que trabalha de 8 às 14hs. Ela faz o serviço da casa, mas tem sempre alguma coisinha que eu faço. Eu que preparo alguma coisinha pras meninas comerem, ajudo a fazer o dever de casa, preparo o lanche pra o outro dia, alguma coisa que a “menina” não fez ou que não ficou do seu (sic) agrado, então assim, tem várias tarefas de casa.(...) Eu prefiro lavar a roupa, já tive outras experiências e a roupa eu gosto de tá lavando. Geralmente eu faço a noite, depois que eu chego do trabalho ou no sábado. **(E1)**

Todo dia eu faço janta, porque tipo assim, né? Minha cunhada chega com os meninos da escola, já tá o almoço pronto. Olho os meninos, dou atenção pra eles, a minha cunhada faz a tarefa de casa com eles, só trabalho que eu faço. Por exemplo, o dever do dia a dia ali ela ajuda, agora quando tem um trabalho demorado, mais elaborado a gente faz final de semana. Se não der pra fazer final de semana, a gente faz depois que eu chego. [...] A roupa eu lavo e minha mãe passa. Lavo roupa sábado de manhã e minha mãe passa pra mim durante a semana. [...] Eu tenho uma faxineira que vai uma vez por mês pra dar aquele geralzão, sabe? E minha cunhada vai mantendo. Mas a gente também não deixa bagunçado pra ela não, né? Eu organizo ali, faço jantar e lavo as vasilhas. **(E4)**

No âmbito da subcategoria trabalho doméstico, como parte da divisão sexual do trabalho, foi possível perceber que as mulheres, sujeitos da pesquisa, reproduzem o trabalho doméstico como um apêndice do trabalho assalariado e não

conseguem separar as dimensões das atividades profissionais e domésticas. O trabalho reprodutivo são atividades incorporadas à sua rotina, como uma extensão do trabalho produtivo.

Nesse contexto, Kér goat (2003) esclarece que o trabalho doméstico sendo tratado como uma “conciliação de tarefas” negligencia e desloca o foco do trabalho doméstico, uma vez que os estudos priorizam as desigualdades no trabalho, no salário e no trabalho doméstico remunerado precarizado.

Outrossim, Hirata (2002) estabelece ainda que o trabalho doméstico circunscrito na esfera reprodutiva deve ser considerado também como trabalho e uma forma de exploração no processo de acumulação capitalista. Ele contribui para a reprodução das relações de poder desiguais e hierárquicas entre homens e mulheres, ligadas diretamente ao sistema patriarcal.

Apesar do relato da dupla jornada evidenciado nas falas das entrevistadas, verifica-se nesta pesquisa que os afazeres domésticos também são realizados pelos homens, porém caracterizados como “ajuda” para a mulher ou após um pedido dela, o que reafirma que o trabalho doméstico é prerrogativa feminina:

A gestão da casa, de compras ele assumiu tudo. Hoje ele sabe preço de papel higiênico, de abacaxi, de promoção. Ele assumiu sozinho. Até estranhei, porque hoje ele sabe ver qual arroz tá mais em conta, feijão, compra óleo, compra tudo. Ele assumiu toda a parte da casa de compras.
(E2)

Ele mexe muito assim... outro dia eu falei que armário bonito e tal... ele foi lá e comprou a madeira e fez um armário. Ele é habilidoso, faz janta. Ele não gosta de ter a obrigação igual eu tenho, entendeu? Mas, se eu peço: Nossa, amor! Você podia fazer isso? Ele faz. Faz pão, faz bolo, fritura. Eu nem quis aprender não, rsrsrs, meu bolo sempre ficava uma paçoca, aí ele faz um bolo que fica fofinho, aí ninguém me pede pra fazer bolo lá em casa rsrsrs. [...] ele faz essas coisas assim... (E4)

Estes relatos sugerem que a participação dos homens no trabalho doméstico tem aumentado aproximando-se do “modelo de parceria”, proposto por Hirata (2010), no qual homens e mulheres repartem as tarefas domésticas e de cuidado da família. No entanto é preciso considerar que a ideia de parceria supõe igualdade e ausência de relações de poder/dominação, o que nesses relatos não existe, pois o trabalho doméstico exercido pelos homens fica alocado na categoria de trabalho auxiliar, sendo a responsabilidade direta das mulheres.

Os homens ao assumirem alguma atividade do lar, estas estão associadas ao planejamento financeiro ou ainda a atividades de apoio familiar e não diretamente ao trabalho doméstico. Identificou-se nesta pesquisa que até mesmo no seio familiar os afazeres domésticos quando compartilhados entre os sexos, são hierarquizados e distintos entre homens e mulheres.

A sobrecarga de trabalho para as mulheres também é confirmada pelo PNAD contínua (2017), que ao apresentar os indicativos do contexto social das mulheres brasileiras, mostrou que as mulheres durante o ano de 2016, se dedicaram aos afazeres domésticos cerca de 73% de horas a mais do que os homens, numa proporção de 18,1 horas semanais para as mulheres contra apenas 10,5 horas para os homens.

Destarte, a divisão sexual do trabalho que precariza o trabalho da mulher não pode ser explicada sem que se recorra à dimensão do trabalho exercido no lar, principalmente quando se trata das relações entre os homens e as mulheres no universo doméstico. Historicamente, a divisão sexual do trabalho naturaliza as posições de homens prioritariamente em esferas produtiva/pública e as mulheres em esferas reprodutiva/privada.

Com base nos dois princípios organizadores da divisão sexual do trabalho, (Hirata e Kérgoat, 2007): **(i) o princípio da separação** (existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e **(ii) o princípio da hierarquia** (um trabalho de homem “vale” mais que um trabalho de mulher), alguns elementos sobre participação feminina na força de trabalho produtiva devem ser ressaltados, conforme observado nas entrevistas com as egressas.

Na narrativa de E4, evidencia-se que sua prática social foi reduzida ao “papel social” que remete ao destino natural ou biológico da mulher. É possível identificar que na esfera produtiva, numa mesma profissão, os trabalhos feminino e masculino são separados por ideologias sociais.

Eu fazia estágio numa empresa de construção de estrada. Meu chefe me chamou na época e falou que era muito difícil inserir uma mulher naquele mercado de estrada, de morar fora, de acompanhar obra e como não tava tendo muita... porque eu fiz estágio na licitação. Lá na empresa, os meninos do estágio formavam e ia pra obra, aí pegava obra no Pará, nesses lugar lonjão (SIC). E eu, ele falou: não tenho como te mandar pra obra. Mulher na obra não ia dar certo, falou assim rasgado mesmo. Mulher na obra não vai dar certo e aqui na licitação, to com pouco volume de serviço. Infelizmente você não vai ser contratada. Aí eu dancei, né. Eu formei e ele me mandou embora. Aí eu pensei assim, puxa vida, se eu soubesse... porque lá era tão

bom o estágio... se eu soubesse, tinha feito estágio numa construtora de prédio, em outra área.... **(E4)**

Nesse relato de E4, a visão do seu chefe, remete ao estereótipo de gênero, que coloca a mulher como “frágil” e “delicada”. Para ele uma mulher não deveria exercer uma função “em campo”, socialmente relegada ao homem. Hirata e Kér goat (2007), justificam que tal pensamento está ancorado às características biológicas e na pseudo fragilidade feminina, que determinam às mulheres escolhas mais leves e limpas, sobretudo em atividades voltadas para a organização, minúcias e cuidado e aos homens o trabalho mais pesado, que exemplificam o (i) princípio organizador – há trabalho de homem e trabalho de mulher.

Neste contexto, Lombardi (2006) afirma que a dinâmica da divisão sexual do trabalho tem se encarregado de restabelecer a “ordem de gênero”, sinalizando as atividades permitidas às engenheiras e aquelas que ainda não o são, e que as concepções de gênero presentes na sociedade e na profissão continuam exercendo o seu papel simbólico justificando a ordem “o feminino subordinado ao masculino”.

Verifica-se também no discurso de E2, que mesmo numa área majoritariamente feminina, a educacional, existe a separação das funções femininas e masculinas. Quando questionada sobre a presença de homens na área de educação, ela afirma que,

por exemplo, hoje eu tenho duas sub secretarias, que é a de desenvolvimento da educação básica, que é uma mulher e tenho o subsecretário de apoio operacional que é um homem. Ele é tecnólogo. Ele que toma conta pra mim da merenda escolar, da parte toda de suprimentos, da logística de almoxarifado, de toda a parte de suprimento da educação.

Geralmente, pra essa área de suprimento aí já tem mais homens. Por causa das graduações mesmo. Economia, engenharia de produção, aí já são os homens. E a minha subsecretaria de desenvolvimento da educação básica já são as mulheres, que eu preciso ter os cursos de (pausa) precisam ser graduadas em pedagogia ou licenciatura. Aí predominam as meninas. **(E2)**

Esse discurso aparentemente natural confirma a existência de papéis sociais diferenciados entre homens e mulheres e, ainda, que há um tipo de trabalho confiado às mulheres e outro aos homens. Segundo Hirata (2002), às mulheres são destinadas tarefas predominantemente manuais em que rapidez, capricho e destreza são características peculiares femininas e, aos homens, as tarefas de maior prestígio e de maior apropriação da tecnologia, enquanto complexidade,

desenvolvimento e produção, o que remete também ao princípio organizador da “divisão do trabalho”, que afirma haver “trabalho de homens e trabalho de mulheres”.

Assim, apesar da mulher estar ocupando cada vez mais seu espaço no mercado de trabalho, com níveis escolares elevados conforme aponta dados da RASEAM 2014, cujas mulheres representavam 59,5% de concluintes de graduação e a sua inserção ainda é predominante em áreas e ou setores tipicamente feminino, suas atividades remetem à extensão do trabalho reprodutivo, além da naturalização biológica que legitima esta articulação, conforme afirma Brito e Oliveira (1997):

O mundo da casa, o mundo privado é seu lugar por excelência na sociedade e a entrada na esfera pública, seja através do trabalho ou de outro tipo de prática social e política, será marcada por este conjunto de representações do feminino (BRITO; OLIVEIRA,1997, p.252).

A terceira entrevistada, E3, trabalha numa empresa privada há 10 anos e exerce a mesma função desde que foi admitida. É engenheira civil e mestre em estruturas e já trabalhou nas áreas de elaboração de projeto arquitetônico e hidrologia. Atualmente, trabalha no setor de dimensionamento de estruturas para obras de hidrelétricas. Ela afirmou na entrevista que sua equipe é formada exclusivamente por mulheres, chefiada por uma hierarquia masculina.

Quando questionada sobre a formação dos gestores da sua área, E3 afirmou:

A minha insatisfação nesses últimos dias era por isso. Tinha um homem que ele me pedia pra fazer as coisas, que ao meu ver, pelo tempo de experiência e formação que ele tem, ele teria que ao menos saber fazer e o que tava demonstrando é que ele não sabia. Eu fazia, entregava pra ele e até copiar o meu texto de email ele dava um “control C control V” e mandava pra o cliente. Ele tá acima de mim e assim.... ele não exerce a mesma função que eu, mas por ele tá acima ele deveria saber ao menos o que eu faço e ele não sabia. [...] Ele também é engenheiro civil, eu acho que a pós-graduação que ele tem, eu acho que é em gestão em projetos, mas nem mestrado e nem doutorado, nada. [...] A minha formação, que eu entendo, é superior a dele. (E3)

O discurso de E3 exprime tom de inquietação e protesto. Em sua opinião, o homem que está ocupando um nível hierárquico superior ao dela, ou deveria ter mais conhecimento técnico ou formação superior, ou ainda que ao menos se igualasse a ela em algum quesito. Logo, há um paradoxo entre a formação e profissão de E3 e deste gestor. Hirata e Kérgeat (2007) associam tal situação ao princípio organizador - o princípio hierárquico, na qual o trabalho do homem possui maior valor o que o trabalho da mulher.

Assim, Incerti & Casagrande (2016) afirmam que a hierarquia restringe a participação da mulher na produção do conhecimento científico e tecnológico e impede a participação feminina em comunidades epistêmicas que constroem e legitimam o conhecimento.

Também Lombardi (2006) reitera que a ordem de gênero, transversal à engenharia, classifica, reclassifica e hierarquiza áreas de conhecimento e áreas de trabalho, atividades, atribuições e posições hierárquicas como mais ou menos masculinas ou femininas e as valoriza de forma diferente.

É fato que as mulheres estão conquistando espaço no mercado de trabalho e hoje estão presentes em inúmeras áreas e exercendo as mais diversas atividades. Porém, é importante ressaltar que esta conquista representa para elas um acúmulo de trabalho que os homens nunca enfrentaram e que as mudanças na direção de uma divisão mais igualitária do trabalho na família estão ocorrendo muito lentamente.

Assim, a diferença entre homens e mulheres não é um processo natural. Trata-se de um produto histórico socialmente construído, que varia de acordo com o tempo e o espaço, portanto, passível de ser modificado, e o trabalho doméstico, invisível e destinado à mulher é pressuposto fundamental no processo de precarização do trabalho feminino.

5.2.2 Desafios e barreiras nas trajetórias das egressas para se inserirem e ascenderem profissionalmente.

Verifica-se que apesar da inserção incontestável das mulheres no espaço produtivo, em 2016, cerca de 44% dos 46,1 milhões de vínculos formais de trabalho eram ocupados por mulheres, segundo dados da RAIS/MTE¹ e também o considerável avanço das mulheres em áreas técnicas e tecnológicas, ainda é grande as participações em áreas específicas, em áreas mais desvalorizadas em relação aos homens, nos chamados guetos femininos, conforme afirma Bruschini (1994).

Existem atividades consideradas historicamente femininas e masculinas, com características definidas e atribuídas, na maioria das vezes, a partir de habilidades consideradas inatas, numa visão de que homens nasceram para tais funções e mulheres nasceram para outras.

Compreender os caminhos percorridos até a ocupação dos atuais cargos dessas egressas nos permite observar “estereótipos” que remetem às qualidades consideradas femininas, mesmo sendo as trajetórias dessas egressas singulares com diferentes tarefas e cargos.

De acordo com Olinto (2011), as meninas são educadas de modo diferente dos meninos, sobretudo quando envolve a escolha da carreira. As profissões escolhidas pelas mulheres, de forma geral são associadas a estereótipos femininos, e às pseudo competências inatas, como sensibilidade, paciência, destreza e delicadeza. Neste sentido, as relações sociais fazem parte da formação da identidade, não são desvinculadas de uma história e de um contexto social.

Quando questionada sobre a escolha da graduação em Letras, E1 relacionou a sua opção aos valores que traziam consigo desde a sua infância, reproduzidas pela atuação da família, da sociedade e da escola, de que as mulheres são levadas a fazer escolhas diferentes daquelas seguidas pelos homens, a quem Olinto (2011) atribui o nome de “segregação horizontal”.

Na minha cidade tem letras, eu sempre gostei, aquele negócio de ser professora, eu sempre pensava desde criança, ah... que ia ser professora, então assim era um curso que não era tão concorrido, então tiveram todos esses fatores. Então, tinha a quedinha por ser professora desde criança, o fato de não ser tão concorrido, e porque era o que tinha perto da minha casa. (E1)

A escolha acadêmica e profissional está associada a diversos fatores, dentre eles a influência da escola, da família, dos modelos, exemplos, e, particularmente, as construções sociais que demarcam as amarras das identidades de gênero a que estão submetidos tanto os homens quanto as mulheres. São estas construções sociais as responsáveis por essa “vocação inata” ou “biologicamente natural”, as quais as mulheres são direcionadas.

As representações sociais que envolvem o contexto educacional das meninas contribuem para que elas sejam vistas e se vejam como inferiores naqueles espaços considerados redutos, como as engenharias e as ciências tecnológicas.

Neste contexto, Casagrande (2011) destaca que o tipo de brinquedo oferecido “inocentemente” a cada criança, enfatiza as diferenças entre meninos e meninas desde a infância, que favorecem níveis diferenciados de desenvolvimento da curiosidade entre meninos e meninas.

Ao se dar uma boneca a uma menina, ensina-se que ela deve cuidar do brinquedo como se fosse um ser humano. Dificilmente a menina irá desmontar a boneca. [...] Por outro lado, os meninos são presenteados com carrinhos, os quais eles podem desmontar e montar novamente, muitos são estimulados a fazer essa experiência. Essa atitude, aparentemente inocente os estimula mais do que elas a experimentar, a apertar o botão para ver o que acontece, a abrir para ver o que tem dentro. Eles aprendem que podem desmontar e depois montar. [...] Não há problema em errar. Elas aprendem a cuidar, a preservar, a acertar. [...] Com seres humanos não se pode fazer experiências, não se pode errar. O medo de errar e a falta de “treinamento” de como fazer certo pode resultar em insegurança e falta de iniciativa. O resultado desse “treinamento” (ou falta dele) pode causar um sentimento de inferioridade nelas. (CASAGRANDE E CARVALHO, 2011, p. 302)

Novamente, no discurso de E1, fica evidente a falta de confiança em seu potencial naturalizando a idéia de que a área de exatas não foi feita para mulheres.

Porque primeiro, quando eu formei Edificações, eu pensava em fazer engenharia. Fui trabalhar no escritório de engenharia, aí lá no escritório de engenharia e vi que não tinha queda nenhuma pra engenharia. Eu nunca gostei muito de matemática, né? Então, assim, comecei a trabalhar naquele escritório, aí eu vi que não era o que eu queria. Aí eu resolvi fazer vestibular pra Letras. Eu via o serviço do engenheiro, que saía, fazia cálculo, media, então eu achava que eu não tinha condição de fazer aquilo. Eu ficava assim, gente! Não, eu não dou conta disso! Isso não é pra mim! **(E1)**

Por outro lado, E2, afirmou sua opção pelo curso de graduação em Letras por fascínio e paixão pela língua inglesa, a contragosto de seus pais, que sonhavam para ela a formação em engenharia civil. Mesmo seguindo uma área marcadamente feminina, E2 afirmou em entrevista que fez a escolha por vontade própria e consciente da trajetória que queria seguir.

Aliado ao gosto pela língua inglesa, o ingresso no curso de graduação em Letras, esteve associado à vontade de ser independente financeiramente. Não era o objetivo dela no momento da escolha do curso, se tornar professora. A maior vontade dela era sair do Brasil.

Aí eu pedi pra meus pais fazerem um esforço e me colocar no inglês e aí eles me matricularam num curso de inglês. E aí eu fui fazer inglês! Eu fiquei louca com a língua! Aí chega no terceiro ano, mas só que eu já tava com isso assim no meu coração, sabe. Eu gostava muito de inglês, muito mesmo. E aí, assim que eu finalizei Edificações, eu já tinha desviado totalmente minha intenção de formar engenharia, de entrar no curso de engenharia. [...] Eu queria ir embora. Ser independente financeiramente e ir embora. E era meu sonho ir pra fora do Brasil. **(E2)**

Não obstante E2 ter se tornado professora e atuado por mais de 10 anos na área, hoje ela exerce um cargo de comando, prestígio e poder dentro de uma

instituição pública. Apesar de a segregação horizontal ter lhe guiado para uma área feminina, ela ascendeu e se realizou profissionalmente.

Eu amo a área de educação! [...] porque uma professora, hoje ter conseguido ir pra fora do Brasil por um projeto que ela realizou em sala de aula, ser reconhecida pela própria instituição que você trabalha e hoje estar neste cargo, eu sou realizada mesmo profissionalmente. **(E2)**

Podemos afirmar que embora E1 e E2 tenham seguido a mesma carreira acadêmica, pois ambas cursaram Letras na graduação, elas revelam discursos opostos. No caso de E1, a construção social desde a sua infância, condicionou sua escolha à graduação em Letras. Por outro lado, E2 optou pela graduação em Letras por aptidão e interesse pela língua inglesa.

Ainda sobre o discurso de E2, é preciso problematizar que apesar dela ter rompido o **“teto de vidro”** (MORRISON, 1992), uma barreira invisível que impede as mulheres de ascender profissionalmente, permanecer em um cargo de chefia não é tarefa fácil para mulher. E2 é a única mulher dentre os ocupantes dos diversos cargos de gestão da instituição e ao se questioná-la sobre sexismo ou preconceito por sua condição feminina, numa reunião de gestores, ela afirmou que a sua formação acadêmica superior a de muitos homens de mesmo nível hierárquico na instituição, o seu currículo e a maneira firme e determinada de se expressar, impõem o respeito necessário.

Até então nas reuniões das equipes diretivas, eu era a única mulher. Meu currículo fez com que eles me respeitassem... e o jeito que eu me posicionava nas reuniões, como que eu defendia determinadas situações, foi assim. E eu não deixo também. Se eles falarem um A comigo, eu tenho que rebater também, então mulheres decididas, articuladas eles respeitam. [...] Eu já chego determinada, sou assim. **(E2)**

Ratificando tal discurso, Rodrigues e Silva (2015) afirmam que as mulheres têm que provar diariamente suas competências e qualificações para conseguir manter-se em suas funções, submetendo-se em algumas vezes, a posturas tidas como “masculinas” para sustentar sua posição.

Lombardi (2017) corrobora tais afirmações quando afirma que em locais onde a presença masculina é hegemônica, física e simbolicamente, eles se beneficiam de pré-julgamentos positivos sobre a capacidade de “dominar” e as mulheres precisam superar os pré-julgamentos negativos, tanto nos universos masculinos quanto nos femininos, sobre sua capacidade de “se impor”.

Cabe ainda destacar que no mercado de trabalho e na sociedade, um outro desafio enfrentado pelas mulheres é a competição e a comparação com outras mulheres. A concorrência entre as próprias mulheres gera um desconforto e necessidade de manejo.

Dickson (2001) destaca:

Os atributos usados para avaliar em comparação e competição com outras mulheres são: atratividade, onde entra aparência, forma do corpo, tom de pele, idade, cabelos e feminilidade; inteligência, que abrange formação, status que ocupa no trabalho, experiência e especialização; condição social, que agrega classe social, status do marido e número de filhos; personalidade, onde visa articulação, confiança, postura e relaxamento e por fim, situação financeira, que engloba roupas e poder aquisitivo (DICKSON, 2001, p. 143).

Tal afirmação pode ser encontrada no relato de E3, que ao desempenhar um cargo de gestão, a área feminina na qual está inserida, causa-lhe também este desafio de competição e comparação com outras mulheres.

Essa mulher só se preocupa com desfile de moda. Cada dia ela vai com uma roupa! Então assim, eu vejo que (pausa) teve uma professora, num evento que ela chegou perto de mim e falou assim, aqui fica do jeito que você tá, tá? Sabe porque? Essas mulheres é (sic) tudo mal amada, minha filha! Elas tão é com inveja das roupas que cê tem, do marido que vc tem, dos filhos que você tem e você fica só postando foto rindo e elas tudo infeliz, tá? Então continua firme. **(E3)**

Nas relações de trabalho, os homens em geral são mais valorizados do que as mulheres. Dessa forma se estabelecem desigualdades entre os dois com respeito às posições de poder e prestígio.

Segundo Nogueira (2009, p. 107), para que seja possível compreender a condição das mulheres no mercado de trabalho, precisamos entender a questão dos estereótipos como elemento central, uma vez que a ideia de que existem diferenças sexuais inatas ainda é partilhada pelo senso comum.

A segregação nas relações de trabalho está diretamente relacionada a estereótipos sexistas que naturalizam homens e mulheres e que ideologicamente estão presentes na cultura sexista. Quando E2 afirma o amor pela profissão, ela associa ao estereótipo de que a educação é uma extensão do papel de mãe, do amor e da dedicação, exercido no seio familiar e inconscientemente ao afirmar que os homens não estão dispostos, associam também à sua posição viril e resistente.

Eu acho que de repente na área de humanas, você precisa ser sensível. E você precisa realmente amar o que você faz, porque senão você não fica na área da educação hoje. Por causa da desvalorização do próprio professor, do pedagogo, a gente sabe da questão salarial e tem homens que não estão dispostos... **(E2)**

A expansão da escolaridade e o ingresso nas universidades possibilitaram o acesso das mulheres a novas oportunidades de trabalho, ou seja, essa configuração proporcionou o advento de uma nova identidade feminina. Porém, o grau educacional elevado que as mulheres vêm atingindo não está diretamente relacionado às posições que elas ocupam no mercado de trabalho, principalmente em posições de liderança. Também as responsabilidades domésticas, relacionadas aos cuidados da casa e da família, têm efeito nas possibilidades de investimento da mulher na carreira profissional, bem como na própria escolarização e qualificação profissional, exigências comuns para concorrer por melhores postos de trabalho.

Assim, a segregação ocupacional mantém-se praticamente inalterada já que as mulheres são majoritárias nos setores considerados mais “femininos”, os salários são desiguais e as mesmas permanecem nas posições inferiores e com menor acesso a postos mais elevados da hierarquia organizacional (NOGUEIRA, 2009)

Neste sentido, verifica-se no discurso de E3, a evidência da dificuldade de ascensão profissional, por outro lado, destacamos no discurso de E2, que hoje exerce um cargo de comando e poder numa área feminina, uma maior realização pessoal e profissional.

Eu entrei com um cargo de engenheira civil plena e até hoje eu sou engenheira civil plena. 10 anos depois! É uma coisa que eu cobro muito! Gente, não existe um plano de carreira nessa empresa? Não é possível! Por isso que eu na hora que eu (pausa) tem mais de 1 mês que eu fui falar com esse outro gerente, falei com ele, você vai me desculpar mas aqui eu não tenho nem um muito obrigada, nem um tapinha nas costas! **(E3)**

Hoje eu sou realizada mesmo profissionalmente e eu espero que as mulheres, elas não dependam de nada e assim... hoje pra gente realmente ter conquista, não podemos ter preguiça, sabe porque? Pra você mostrar competência e querer competir com os homens você tem que ser a mais mesmo. Então é não deixar de estudar, sempre buscar conhecimento. Uma coisa que eu sempre falo com todas as pessoas e falo nas salas quando eu vou fazer minhas visitas é “conhecimento é poder”. **(E2)**

A ascensão de mulheres em áreas ditas femininas ocorre com mais facilidade que em áreas masculinas. Nesse contexto, a ascensão feminina a cargos de chefia e alto poder em áreas tipicamente femininas, explica que as perspectivas da

“segregação vertical” - sub-representação das mulheres nas posições de poder (OLINTO, 2011) em face da segregação horizontal (manutenção de especializações no campo ocupacional) não são excludentes, mas articuladas para melhor analisar os espaços organizacionais que reservam a permanência e ascensão feminina em áreas consideravelmente femininas.

Quando questionada sobre a ascensão de E3 na empresa que ela trabalha há 10 anos como engenheira, seu discurso foi enfático e apresenta nitidamente sua dificuldade em ascender. O caminho para a ascensão não é igual para homens e mulheres.

Existem pessoas que é filho de fulano, amigo de beltrano, eu sei de pessoas... igual ele falou comigo, né? O gerente falou comigo: ah! Entrou aqui de um jeito, vai até o final! Mas ele mesmo é um exemplo! Ele tá lá há trinta e tantos anos na empresa, se ele entrou de estagiário, tá de estagiário até hoje? Claro que não. O filho desse gerente entrou como estagiário. Ele está como estagiário até hoje? Não. Ele foi promovido. Pessoa competente? É competente, mas está promovido e tá trabalhando fora do Brasil. Então, porque? Fulano, lógico que as competências dele, no desenvolvimento do trabalho contou também, mas eu tenho as minhas e outras mulheres de lá também **(E3)**.

Associada à dificuldade de ascensão, temos no relato de E3 a tese de naturalização de uma situação de exploração no trabalho. Para Lombardi (2017), a luta masculina por manter o poder numa profissão tradicional de homens é evidente, há barreiras salariais e de ascensão hierárquica que restringem a progressão das engenheiras nas carreiras.

Assim, destacamos que situação de discriminação de violência nos locais de trabalho é compreensível. A depreciação por sua capacidade técnica e o assédio moral é evidente no discurso de E3:

Então eles tinham um grupinho fechado deles, então eu tava sempre ali fazendo meu trabalho e as vezes eu perguntava as coisas, eu ouvia crítica do tipo assim: eu lembro de um engenheiro que falava assim comigo: você não é engenheira da federal? Você não fez mestrado na federal? Isso não quer dizer nada, eu fiz mestrado, eu fiz engenharia, mas não é por isso que eu sei tudo. Eu não nasci sabendo tudo e não tenho experiência de trabalho, né? E é uma coisa diferente que eu tava fazendo lá, era uma coisa que eu nunca tinha feito. Aí eu sentia muito mal estar, eu sentia que eu tava num ambiente que não era meu. **(E3)**

Ao conceito de assédio moral, Lombardi aponta para a concepção da Organização Internacional do Trabalho – OIT, que afirma que o assédio moral existe quando:

Uma pessoa se comporta com a intenção de rebaixar o outro, mediante meios vingativos, cruéis, maliciosos ou humilhantes. Esses atos podem estar dirigidos contra uma pessoa ou contra um grupo de trabalhadores. Trata-se de uma prática em que as críticas ao outro são repetitivas, visando desqualificá-lo e menosprezá-lo, isolando do contato com o grupo e difundindo falsas informações a respeito da pessoa. (HELOANI; BARRETO, 2015, P. 147, apud LOMBARDI 2017, p.131)

Assim, o depoimento de E3 demonstra a diminuição da capacidade técnica, e o menosprezo da condição de gênero baseado nas relações de poder verbalizadas pelos homens.

Aliado ao assédio moral, o conceito de violência simbólica, exercido sobre as mulheres, corresponde à capacidade de deixarem a sua condição feminina de lado, para se “vestirem” dos estereótipos necessários para exercer a profissão.

Segundo Bourdieu (1999) apud Casagrande e Lima & Souza (2017) descreve como:

[...] uma violência suave, insensível, invisível as suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, do reconhecimento ou, em última instância do sentimento. (CASAGRANDE; LIMA; SOUZA, 2017, p. 182)

Ainda sobre a violência simbólica, destacamos no excerto da entrevista de E4 que a sua maneira de se vestir no trabalho está associada a estereótipos masculinos. Torna-se necessário que ela se vista como um “homem” na tentativa de se igualar ao modelo masculino dominante socialmente para demonstrar sua capacidade técnica. “Eu nunca venho trabalhar de vestido. Só quando eu tava grávida assim, que eu vinha, mais enquanto eu to normal eu só trabalho de calça” (E4).

Lombardi (2017) corrobora tal discurso quando afirma que numa das suas pesquisas, uma engenheira experiente afirmou que a receita para o sucesso feminino num universo masculino, dentre vários itens, descrição no vestir e no comportamento é peça fundamental.

Outro ponto observado nas participantes deste trabalho, é que as preocupações com as funções relacionadas ao espaço reprodutivo são inerentes à mulher. Ao despertar o desejo de engravidar, foi necessário primeiramente que E1 organizasse sua vida profissional, para conseguir conciliar o seu trabalho no espaço produtivo com a vida cotidiana da família e as tarefas domésticas, o que normalmente não ocorre aos homens.

Então, eu trabalhava no distrito, igual eu te falei, trabalhava em duas escolas e ficava de uma escola pra outra, os distritos eram próximos, mas eu ficava de uma escola pra outra. Então eu lembro que eu tinha me casado há não muito tempo, aí eu já pensava... gente eu vou ter filhos! Como é que eu vou ficar com filho, vai pra lá, vem pra cá? Aí um belo dia eu peguei e vi um edital pra o concurso na empresa X. Na época, eu lembro que o salário nem era tão atrativo, mas eu vi lá um concurso pra seis horas. Eu to assim... ah gente, eu pretendo ter filhos, tem a casa, vou trabalhar seis horas, (risos) vai ser melhor! (E1)

A forma com que E1 se antecipa às dificuldades relativas aos cuidados reprodutivos com os filhos e o lar, finda por interferir no lado profissional, visto que “o *salário nem era tão atrativo*”, ou seja, ela optou por um trabalho “part time e precário” Hirata (2002) para dar conta do acúmulo e conciliação do trabalho reprodutivo, a que Nogueira (2004) caracteriza como “**dupla jornada de trabalho**”.

Apensar da carga de trabalho, a crescente presença de mulheres no mercado, o adiamento da maternidade e muitas vezes a opção por não se casar, fundamentaram novas representações do ser mulher, que produzem discursos de feminilidade associados à busca de autonomia e independência. E1, E2 e E4, por exemplo, optaram inicialmente pela estabilidade financeira e posteriormente se dedicaram a maternidade.

Na época me chamaram pra trabalhar mas era em outra cidade, o lugar mais próximo. Aí eu fui, nesse meio tempo eu fiquei morando nessa outra cidade e meu marido ficou aqui, porque ele trabalhava na empresa X na época. Aí a gente ficou nessa... ele ia pra lá, eu vinha final de semana. A gente ia revezando, até que em meados de 2008 eu consegui voltar. Foi só um ano e um pouquinho que eu fiquei lá. Aí 2008 eu voltei e em 2009 eu tive a minha primeira filha. (E1)

Aí compramos a casa e aí nós combinamos que eu ia fazer a especialização primeiro. Aí eu falei, olha... eu vou estudar. Porque o quê que eu fiz? Quando eu consegui o emprego na escola particular, que aí eu consegui a casa, consegui o emprego, eu lembro que o salário aumentava em 10% quando você tinha a titulação de pós graduação. Aí eu falei assim, vou fazer pós pra aumentar o meu salário. E aí eu falei com ele, assim que finalizar a minha pós graduação, a gente prepara pra ter filho. Nós ficamos quatro anos sem ter filho, aí com 27 anos eu decidi ter minha primeira filha. (E2)

Fui chamada no concurso, fiscalizei um pouco obra, mexi um pouco com orçamento, quando eu mudei que eu fui efetivada nessa área de perícia eu ainda não fui fazer perícia, continuei fazendo orçamento aí na hora que deu uma esfriada, que tava tudo pronto, porque a demanda de serviço era muita, aí eu comecei a trabalhar mesmo com perícia, com a função do concurso que eu fiz. Aí eu fui fazer a especialização. Eu achei que era interessante pra ter um crescimento. Ter algo mais pra crescer na empresa. O curso era interessante pra o que eu fazia. Aí eu fiz especialização a noite. Eu trabalhava de dia e fazia a especialização a noite. No final da especialização eu engravidei. (E4)

Por outro lado, o discurso de E3 demonstra que ela optou por consolidar sua profissão *a priori*, pois a área de engenharia, conforme apontou Lombardi (2017) requer “trabalho intensificado, condições insalubres e jornadas estendidas”. Ela ainda não se casou, porém, sente que a sua condição profissional hoje, se tornou um entrave na busca por um parceiro.

Eu acho que a trajetória acaba pesando um pouco, porque você ocupa seu tempo mais com a parte profissional que pessoal. Eu vou te dizer que na época de faculdade eu não tinha problema nenhum, eu fazia a engenharia, eu saía, eu tinha meu lazer e minha diversão. Na época que eu tava trabalhando, por um período eu tinha lazer, tinha diversão, mas teve uma época que o trabalho me demandou muito, então o meu lazer, a minha diversão diminuiu um pouco. Então eu acho que a trajetória escolhida influenciou um pouco por causa das ocupações, cansaço, final de semana às vezes, não quero sair, quero ficar em casa, quero ficar tranquila, mas tem outro lado também que hoje eu percebo. Tem determinados homens que eles não aceitam que uma mulher receba mais que o homem, então já cria uma certa barreira. Você é engenheira? Sou. Então cria uma barreira. Você já tá na empresa já tem 10 anos? Outra barreira. **(E3)**

Essa dificuldade que o homem possui de se relacionar com uma companheira cujo status profissional é superior evidencia o comportamento patriarcal e o preconceito profundamente arraigado fazem parte da nossa sociedade atual e se reproduz no âmbito do trabalho e da família.

Vale ponderar que no processo produtivo capitalista, o trabalho feminino ainda é considerado suplementar ao do homem e seus salários como um complemento de renda familiar, devido à flexibilização da mão de obra feminina e a valorização das suas qualificações reconhecidas como talento natural (Hirata, 2002). Porém, nos relatos acima, destacamos que a estabilidade financeira dessas egressas foi um importante elemento para o equilíbrio econômico da família e não indica conotação de complemento.

Dentre os diversos desafios e barreiras enfrentados pelas mulheres ao longo das suas trajetórias, o “**labirinto de cristal**” (LIMA, 2013), são obstáculos reais, não formais que dificultam a trajetória feminina e estão presentes em todos os depoimentos, principalmente quando envolve maternidade, sexismo, violência sexual e moral.

Dentre os obstáculos observados durante as entrevistas, evidencia-se que eles são muitos e se localizam ao longo da carreira e não apenas no topo. No discurso de E3, evidenciou-se no labirinto de cristal o obstáculo do “sexismo instrumental” na ascensão feminina à cargos elevados, a que Lima (2013) remete a

“comentários remetem a uma tentativa de deslegitimar os sucessos das mulheres no sentido de esvaziar seus méritos e minimizar qualquer possibilidade de destaque e empoderamento”.

Infelizmente na área de engenharia a mulher quando ela se destaca vem sempre um comentário por trás. Você já sabe o que eu vou falar... tá andando com o chefe, tá querendo alguma coisa em troca... eu nunca ouvi isso, mas a gente sabe que é assim. **(E3)**

Cargo de confiança assim, é indicação. Eu não sei se é por causa de competência, se é por causa de política. As vezes você é promovido por questões política e não por competência. Tem muita mulher no cargo de chefia por competência, sabe? Em geral as mulheres são boas de serviço. **(E4)**

Em relação à maternidade, Lima (2013) afirma que casar e ter filho são para algumas mulheres uma forma de realização plena, porém, fazer opções entre estas categorias, mostra que apesar da maternidade e do matrimônio fazer parte da realização pessoal, muitas vezes se apresenta como um empecilho seja na inserção ou ascensão profissional, conforme o discurso de E4.

Eu abri mão de mudar de empresa, por causa dos meninos. Quando meu filho tinha 2 anos eu passei no concurso da caixa, o salário era bem maior, só que a vaga mais próxima que tinha era Juiz de Fora. Aí eu já tava com minha casinha bonitinha, marido, os meninos. Eu falei e agora? Eu vou largar? Marido é fácil, né? Quando eu larguei a primeira vez, só tinha ele, mas meu filho amamentando, como é que eu vou mudar de emprego? E ainda tinha aquele prazo de 3 meses, sabe? De experiência. Eu já tava com emprego, com estabilidade garantida. Ia trocar por outro? [...]

Eu fiquei dividida... aí eu falei não, como é que eu vou amamentando? Vou deixar meu filho e tal? Ah! Tá bom aqui e aí eu fiquei quieta. Rsrs. Se eu não tivesse os meninos eu acho que eu tinha ido. **(E4)**

Outro elemento do labirinto de cristal identificado no depoimento de E3 foi a dificuldade de construção de alianças e articulação necessárias à aceleração da carreira. Como ela não tinha nenhum vínculo mais estreito com a gerência da empresa, ela ficou estagnada na função.

Eu acho que existia uma certa preferência da engenheira sênior pelas outras engenheiras e não por mim. Por uma engenheira que formou comigo e trabalhou um tempo no escritório do marido da engenheira sênior e a outra engenheira, ela era filha de um engenheiro de uma empresa grande. Então eu era quem? Eu só era formada na federal e pronto! [...] Eu acho que hoje o mercado mostra muito isso. As pessoas entram em determinadas vagas, elas se inscrevem, várias pessoas se inscrevem, mas

infelizmente tem que ter uma pessoa ali dentro que conhece o serviço dela, ou se já trabalhou em outra empresa e tem indicação. **(E4)**

A Entrevistada E4 relata sobre as desvantagens da mulher, geradas pelas tarefas em que ela se envolve fora do ambiente de trabalho produtivo, ligadas aos afazeres domésticos e à maternidade.

Apesar dos diversos obstáculos existentes nas trajetórias femininas, é importante destacar que embora não lineares eles são construídos socialmente, e, portanto, passíveis de serem modificados.

Reconhecer o labirinto enquanto percurso cheio de entraves abre caminhos para superar esses preconceitos arraigados na sociedade, viabilizando a participação feminina na ciência, tecnologia, profissões ditas masculinas e o reconhecimento merecido às mulheres por suas contribuições nessas áreas.

5.2.3 Estratégias de resistência das egressas para ocupar e permanecer em seus espaços acadêmico e profissional.

Todas as atividades realizadas na sociedade nos últimos tempos fazem parte do processo que produz e reproduz o capital e por meio dessas transformações social e profissional, verificaram-se mudanças substantivas no comportamento das mulheres, como surgimento de novas buscas e necessidades, desencadeando significativos desafios e enfrentamentos.

Para Nascimento (2016, p. 07):

esta nova realidade se apresenta de forma impactante, em que valores, afetos, hábitos e concepção de mundo foram fortemente alterados e refletem o novo processo produtivo. Símbolos são construídos neste novo universo de convivência social e profissional, inseridos numa realidade de mudança global e local no mundo do trabalho que exige novas estratégias de relações de produção e sociais.

Neste mundo globalizado, a nova composição do trabalho nos permite compreender que através da socialização no âmbito privado e do trabalho, não só mercadorias são produzidas, mas também relações entre homens e mulheres que segundo Nascimento (2016) “se consolidam por meio das redes de cooperação e comunicação.”

Não se objetiva tratar nos discursos dessas mulheres reações defensivas e vitimizadas, mas formas de resistência, transgressão e enfrentamento, diferenciadas daquelas tradicionais lutas no mundo do trabalho comum a todo cidadão.

Para Corsini (2007) a resistência deve ser pensada e praticada a partir de outras possibilidades de existir, numa dimensão que “não é em si mesma nem totalmente negativa, nem essencialmente positiva”. Para a autora, resistir incluiria, simultaneamente (e não contraditoriamente), uma porção afirmativa e uma porção negativa da ação como reexistir, experimentar outras possibilidades que já se encontram virtualmente presentes. Ela afirma ainda que a forma de resistir está na espontaneidade do sujeito, na capacidade de criar formas de se relacionar.

Neste contexto, destaca-se no excerto de fala de E3, a sua capacidade de abster-se da sua autoridade hierárquica momentaneamente, para que um homem, tecnicamente subordinado, atenda a sua solicitação.

Eu acho que tem determinados homens que não aceitam ser liderados ou comandados por mulheres. Isso eu via lá, mas aí o quê que eu fiz pra contornar a situação? Eu não chegava gritando e não chegava a assumir a postura de homem pra ele me aceitar como a profissional. O quê que eu fazia? Eu ia com jeito. Eu falava assim fulano, sabe esse negócio que você fez pra mim? Olha só, eu acho... eu assumia a posição que “eu acho”, eu não falava que tava errado. Porque se eu chegasse lá e falasse tá errado, faz de novo, ele não ia fazer. Então eu chegava e falava vão sentar aqui? Eu pegava o projeto e ia lá na mesa dele, olha aqui? Você viu isso? Parece que tá errado. Você tá vendo? Olha aqui. Confere. Eu vi no outro projeto que tem outra informação. Você conferiu? Você olhou no outro? Aí já é diferente **(E3)**

Quando E3 afirma que “não chegava assumir a postura de homem”, estrategicamente, ela negocia consigo mesma o descentramento da sua identidade profissional em virtude do prestígio social e cultural masculino.

A resistência feminina não está num patamar idealista, estas estratégias são produções reais, arranjos muitas vezes inconscientes para superar o patriarcado incorporado no meio social que delimitam espaços femininos diferentes dos espaços masculinos no mundo do trabalho. Assim, “novas formas de resistência e luta foram sendo construídas, senão as políticas e sindicais.” (NASCIMENTO, 2016).

Nesse segmento, Foucault (1979 apud SAMPAIO, 2007, p. 3) aponta que “não existem relações de poder sem resistências e que estas são na mesma proporção mais reais e mais eficazes, pois se formam lá mesmo onde se exercem as

relações de poder” e ainda “desde que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência”.

Por outro lado, Sampaio (2007) evidencia que a resistência não está apenas nas “relações de poder”. As práticas de resistência estão imbricadas ao capitalismo e assim são indissociáveis ao exercício do poder. Para a autora, a resistência tece o plano capaz de amplificar os focos de instabilidade e recusa além de transversalizar os pontos de luta, substituindo a condição de subordinação aos determinados meios institucionais por sujeitos ativos.

Desta forma, para E4 o foco no trabalho, tendo em vista a sua aceitação como profissional é a receita para lidar com o machismo explícito na área da engenharia. Dar conta do trabalho, não falhar um dia de serviço, são algumas estratégias de compensação pela sua condição feminina.

Eu acho que a mulher tem que ser até mais competente do que o homem. Eu nunca deixei... tipo assim, ah! você tá saindo meia hora antes, mas eu nunca deixei meu serviço sem fazer. Tá sempre em dia sabe? Eu tento não deixar brecha pra não falarem nada de errado do meu trabalho. **(E4)**

Outra estratégia muito utilizada pelas mulheres para lidar com o machismo explícito é provar que estão disponíveis para as atividades inerentes à profissão a qualquer hora do dia e da noite e em qualquer circunstância. No fragmento do discurso abaixo, E4 estava grávida, quase nos dias de ter o seu bebê, porém resistia em ser produtiva na qual sua condição gestacional era ignorada por todos.

Eu tava tipo assim com oito meses de gravidez, barrigão!. Aí tava eu e mais três dentro da sala e tinha que fazer uma vistoria emergencial. Ele podia ter mandado os outros e mandou eu. Tipo assim, você não tá aguentando? Não tá vindo trabalhar? Então vai lá e faz você... tava me testando... eu tava pesada, assim sabe? Eu fui. Era pra ir eu fui. Fiquei cansada pra daná (sic) nesse dia mais fui. Fiquei pra morrer. **(E4)**

Já para E2, a firmeza no discurso atrelado à sua competência curricular são estratégias para se estabelecer no mercado e ser respeitada na função, principalmente se esta for uma posição de prestígio, como o caso de E2 ou historicamente, uma função dita masculina.

Eu acho que nós, a mulher que se impõe no mercado, que está disposta a lutar, que é segura, eu acho que hoje tudo é segurança, se você é segura, se você demonstra credibilidade nas suas respostas, se você é uma pessoa articulada, você ganha espaço. Competência, currículo, é (sic) esses destaques. **(E2)**

Também a necessidade de a mulher estar sempre provando a sua capacidade técnica, vai muito além das suas condições cognitivas. É preciso lembrar que as mulheres, embora competentes e resistentes, carregam dentro de si uma exigência intrínseca atribuída à disponibilidade, organização, sutileza, comportamento, para compensar aquilo que elas pensam ser prejuízo quando se afastam para uma licença maternidade ou quando necessita faltar ao trabalho devido a uma necessidade pessoal.

Nesse aspecto, verifica-se nessa pesquisa que a busca pela realização de concursos públicos por algumas mulheres foi uma estratégia de resistência utilizada para que suas carreiras não fossem comprometidas quando simultaneamente constituíssem sua família. Segundo essas mulheres, a estabilidade do concurso garantiria os benefícios da licença maternidade, auxílio amamentação dentre outras necessidades sem que as mesmas fossem desligadas de suas funções, trazendo tranquilidade durante a gravidez e estabilidade na criação dos filhos além da igualdade salarial e de trabalho entre homens e mulheres.

Para E4, somente a sua estabilidade no concurso lhe garantiu o auxílio amamentação e uma licença maternidade prolongada sem maiores questionamentos ou demissão.

Eu acho que houve uma evolução, mas eu acho que pra mulher se inserir no mercado de trabalho, elas estão abrindo mão de muita coisa, e eu acho que assim... falam que as mulheres tem os mesmos direitos e tudo, mas eu ainda acho que o empregador ainda prefere contratar homem que mulher. Igual, pensa bem... eu quando tive meu primeiro filho já tinha essa nova lei. Aí eu fiquei 6 meses em casa! 6 meses de licença maternidade e quando eu voltei ainda fiquei mais 1 hora por dia até ele fazer 1 ano e meio, porque ele amamentava. Era porque eu tava aqui, porque eu era concursada, você acha que se eu tivesse em outra empresa eles estavam aceitando? Tava dando uma pressãozinha. Eles iam falar você vai faltar 1h todo dia e tal?
(E4)

Apesar da escolha consciente e estratégica pelo setor público, sobretudo na estabilidade da carreira, direitos garantidos em caso de doenças e licenças, Marry e Pochic (2017) numa pesquisa realizada na França, afirmam que há uma menor discriminação no emprego público, porém há dificuldade na progressão, a que se atribui ao “teto de vidro”, a barreira para ascensão a cargos hierárquicos elevados, corroborado pela fala de E4, quando questionada sobre promoção no seu trabalho.

Para melhorar e progredir hierarquicamente, a alternativa que E4 visualizava em sua carreira, estava atrelada a um novo concurso, porém seu chefe lhe deu um

aumento que lhe rendeu uma estabilidade financeira temporária, não ascensão hierárquica.

Fui promovida uma vez no bolo, não por mim, todo mundo. Aí teve uma vez que eu ia fazer um concurso pra mudar de área, porque eu ia ganhar mais, aí meu chefe me deu uma promoção pra eu ficar onde eu tava. Tipo assim, aumento um pouco pra você, aí você fica aí não muda de área. Tive três nesses doze anos. **(E4)**

Ainda na temática da estabilidade do concurso público, E1 enfatiza que no setor público não há desigualdades de gênero, salarial e hierárquica. Para ela, os direitos e deveres reservados aos homens e mulheres são os mesmos.

Eu não sei como funciona numa empresa privada, porque no setor público, graças a Deus a gente não tem isso. Tanto homens quanto mulheres tem o mesmo salário, a gente é tratado da mesma forma, muitas vezes a gente tem as reuniões que vão os gerentes de outras agências, então assim, é igual. **(E1)**

No discurso de E1, a diferença de gênero como relação social é suprimida em relação à valorização econômica, “Tanto homens quanto mulheres têm o mesmo salário”. Num determinado ponto da entrevista, E1 considera o mesmo valor entre homens e mulheres, como se nunca tivesse experimentado nenhuma situação de discriminação de gênero. E1 contesta a diferença querendo dizer que homens e mulheres são “tratados da mesma forma” remetendo à neutralidade do “setor público”.

Essa é uma estratégia usada pelas mulheres para refutar a naturalização das diferenças de gênero, percebendo a diferença com igualdade na carreira pública.

Em contrapartida, Marry e Pochic (2017) afirmam que embora seja difícil comparar os setores públicos e privados, no setor público a diferenciação ocorre entre as áreas denominadas de “Estado”, “Hospitalar” e “Territorial”, e que as remunerações mais elevadas privilegiam os setores majoritariamente masculinos, assim:

as gratificações variam muito, e frequentemente de maneira não transparente, entre as diretorias de prestígio de ministérios ligados a funções centrais de Estado (segurança pública, finanças, etc.), onde a hegemonia masculina é extrema, e aquelas, muito mais feminizadas, dedicadas a tarefas do Estado de bem-estar social (educação nacional, saúde, assuntos sociais, etc.). **(MARRY E POCHIC, 2017)**

Assim, os setores públicos feminizados possuem menor prestígio e valorização econômica numa comparação entre os diversos setores que compõem as instituições públicas. Paradoxalmente, quando a mesma entrevistada E1 afirma que seu setor é composto majoritariamente por mulheres e que embora a sua função seja gerencial, ela executa todos os tipos de tarefa do seu setor, ela contradiz o discurso de que no setor público não há diferenças de gênero e corrobora a fala de Marry e Pochic (2017) quando afirmam que há a segregação de mulheres para áreas menos valorizadas.

Aqui na agência a gente faz praticamente de tudo. Igual to te falando, por ser uma agência pequena, pelo fato de eu ser a gerente, eu não vou ficar só gerenciando. Então assim, hoje, sou eu e mais três servidoras só. Somos quatro pessoas, então quando falta uma, a gente fica no guichê, a gente atende, a gente analisa, então hoje eu faço de tudo, tá. O nosso trabalho aqui é muito sobrecarregado. **(E1)**

Também as diferenças de gênero empreendidas pelos homens a quem estabelece contato com sua profissão, são naturalizados pelas mulheres que, ao identificar o preconceito e os estereótipos, os neutralizam e utilizam como estratégia de resistência, de modo que os efeitos em sua carreira sejam mínimos.

[...] nunca venho trabalhar de vestido. Só quando eu tava grávida assim, que eu vinha, mais enquanto eu to normal eu só trabalho de calça. **(E4)**

Um dia ele falou assim comigo: você num tá vindo de salto hoje não? Eu falei assim... uai, porque? Porque tem outras engenheiras, eu não sou tão ligada a aparência, tá de salto, lógico que eu não vou mal arrumada pra o trabalho, mas eu acho que eu não preciso nem toda hora tá de salto, não preciso. [...] Pra ir pra obra calço botina, capacete, tudo. Mas aí tem engenheira lá que vai de salto, vestido. E ele fez esse comentário pra atingir as outras. Ele falou assim: você hoje não veio de salto? Você não vai vir de vestido? Aí eu falei não, não preciso disso não. **(E3)**

Desta maneira, é fato que as meninas/moças/mulheres passam sua vida acadêmica e profissional percorrendo labirintos e buscando alternativas para situações que lhes são impostas de forma desnecessária e injusta.

Algumas estratégias de resistência aqui exibidas são mecanismos que necessariamente as mulheres colocam em prática para se tornarem aceitas no ambiente masculino e para reagirem às barreiras do labirinto de cristal, teto de vidro entre outros obstáculos ao longo da carreira acadêmica e profissional.

É preciso destacar que as mulheres desta pesquisa são independentes com rendimentos, senão iguais, até superiores aos seus cônjuges e ainda assim, diariamente lutam, resistem e enfrentam as condições diversas impostas pelo capitalismo e pela sociedade patriarcal. Outrossim, ocupam seus lugares e galgam dia a dia um crescimento pessoal e profissional.

Não há o que negar que trata-se de um caminho difícil permeado por embates e conflitos muitas vezes invisíveis, todavia, destaca-se mulheres que vão a luta, são felizes e estão satisfeitas por fazerem parte das estatísticas positivas de mulheres que estão avançando e transgredindo um status imposto historicamente pela sociedade patriarcal, na busca por um mundo mais equânime entre homens e mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo analisar as trajetórias acadêmico-profissionais das egressas concluintes do curso Técnico em Edificações da então ETFOP, no ano de 1996, a fim de se compreender as influências da divisão sexual do trabalho em suas escolhas, bem como os desafios, dificuldades e estratégias de resistência para se inserirem e ascenderem profissionalmente nas áreas técnicas e tecnológicas. Os resultados apontaram para a compreensão dos limites da divisão sexual do trabalho, enfrentamentos e barreiras dessas mulheres, porém, revelou-se que, apesar dos estereótipos de gênero a que estão submetidas historicamente, estas mulheres, em certa medida, transgrediram o *status quo* e promoveram alterações e deslocamentos na tradicional divisão sexual do trabalho.

Buscou-se nas narrativas dessas egressas elementos de suas trajetórias, como o trabalho doméstico, o trabalho assalariado, as escolhas acadêmicas desvendar os limites, deslocamentos e avanços dessas mulheres no mundo do trabalho.

Partindo da categoria central “Divisão Sexual do Trabalho”, evidenciou-se que o trabalho doméstico reprodutivo faz parte do sistema de dominação/exploração do capital, que subutiliza o trabalho doméstico feminino gratuito exercido no lar, como “não trabalho” no contexto do sistema capitalista. As dificuldades inerentes a “dupla jornada” de trabalho (trabalho assalariado e o trabalho doméstico reprodutivo), enfrentada pelas mulheres diariamente foi narrada por todas as egressas que constituíram família, com esposos e filhos (exceto por E3 que é solteira e reside com seus pais e conta com o apoio da sua mãe nessas tarefas do lar, externalizando tal atividade também a outra mulher, que se aproxima do modelo de delegação proposto por Hirata e Kérgeat ,2007). Nesse contexto, verificou-se que para essas egressas, o trabalho doméstico é inerente à sua condição feminina, embora reconheçam o cansaço da dupla atribuição, contem eventualmente com auxílio de diarista e/ou ajudante *part time*, porém, não percebem a atividade do lar como responsabilidade do casal ou da família. As atividades exercidas pelos homens são sempre de “auxílio” e não responsabilidade do casal, o que evidenciou que para essas mulheres, o princípio da separação da divisão sexual do trabalho, que define

os lugares atribuídos a elas na esfera doméstica permanece, apesar do avanço educacional e profissional alcançado.

Constatou-se também que as relações sociais, as relações de trabalho em seus diversos setores, cargos e funções ocupados, assim com as condições gerais de trabalho são diferenciados de acordo com o sexo de quem trabalha. Reconheceu-se aqui uma segregação discriminatória das mulheres na área da engenharia, destacando-se dentre várias narrativas, o discurso indignado de E3 que afirma receber salário inferior ao do homem devido à sua condição feminina, apesar da sua formação acadêmica superior e, ainda, na narrativa de E4 que foi demitida de um emprego por não “poder ir à campo como homens” e pelo fato da área de licitação, considerada feminina, não haver vaga para trabalho.

Não limitando ao plano descritivo, identificou-se ainda no discurso de E2, que mesmo em áreas ditas femininas, existem atividades masculinas e femininas, uma vez que a gestão da subsecretaria pedagógica é realizada por uma mulher e a subsecretaria de apoio operacional é gestada por um homem.

Assim, considera-se que a naturalização de estereótipos femininos, como “trabalho leve, fácil, limpo, que exige paciência e minúcia” (Hirata, 1995, p. 43), contribuíram para a manutenção histórica dessa segregação, e constatou-se nesse trabalho que até mesmo as mulheres reproduzem tal situação. Essas características, longe de serem naturais, estão vinculadas ao trabalho reprodutivo doméstico, que contribui para a desvalorização do trabalho feminino produtivo.

Com base nos relatos das egressas, verificou-se que todas elas graduadas, estudantes de escolas públicas federais, vivenciaram desafios e barreiras nas áreas acadêmica e profissional. A despeito de seus contextos acadêmicos e profissionais, ao longo da descrição de suas trajetórias apresentaram situações de ingresso e concorrência no mercado de trabalho insustentáveis, marcadas por preconceitos e desigualdades. A justificativa de E2, que credita ao seu currículo e ao seu discurso firme e impositivo o cargo diretivo ocupado por ela na instituição que trabalha, demonstra a necessidade diária feminina de combater o sexismo e o preconceito em cargos de prestígio e poder. De forma contraditória, apesar de associar sua permanência no cargo de gestão ao seu currículo e postura impositiva ou masculinizada, E2 reafirmou o discurso de que os cargos de comando exercidos pelas mulheres demanda-lhes a necessidade de “desenvolvimento de competências

ditas masculinas” (QUIRINO, 2011), uma vez que o capital se apropria da fragilidade feminina e da força de trabalho disponível, conforme sua necessidade e interesse.

Os vários e muitos desafios vivenciados pelas mulheres devem ser evidenciados e considerados, uma vez que fazem parte da condição de trabalho feminina. Compreender que essas barreiras, dificuldades e desafios precisam ser superados é uma importante arma para que as mulheres ocupem cargos, funções e tarefas que não lhes foram historicamente reservadas e que modifiquem as estruturas do trabalho produtivo assalariado.

Na trajetória dessas mulheres, apurou-se que os limites impostos a elas estão na condição histórica e social familiar, quando desde pequenas são levadas a escolhas por cursos em áreas femininas, no trabalho reprodutivo, no sexismo inerente à sociedade e ao trabalho e também no avanço tecnológico que ao contrário da igualdade entre homens e mulheres, aumentou o fosso entre trabalho operacional qualificado masculino e trabalho secundário desqualificado feminino. Porém, graças a escolaridade, enfrentamentos e a busca incessante por uma carreira sólida, estas egressas encontram-se hoje em ocupações estáveis.

Apesar das barreiras invisíveis ou não, evidenciou-se nesse estudo que as mulheres vêm conquistando mais espaço no mercado de trabalho e, portanto, aumentando significativamente sua participação no mundo laboral produtivo. Este avanço, contudo, demonstrou que as mulheres dessa pesquisa que exercem suas atividades em áreas ditas femininas sofrem menos sexismo e preconceito e por isso se dizem mais felizes e realizadas, o que reitera a abordagem de que no mercado de trabalho as mulheres ocupam posição secundária em relação aos homens ou se dirigem às áreas ditas femininas para ascenderem e se realizarem profissionalmente.

Diante das lutas diárias e constantes, é indiscutível afirmar que a mulher sempre se mostrou forte e não desanimou perante as dificuldades encontradas e aos poucos ela vai “abraçando” as oportunidades que vão surgindo. Muitos dos papéis até então destinados aos homens, hoje apresentam outra configuração, até mesmo no setor financeiro e tecnológico, as novas gerações vem diluindo, mesmo que devagar essa idéia culturalmente formada.

As mulheres de hoje já são vistas com outros olhos. O próprio homem encontra na mulher um apoio no orçamento familiar e estas egressas são exemplos

claros desse suporte, exercem cargos estáveis e dividem com seus pares as despesas do lar.

A terceira categoria de análise, que busca as estratégias de resistência, deslocamentos e enfrentamento das egressas, mesmo que incipiente, aponta para uma busca pelo nivelamento entre os gêneros. Ainda que as diferenças não tenham sido suprimidas, as fronteiras entre trabalho masculino e feminino estão menos explícitas e cada conquista feminina diária, mesmo que pequena, está fazendo a história mudar o rumo, de forma a minimizar as desigualdades enfrentadas pelos gêneros.

É preciso considerar que as estratégias de resistência e de enfrentamento muitas vezes são inconscientes e atuam como respostas a uma ação numa relação de poder, nesse caso que os homens exercem sobre as mulheres. Ao mesmo tempo em que sofrem a ação, as mulheres agem sobre elas, modificando suas vidas e de outras mulheres. É por meio das práticas sociais, que as resistências vão se solidificando e mudanças vão acontecendo e alterando os rumos das sociedades.

Embora não faça parte das questões relevantes dessa pesquisa, é importante destacar que o assédio sexual associado à violência simbólica ainda constitui um grave entrave para mulheres na engenharia (LOMBARDI, 2017) e para mulheres em cargos de gestão. A depreciação pela capacidade técnica feminina, a desvalorização da condição de gênero baseado nas relações de poder verbalizadas pelos homens ainda é evidente nos dias de hoje, a saber, pela narrativa das egressas dessa pesquisa. Brincadeiras evidenciando a condição feminina, a forma de se vestir, comentários pejorativos e até convites indelicados foram mencionados durante as entrevistas. Em contrapartida, como forma de enfrentamento, todas as egressas que citaram algum tipo de assédio e/ou violência simbólica se posicionaram como mulheres profissionais que ali estão desempenhando atividades técnicas e como tal devem ser tratadas e respeitadas.

Conclui-se que a entrada e o avanço da mulher no mercado de trabalho, vieram para contribuir e agregar e não para competir com o homem. A polivalência feminina aumentou a participação das mulheres nos diversos setores industriais, econômicos e de ciência e tecnologia, devido à maior qualificação, enfrentamentos, resistência e ao seu nível de escolaridade a mulher tem avançado

Não é fácil para a mulher conciliar as tarefas do lar e do trabalho remunerado, mas é importante destacar que a força de vontade de vencer na vida, a luta por seus ideais, faz a mulher driblar esses desafios de ser multifuncional.

Espera-se por meio dessa pesquisa, contribuir para a produção de conhecimento acerca dos estudos sobre a divisão sexual do trabalho na área da formação acadêmica e da vida profissional, de forma a trazer ao debate questões que embora antigas, ainda permanecem. Assim, analisar como as egressas do IFMG – campus Ouro Preto, formadas no ano de 1996, no curso técnico em Edificações construíram suas carreiras acadêmicas e profissionais torna-se relevante, na medida em que se avança na busca da compreensão de como tem se dado a transformação das mulheres, que de vítimas da história, da cultura e dos estereótipos criados socialmente, tornam-se a cada dia sujeitos de um processo em transformação das desigualdades de sexo/gênero, ainda presente na sociedade.

Espera-se também colaborar para que as mulheres compreendam a sua importância na sociedade e assim possam estabelecer que a ascensão profissional feminina seja diretamente proporcional a sua inserção no mercado de trabalho. Dessa forma, a busca por relações mais iguais entre homens e mulheres no âmbito privado e público, vem sendo, ainda que aos poucos, conquistadas com esforço e luta diária pelas mulheres no espaço acadêmico e no mundo do trabalho, de forma a transgredir as regras de opressão da sociedade patriarcal e lograr uma igualdade de gênero tão sonhada.

6.1 Temas para pesquisas futuras

Ciente de que essa pesquisa não esgota as discussões acerca do tema e que a partir desse estudo, novos questionamentos vão surgindo, espera-se que os resultados desse trabalho sejam o ponto de partida para outras pesquisas relevantes.

Assim, apontam-se alguns questionamentos e inquietações em busca de respostas:

(i) Diante de um mundo de transformações e avanços diários, quais as percepções femininas a respeito da sua importância para as áreas técnicas e tecnológicas?

(ii) Como os homens percebem a entrada e permanência de mulheres em áreas ditas masculinas? Será que estamos avançando na desconstrução do patriarcado tão arraigado em nossa sociedade?

(iii) Quais as políticas empresariais utilizadas atualmente de forma a reduzir as desigualdades de gênero nas áreas ditas masculinas? Políticas de incentivo podem facilitar a ascensão das mulheres na economia e no mercado de trabalho?

Apesar das crescentes pesquisas envolvendo sexo e gênero, ainda há muito que pesquisar sobre as relações entre os sexos e divisão sexual do trabalho, sobretudo em seguimentos pouco explorados as quais se destacam aqui como sugestão de pesquisas futuras: mulheres nas áreas de construção, no trabalho informal, motoristas, na área policial e/ou guarda municipal e CEO em grandes corporações.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Laís Wendel. **A inserção da mulher no mercado de trabalho: uma força de trabalho secundária?** Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. 2007.

ALENCAR, Edgard. **Introdução à metodologia de pesquisa**. Lavras: UFLA, 1999.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2 ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

ALVES, Clarice do Rosário Rocha. **Educação Profissional e absorção no mercado de trabalho: um estudo com egressos do curso técnico em metalurgia do IFMG**. Dissertação de mestrado. Faculdade Mineira de Educação e Cultura – FUMEC. 2012.

ANTUNES, Ricardo. Os Sentidos do Trabalho. Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. **São Paulo: Boitempo**, 1999.

BRASIL. **DECRETO Nº 2.406**, de 27 de novembro de 1997. Regulamenta a Lei nº 8.948, de 8 de dezembro de 1994, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/antigos/d2406.htm. Acesso em: 10 de julho de 2018.

BRASIL. **Ministério do Trabalho e Emprego – Relatório Anual de Informações Sociais - RAIS**. Disponível em <<http://www.mte.org.br/htm>>.

BRITO, J. e OLIVEIRA, O. **Divisão Sexual do Trabalho e Desigualdade nos Espaços de Trabalho**. In: FILHO, F.S e JARDIM S. (orgs.) A Danação do Trabalho, Te Corá. Rio de Janeiro. 1997

BRUSCHINI, Cristina. **O Trabalho da Mulher Brasileira nas Décadas Recentes**. IN: L. LAVINAS et al., IV Conferência Internacional da Mulher/ II Seminário Nacional: Políticas Econômicas, Pobreza e Trabalho. Rio de Janeiro: IPEA, 1994.

BRUSCHINI, C. Fazendo as perguntas certas: como tornar visível a Contribuição econômica das mulheres para a sociedade? In: ABRAMO, L., ABREU, A. R. P. (orgs.). **Gênero e trabalho na sociologia latino-americana**. São Paulo; Rio de Janeiro: ALAST, 1998.

CARVALHO, Marília Gomes de; CASAGRANDE, Lindamir Salete. **Mulheres e Ciência: desafios e conquistas**. Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis. UFSC. Vol. 08. Nº 02. 2011.

CASAGRANDE, Lindamir S.; CARVALHO, Marília G. de. Desempenho escolar em matemática: **o que o gênero tem a ver com isso?** In: CASAGRANDE, Lindamir S.; CARVALHO, Marília G. de; LUZ, Nanci S. da. Igualdade de gênero: enfrentando o sexismo e a homofobia. Curitiba: Editora UTFPR, 2011, p.271-308.

CASAGRANDE, Lindamir S. LIMA E SOUSA, Ângela Maria Freire de. **Percorrendo labirintos: trajetórias e desafios de estudantes de engenharias e licenciaturas.** CADERNOS DE PESQUISA v.47 n.163 p.168-200 jan./mar. 2017

CORSINI, Leonora Figueiredo. **Êxodo Constituinte: Multidão, Democracia e Migrações.** Tese de Doutorado. Escola de Serviço Social. Programa de pós-graduação em serviço social. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2007.

DESLAURIERS J. P. **Recherche qualitative: guide pratique.** Québec (Ca): McGrawHill, Éditeurs, 1991.

DICKSON, Anne. **Mulheres no trabalho: estratégias de sobrevivência e sucesso.** São Paulo: Editora Globo, 2001.

DUARTE, Rosália. **Entrevistas em pesquisa qualitativa.** Educar, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004. Editora UFPR

FRIGOTTO, Gaudêncio **Educação e a crise do capitalismo real.** São Paulo: Cortez, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRAMSCI, A. **Obras escolhidas.** São Paulo: Martins Fontes, 1978.

IFMG. Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI. 2009-2013. Disponível em https://www.ifmg.edu.br/ouropreto/institucional/plano-de-desenvolvimento-institucional/pdi_ifmg_2009_2013versaofinal.pdf. Acesso em julho 2018.

HIRATA, Helena. Divisão - Relações Sociais de Sexo e do Trabalho: contribuição à discussão sobre o conceito de trabalho. **Em Aberto.** Brasília, ano 15, n.65. jan./mar. 1995.

HIRATA, Helena. **Nova divisão sexual do trabalho?** Um olhar voltado para a empresa e a sociedade. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

HIRATA, Helena. Tecnologia, formação profissional e relações de gênero no trabalho. **Revista Educação e Tecnologia**, Belo Horizonte, n.6, p.144-156. 2003.

HIRATA, Helena; KÉRGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, 2007.

HIRATA, Helena. KÉRGOAT, Danièle. Divisão Sexual do Trabalho Profissional e Doméstico: Brasil, França e Japão. In: COSTA, Albertina de Oliveira et al. (orgs.). **Mercado de Trabalho e Gênero: comparações internacionais.** Rio de Janeiro: FGV, p. 264-278, 2008.

HIRATA, Helena. Novas configurações da Divisão Sexual do Trabalho. **Revista Tecnologia e Sociedade** - 2ª Edição, 2010. ISSN (versão online): 1984-3526

IBGE. **Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**. 2015. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

INCERTI, Tânia G. V. CASAGRANDE, Lindamir Salete. **Relações de Gênero e Educação Profissional: uma análise a partir da realidade educacional do IFPR**. XI Jornadas Latino-americanas de Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia. ESOCITE. 2016

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO Teixeira – INEP. **Dados educacionais**. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/>

KÉRGOAT, Danièle. **Relações sociais de sexo e divisão sexual do trabalho**. In: LOPES, Marta J. M. MEYER, Dagmar E. WALDOW, Vera R. (orgs.) **Gênero e Saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 19-27, 1996. Disponível em: <http://ofensivamm.blogspot.com.br/2009/09/relacoes-sociais-desexo-edivisao.html>. Acesso em: 22 de setembro de 2018.

KÉRGOAT, Danièle. **Divisão Sexual do Trabalho e Relações Sociais de Sexo** (2003). In: HIRATA, Helena et. al. (orgs.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009.

LIMA, Betina Stefanello. **O labirinto de cristal: as trajetórias das cientistas na Física**. Rev. Estudos Feministas. Vol. 21, pp. 883-903. ISSN 0104-026X. Florianópolis, setembro-dezembro, 2013.

LOMBARDI, Maria Rosa. **Engenheiras Brasileiras: inserção e limites de gênero**. Cadernos de Pesquisa, v. 36, n. 127, p. 173-202, jan./abr. 2006.

LOMBARDI, Maria Rosa. **Carreiras de Engenheiras em Pesquisa Científica e Tecnológica: Conquistas e Desafios à Feminização**. (2011) - Versão atualizada e modificada de artigo apresentado na Conferência Internacional Women in Engineering and Technology Research – Prometea –. Paris. Outubro/2007.

LOMBARDI, Maria Rosa. **Engenheiras na construção civil. A feminização possível e a discriminação de gênero**. Cadernos de Pesquisa. v.47 n.163 p.122-146 jan./mar. 2017

LOPES, Sabrina Fernandes Pereira. **Relações de Gênero e Sexismo na Educação Profissional e Tecnológica**. As escolhas das alunas dos cursos Técnicos do CEFET-MG. Dissertação de Mestrado. CEFET-MG. Belo Horizonte, 2016.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MACHADO, Arthur Versiani. **Uma panorâmica sobre a história do IFMG - Ouro Preto**. In: SILVA, Fabiano Gomes da. MACHADO, Arthur Versiani. BARBOSA, Daniel Henrique Diniz. (orgs.) **O ensino técnico entre imagens e memórias institucionais: história, contextos e identidades do IFMG – campus Ouro Preto (1944-2014)**. Ouro Preto, p. 17-22. 2015.

MACHADO, Julice Maria Resende. **Da ausência à visibilidade: a inserção feminina no universo acadêmico do Instituto Federal de Minas Gerais –**

Campus Ouro Preto. In: SILVA, Fabiano Gomes da. MACHADO, Arthur Versiani. BARBOSA, Daniel Henrique Diniz. (orgs.) O ensino técnico entre imagens e memórias institucionais: história, contextos e identidades do IFMG – campus Ouro Preto (1944-2014). Ouro Preto, p. 89-104. 2015.

MARRY, Catherine. POCHIC, Sophie. Tradução Lia Obojes. O teto de vidro na França: o setor público é mais igualitário que o setor privado? Cadernos de Pesquisa. V.47 n.163, p.148-167 jan./mar. 2017

MARTINS, Conceição Garcia; LUZ, Nanci Stancki da; CARVALHO, Marília Gomes de. **Relações de gênero no trabalho doméstico.** Fazendo Gênero 9. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. 23 a 26 de agosto de 2010

MORRISON, A. **New solutions to the same old glass ceiling.** *Women in Management. Review*, [S.l.], v. 7, n.4. 1992.

MURARO, Rose Marie. **A mulher no terceiro milênio.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

NASCIMENTO, Mariângela. Relações de Trabalho e Novas Formas de Resistência: o caso das mulheres trabalhadoras da Bahia. 2016. BRASA - Brazilian Studies Association. Disponível em <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/24083>. Acesso em dezembro/2018.

NASCIMENTO, Sara Diniz. **Precarização do trabalho feminino:** a realidade das mulheres no mundo do trabalho. Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas. Paraná, 2014.

NOGUEIRA, Claudia Mazzei. **A feminização no mundo do trabalho:** entre a emancipação e a precarização. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

NOGUEIRA, Claudia Mazzei. **O trabalho duplicado** – A divisão sexual do trabalho e na reprodução: um estudo das trabalhadoras do telemarketing. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

NOGUEIRA, Claudia Mazzei. **As Relações Sociais de Gênero no Trabalho e na Reprodução.** Aurora. Ano IV. Nº 06. 2010

NOGUEIRA, Conceição. **A análise do discurso.** Em L. Almeida e E. Fernandes (Edts), Métodos e técnicas de avaliação: novos contributos para a prática e investigação. Braga: CEEP. 2001.

NOGUEIRA, Conceição. **As mulheres na liderança.** Números, ambiguidades e dificuldades. Guião da Educação. Gênero e Cidadania. CIG. Lisboa. Portugal. 2009.

OLINTO, G. **A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. Inc. Soc.,** Brasília, DF, v.5 n.1, p.68-77, jul. /dez. 2011.

PISCITELLI, Adriana. **Gênero: a história de um conceito.** São Paulo. Berlendis Editores Ltda. 2009.

QUIRINO, Raquel. **Mineração também é lugar de mulher!** Desvendando a (nova?!) face da divisão sexual do trabalho na mineração de ferro. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

QUIRINO, Raquel. **Divisão sexual do trabalho, gênero, relações de gênero e relações sociais de sexo:** Aproximações teórico-conceituais em uma perspectiva marxista. Artigo submetido e aprovado para publicação na Revista Trabalho & Educação de 2015 (nº. 24.2 ou 24.3). Disponível em <http://www.fae.ufmg.br/trabalhoeeducacao>. Acessado em: 28 out. 2015.

RAMOS, Marise Nogueira. **Concepção do Ensino Médio Integrado à Educação Profissional.** In: Secretaria de Estado da Educação do Paraná. (Org.). O Ensino Médio Integrado a Educação Profissional: concepções e construções a partir da implantação na rede pública do Paraná. 1ed.Curitiba: SEED-PR, 2009, v. 1, p. 23-37.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Quem tem medo dos esquemas patriarcais de pensamento? **Crítica Marxista.** Nº 11, 2000. p. 71-75.
Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=228911>

SAMPAIO, Simone Sobral. **Resistências.** Dossiê Foulcaut. Organização: Margareth Rago & Adilton Luís Martins. ISSN 1981-1225. Dezembro 2006/março 2007.

SANTOS, Cristina Santos do. **Exploração/dominação de gênero e a sua relação com a divisão sexual do trabalho na perspectiva dos direitos humanos.** GT 7. Feminismos, sexualidades e marxismos na América Latina Anais do V Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina “Revoluções nas Américas: passado, presente e futuro”, 2013.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos, GUINDANI, Joel Felipe. **Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas.** Rev. Bras. de História & Ciências Sociais. n. I, p. 1-15, jul., 2009.

SCOTT, Joan. **Gênero, uma categoria útil de análise histórica.** (1995). Educação e realidade, 2009.

SILVA, Nanci Stancki; CARVALHO, Marília Gomes de. **A Tecnologia e a Divisão Sexual do Trabalho.** Revista Relações de Gênero e Tecnologia. Vol. 07. Nº 07. UTFPR- Curitiba. 2003. Disponível em www.revistas.uftpr.edu.br

SIMÕES, Carlos A. Juventude e Educação Técnica: **a experiência na formação de jovens trabalhadores da Escola Estadual Prof. Horácio Macedo/CEFET-RJ.** 2007. 138 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

SOUSA, Luana Passos de; GUEDES, Dyeggo Rocha. **A desigual divisão sexual do trabalho:** um olhar sobre a última década. Estudos Avançados. 2016.

STANCKI, Nanci. **Divisão Sexual do Trabalho**: a sua constante reprodução. Paper apresentado no I Ciclo de Debates em Economia Industrial, Trabalho e Tecnologia. São Paulo, 2003. PUC-SP.

TOLEDO, Cecília. **Mulheres: o gênero nos une, a classe nos divide**. 2.ed. São Paulo: Sundermann, 2008.

TRIVIÑOS, Augusto. Introdução à pesquisa em ciências sociais: **a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

WACHWICZ, Lílian Anna. **A dialética na pesquisa em educação**. Revista Diálogo Educacional, PUCPR, v. 2, n. 3, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE A

LEVANTAMENTO DE TESES E DISSERTAÇÕES CAPES E ARTIGOS SCIELOS

TESES E DISSERTAÇÕES			
PALAVRAS CHAVES: Relações de Gênero, Educação Profissional / Mulher, Educação Profissional/ Sexismo, Educação Profissional / Mulher, Engenharia / Egressos, Educação Profissional, Nível Médio			
ANO	NATUREZA	TÍTULO	AUTOR(ES)
2012	Dissertação	Mulheres em áreas específicas da engenharia: fatores de influência em suas opções profissionais	BAHIA, Mônica Mansur
2011	Dissertação	A inserção da mulher no ensino técnico de nível médio: o caso da antiga escola técnica federal de minas gerais – CEFET-MG	CARDOSO, Vera Lúcia
2012	Dissertação	As competências das mulheres empreendedoras: um estudo de caso na ac minas	Diniz, Bruna Barbosa
2011	Dissertação	Gênero e trabalho: um estudo sobre as estratégias utilizadas por mulheres em posição de comando na área de tecnologia da informação (t.i.)	HEPP, karine
2011	Dissertação	Do domicílio ao canteiro de obras: a inserção da mão de obra feminina na construção civil	MANNA, Celeida Maria
2012	Dissertação	Os desafios da mulher executiva de empresas de tecnologia da informação	PERONA, Tadeu Moreira
2011	Tese	Mineração é lugar de mulher! Desvendando a (nova?!) Face	GONÇALVES, Raquel Quirino

		da divisão sexual do trabalho na mineração de ferro	
2012	Dissertação	Possibilidades e desafios na carreira de mulheres em cargos de comando no governo de Minas Gerais	PUIATI, Tatiane Cristina Franco
2012	Dissertação	Moças 'invadindo' o espaço masculino: a escola técnica da sociedade de assistência aos trabalhadores do carvão nos anos de 1970	ABEL, Jucelia da Silva
2011	Dissertação	Questões de gênero e empoderamento: percepções de professoras dos cursos de engenharia do CEFET-MG	FELIPE, Maura das Graças Lisboa de
2011	Dissertação	Gênero e trabalho: um estudo sobre as estratégias utilizadas por mulheres em posição de comando na área de tecnologia da informação (T.I.)	GUIMARÃES, Karine Hepp
2012	Dissertação	Educação profissional e absorção no mercado de trabalho: um estudo com egressos do curso técnico em metalurgia do Instituto Federal de Minas Gerais - IFMG	ALVES, Clarice do Rosário Rocha
2015	Dissertação	Programa mulheres mil: um olhar sobre a inserção das egressas no mundo do trabalho	TELES, Fabiene Brito Mendes
2010	Dissertação	A mulher no mundo do trabalho: peculiaridades, conquistas e perspectivas.	SERRO, Divina Aparecida Caumo
2015	Dissertação	A discriminação da mulher nas relações do trabalho: por um novo paradigma relacional	ELEUTÉRIO, Julia Melim Borges

2015	Dissertação	Educação profissional e relações de gênero: razões de escolha e a discriminação	ALMEIDA, Andréia
2012	Tese	As carreiras femininas no espaço contemporâneo: trajetórias e perspectivas de mulheres profissionais brasileiras	ANDRADE, Juliana Oliveira
2012	Tese	Mulheres na ciência: vozes, tempos, lugares e trajetórias.	SILVA, Fabiane Ferreira da
2011	Dissertação	Gênero, saber e poder: mulheres nas engenharias da Universidade Federal do Pará	CORREA, Raimunda de Nazaré Fernandes
2016	Dissertação	Relações de gênero e a formação de engenheiras e engenheiros'	MORAES, Adriana Zomer de
2016	Dissertação	Relações de gênero e sexismo na educação profissional e tecnológica: as escolhas das alunas dos cursos técnicos do CEFET-MG'	LOPES, Sabrina Fernandes Pereira
2015	Dissertação	A inserção de mulheres em postos de trabalho marcados pela lógica masculinizante: uma análise com as moto taxistas de Caicó - RN'	MEDEIROS, Priscilla Brandao de
2013	Dissertação	Canteiro de obras, lugar de mulher? Um estudo sobre as relações de gênero e trabalho no âmbito da construção civil de Fortaleza - CE'	SILVA, Mayra Rachel da
2014	Dissertação	Barreiras (in)visíveis: a segregação de gênero em cursos universitários da UFRN.	MELO, Brunilla Thais Queiroz de
2011	Dissertação	Divisão sexual do trabalho no corpo de bombeiros (2002-2006)	ARAÚJO, Welberte Ferreira de
2011	Dissertação	Mulheres operárias da construção civil: quem são e por que estão	SILVA, Floriscena Estevam Carneiro da

		adentrando nesse novo mercado de trabalho.	
2011	Dissertação	A construção de identidade profissional das mulheres engenheiras mecânicas: um estudo com egressas do CEFET-MG'	TADIM, Magda Cristina Figueiredo
2014	Dissertação	Particularidades do trabalho feminino: um debate entre o patriarcado e a divisão sexual do trabalho	BEZERRA, Ítala Carneiro
2014	Dissertação	Mulheres de ferro: a dupla jornada das operárias soldadoras na cidade do Rio Grande	NOBREGA, Rita de Lima
2016	Dissertação	A dupla jornada de trabalho feminino: realidade, implicações e perspectivas.	SIQUEIRA, Osmarina Mota
2012	Tese	Mulheres do século XX: memórias e significados de sua inserção no mercado formal de trabalho	STELMACHUCK, Maris stela da Luz

ARTIGOS CAPES – SCIELO				
ANO	NATUREZA	TÍTULO	PALAVRA-CHAVE	AUTOR(ES)
2010	CAPES	Identidade de Gênero e Identidade Profissional no campo de trabalho.	Sexismo na Educação Profissional	IMHOF, Sônia Schappo
2013	Revista Estudo Feministas, 2013, vol.21(3), p.883(21)[peri	O labirinto de cristal: as trajetórias das cientistas na física	Sexismo na Educação Profissional	STEFANELLO LIMA, Betina

	ódico revisado por pares] Cengage learning, inc.			
2013	Revista Artemis, 2013, vol.15, p.123(12) [periódico revisado por pares]	Revisitando o Binômio Sexo-Gênero	Sexismo na Educação Profissional	DINIS, Nilson Fernandes
2012	Revista da Escola de Enfermagem da USP, 01 february 2012, vol.46(1), pp.158-166 [periódico revisado por pares]	Formação profissional e inserção no mercado de trabalho: percepções de egressos de graduação em enfermagem	Egressos da Educação Profissional	COLENCI, Raquel; WEY BERTI, Heloísa
2010	Estudos de sociologia, 01 may 2010, vol.15(28) [periódico revisado por pares.	Percorrendo caminhos que conduzem ao curso técnico: entre incertezas e possibilidades	Egressos da Educação Profissional	TEIXEIRA, Ana Maria Freitas
2010		Estudo comparativo do papel do gênero nos factores sócio-cognitivos inerentes à	Mulher e tecnologia	CANHA, Marisa Fernandes de; Silva, José Tomás da

		escolha da formação superior nas áreas das ciências e tecnologia		
2016	Revista Estudo Feministas, 2016, vol.24(1), p.11(20) [periódico revisado por pares]	As mulheres praticando ciência no brasil.	Mulher e tecnologia	GROSSI, Márcia Goretti Ribeiro; BORJA, Shirley Doweslei Bernardes; LOPES, Aline Moraes; ANDALECIO, Aleixina Maria Lopes
2011	Rac - Revista de Administração Contemporânea, jan-feb, 2011, vol.15(1), p.126(12) [Periódico revisado por pares]	Ceos e composição do conselho de administração: a falta de identificação pode ser motivo para existência de teto de vidro para mulheres no Brasil?	Relações de gênero na EPT	MADALOZZO, Regina
2016	Educação & realidade, mar 2016, volume	Ensino médio integrado e	Egressos da educação profissional	SALES, Celecina Veras; VASCO

	41 nº 1 página s 69 – 90 - scielo	juventudes: desafios e projetos de futuro		NCELOS, Maria Aurilene de Deus Moreira
2014	Ciência & Educação (Bauru), abr 20 14, volume 20 nº 2 páginas 4 49 - 466	Trajetórias de mulheres na ciência: "ser cientista" e "ser mulher"	Relações de gênero na Educação Profissional	SILVA, Fabiane Ferreira da; RIBEIRO, Paula Regina Costa.
2016	Revista Estudos Feministas, de z 2016, volum e 24 nº 3 págin as 825 - 850	Para além do gênero: mulheres e homens em engenharias e licenciaturas	Relações de gênero	CASAGRANDE, Lindamir Salete; SOUZA, Ângela Maria Freire de Lima e
2016	Dados, set 201 6, volume 59 nº 3 páginas 71 9 - 754	Divisão sexual do trabalho e democracia	Relações de gênero	BIROLI, Flávia.
2016	Cadernos Pagu, 2016, nº 47 elo cation e16471 8	Desafios da interseccionalidad e em gênero, ciência e tecnologia	Relações de gênero e tecnologia	COSTA, Maria Conceição da; FELTRIN, Rebeca Buzzo.
2016	Cadernos Pagu, 2016, nº 48 elo cation e16480 5	Gênero, ciências e tecnologias: caminhos percorridos e novos desafios	Mulher e tecnologia	LIMA, Betina Stefanello; Costa, Maria Conceição da.

APÊNDICE B**QUESTIONÁRIO PRELIMINAR DE PRÉ-SELEÇÃO DAS EGRESSAS**

PÚBLICO ALVO: Mulheres, egressas, concluintes do curso técnico de Edificações do ano de 1996 da então ETFOP.

Nome:

Cidade de Residência:

Email:

Estado Civil:

Possui Filhos? () Sim () Não

Número de Filhos:

Idade dos Filhos:

Com quem reside?

Escolaridade:

Área de Formação:

Porque você escolheu este curso?

Você Trabalha?

Empresa:

Cargo/função Ocupada:

Número de horas de trabalho diário:

Possui empregada/ajudante em casa? () Sim () Não

APÊNDICE C

ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

ENTREVISTADAS: Egressas concluintes do curso técnico em Edificações do ano de 1996.

Categorias de Análise	Perguntas
Identificação e contexto	Nome: Idade: Escolaridade: Estado Civil: Com quem reside: Número de Filhos: A quanto tempo trabalha na empresa: Cargo/função: Quantas horas de trabalho/dia:
Trajetória da Formação Acadêmica e profissional.	Porque você escolheu o curso técnico em Edificações? Ao término do curso de Edificações, você colocou grau? Por quê? O curso técnico em Edificações te agregou alguma coisa na formação acadêmica? E profissional? Quanto tempo depois você entrou para a faculdade? Qual a sua formação atual? Fez mestrado e doutorado? Porque você escolheu este curso? E esta universidade? Você estudava à noite ou durante o dia? Você trabalhava enquanto estudava? Em qual função?

	Quanto tempo depois do curso técnico você se graduou? Você se casou? Quando? Em quais áreas e/ou funções você trabalhou até o momento? Você trabalha na sua área de formação atualmente? Qual a sua função?
Limites, estratégias de resistências, desafios e possibilidades de ascensão dessas egressas.	Você encontrou alguma dificuldade para trabalhar na área de formação técnica? E na formação atual? Você acha que o curso técnico preparou mulheres e homens para as mesmas funções? Quando você estava fazendo o curso técnico, você pensava em trabalhar na área? Qual atividade você desempenha, ou melhor, o que você faz atualmente na empresa? Há quanto tempo você desempenha essa atividade? Você enfrentou algum desafio para estar nesta função? Você conseguiu alguma promoção neste período? Qual a sua jornada diária de trabalho na empresa? Quantas mulheres e quantos homens trabalham hoje com você? Quanto(a)s exercem a mesma função que você? E quantos exercem as mesmas atividades? Homens e mulheres com a mesma função exercem as mesmas atividades na sua empresa? Você acredita que há preconceito com o gênero feminino na empresa que você trabalha? Você precisa de força física no seu trabalho?
	Quando você sai do trabalho, você faz alguma

tarefas diferenciadas por gênero - Trabalho produtivo e reprodutivo.	coisa em casa? Tem ajudante do lar ou empregada? Qual a frequência? Se não tem ajudante, alguém da sua família te ajuda no trabalho doméstico? O que eles fazem pra te ajudar? Quem vai ao supermercado? E com os filhos? Quem os auxilia nas tarefas escolares em caso de necessidades? Como você acha que está a evolução da mulher no mercado de trabalho? Ela está se igualando aos homens nas áreas profissionais? E no trabalho doméstico?
--	---

APÊNDICE D

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisa: **TRAJETÓRIAS ACADÊMICO-PROFISSIONAIS DE EGRESSAS DO CURSO TÉCNICO EM EDIFICAÇÕES: A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL**

Você está sendo convidada a participar como voluntária de uma pesquisa acadêmica que tem como objetivo: Analisar as trajetórias acadêmico-profissionais de egressas concluintes do Curso Técnico em Edificações, da então ETFOP, do ano de 1996, a fim de se compreender as influências da divisão sexual do trabalho em suas escolhas, bem como os desafios, dificuldades e estratégias de resistência para se inserirem e ascenderem profissionalmente nas áreas técnica e tecnológica.

A sua participação consistirá em responder a uma entrevista com questões relativas **ao seu perfil pessoal, sua trajetória acadêmica e profissional e algumas questões sobre o que levou a escolher sobre sua área de profissão.**

Os locais e horários das entrevistas serão combinados com você, respeitando a sua disponibilidade e preferência. Você não terá nenhum custo com a pesquisa.

Esclarecemos que o uso do material coletado será destinado única e exclusivamente para a realização desta pesquisa e que, tanto a sua identidade quanto a da empresa na qual você trabalha, serão omitidos por meio do uso de nomes fictícios. Você poderá se recusar a qualquer momento, não havendo nenhum prejuízo pessoal, caso sua decisão seja a de não participar da pesquisa.

Os riscos decorrentes da participação na pesquisa são mínimos, restringindo-se a um possível cansaço ao longo da entrevista. Nesse caso a entrevista poderá ser interrompida e remarcada para outra dada, de acordo com a sua preferência.

Informamos ainda que o benefício em participar dessa pesquisa é muito abrangente, visto que os resultados poderão contribuir para **a análise das relações sociais de sexo/gênero na sociedade atual visando a redução das desigualdades entre homens e mulheres na Educação Profissional e Tecnológica e no mundo do trabalho.**

Em caso de dúvidas, os pesquisadores responsáveis colocam-se à disposição pelos contatos:

Mestranda: Gissele Quirino Hervculano – (31) 98718-1287 –
giquirino@yahoo.com.br

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Adélia da Costa – (31) 99573-8503 –
adélia.cefemg@gmail.com

Dúvidas referentes às questões éticas poderão ser esclarecidas diretamente com o Comitê de Ética e Pesquisa (COEP) da Diretoria de Pós-Graduação (DPPG) do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), pelo telefone: (31) 3319-7022 ou pelo endereço Av. Amazonas, nº 5.652, Prédio Administrativo, 3º andar, Campus I, Bairro Nova Suíça, Belo Horizonte - MG.

APÊNDICE E**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DAS PARTICIPANTES**

Eu, _____,
Carteira de Identidade nº _____,
Telefone () _____, informo que li e entendi as informações
prestadas neste termo de consentimento e que concordo em participar da pesquisa
ora apresentada, como respondente da entrevista a ser realizada pelos
pesquisadores responsáveis.

_____, _____ de _____ de _____.

(Assinatura)

APÊNDICE F

CARTA DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISADORA AO IFMG-OURO PRETO

Belo Horizonte, 06 de abril de 2018.

Ao Instituto Federal de Minas Gerais – Campus Ouro Preto.

Prezado Diretor de Ensino Venilson Luciano Benigno Fonseca,

Por meio desta apresentamos o (a) acadêmico (a) **Gissele Quirino Herculano Xavier**, estudante de mestrado em Educação Tecnológica, devidamente matriculado (a) no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG, que está realizando a pesquisa intitulada “**A Divisão Sexual do Trabalho na Educação Profissional: Trajetórias Acadêmico-profissionais de Egressas do Curso Técnico em Edificações**”.

O objetivo do estudo é analisar as trajetórias acadêmico-profissionais de egressas, concluintes do curso técnico em Edificações, no ano de 1996, da então ETFOP, a fim de se compreender as influências da divisão sexual do trabalho em suas escolhas, bem como os desafios, dificuldades e estratégias de resistência para se inserirem e ascenderem profissionalmente na área técnica e tecnológica.

Na oportunidade, solicitamos autorização para que a aluna realize a pesquisa através da coleta de dados documentais tais como:

Dados históricos do curso de Edificações (Data de Início do Curso; Número de Turmas formadas, Número de Projetos Pedagógicos);

Número de egressos concluintes do curso (homens e mulheres), se possível anualmente;

Especificamente, todos os dados do curso de Edificações Integrado (ano 1996).

Projeto Pedagógico do curso de Edificações (ano 1996);

Perfil do egresso (1996)

PDI – ETFOP (1996).

Queremos informar que o caráter ético desta pesquisa assegura a preservação da identidade das pessoas participantes.

Solicitamos ainda a permissão para a divulgação desses resultados e suas respectivas conclusões, em forma de pesquisa, preservando sigilo e ética, conforme termo de consentimento livre que será assinado pelo participante. Esclarecemos que tal autorização é uma pré-condição.

Agradecemos vossa compreensão e colaboração no processo de desenvolvimento deste (a) futuro (a) profissional e da iniciação à pesquisa científica em nossa região. Em caso de dúvida você pode procurar a coordenação do Mestrado pelo telefone: (31) 3319-6806 ou pelo e-mail: et.cefetmg@gmail.com

Atenciosamente,

.....

Profa Dra. Maria Adélia da Costa

Professora Orientadora – CEFET-MG

APÊNDICE G

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO IFMG PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA DOCUMENTAL



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS – Campus Ouro Preto (IFMG-OP)

Rua Pandiá Calógeras, 898 – Bairro Bauxita – Ouro Preto - 35400-000

Telefone: (31) 3559-2118 – E-mail: graduação.ouopreto@ifmg.edu.br

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

O Instituto Federal de Minas Gerais – IFMG - campus Ouro Preto, *multicampi*, instituição pública e gratuita, com oferta educacional verticalizada (do técnico à pós-graduação *latu-sensu*), contemplando, de forma indissociada, o ensino, a pesquisa e a extensão – é uma instituição aberta à realização de estudos e pesquisas em seus ambientes institucionais, por parte de pesquisadores internos e externos.

A referida autorização abrangerá a realização de uma pesquisa qualitativa/quantitativa, que utilizará como instrumentos análise documental/dados dos egressos do curso Técnico Integrado em Edificações, necessários ao desenvolvimento da dissertação, intitulado **“TRAJETÓRIAS ACADÊMICO-PROFISSIONAIS DE EGRESSAS DO CURSO TÉCNICO EM EDIFICAÇÕES: A Divisão Sexual do Trabalho na Educação Profissional”**, sob orientação da Prof.^a Dr^a Maria Adélia da Costa, vinculados ao Programa de Mestrado em Educação Tecnológica do CEFET-MG.

Nessas condições e tendo em vista a função social da Instituição para contribuir para o desenvolvimento científico, tecnológico e sociocultural, por meio, particularmente, da pesquisa e da inovação, a Direção do IFMG-OP, autoriza a realização de trabalho relativo à pesquisa cujos dados estão discriminados em anexo. Além disso, autoriza também a menção ao nome do IFOP-MG no estudo em pauta. Entretanto, em respeito ao Decreto de 7.724, de 16 de maio de 2012, que regulamenta a lei 12.527, de 18/12/2011, as informações pessoais relativas à

intimidade, vida privada, honra e imagem detidas pelos órgãos e entidades serão permitidas, desde que necessárias à realização de estatísticas e pesquisas científicas de evidente interesse público ou geral, previstos em lei, vedada a identificação da pessoa a que a informação se referir, de forma direta ou indireta, ou mediante consentimento expresso da pessoa às quais os pesquisadores se referirem.

As atividades da pesquisa e seus produtos não poderão implicar, para o IFMG-OP e seus sujeitos, qualquer dano, prejuízo ou constrangimento de ordem educacional, sociocultural, financeiro, além de não poderem denegrir a imagem institucional e deverão ser conduzidas dentro dos princípios éticos e de elegância e respeito acadêmicos. O (a) pesquisador (a) se compromete a encaminhar ao IFMG-OP, cópia dos produtos gerados a partir da pesquisa e a observar este termo, conforme explicitação abaixo.

Assim posto, autorizo **Gissele Quirino Herculano Xavier**, aluna do Curso de Mestrado em Educação Tecnológica, do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG, desenvolver a pesquisa intitulada “**TRAJETÓRIAS ACADÊMICO-PROFISSIONAIS DE EGRESSAS DO CURSO TÉCNICO EM EDIFICAÇÕES: A Divisão Sexual do Trabalho na Educação Profissional**” a realizar sua pesquisa nesta Instituição.

Ouro Preto, ____ de _____ de 2018.

Prof. Dr. Venilson Luciano Benigno Fonseca
Diretor de Ensino do IFMG-OP

Estou ciente dos termos desta autorização, comprometo-me a observá-los e arcar com as consequências do seu eventual não cumprimento.

Pesquisador

Orientador